

## INTRODUÇÃO

Sabe-se que por volta de 1.000 AEC a 800 AEC, as principais cidades micênicas da Grécia continental tinham sido destruídas e este período ficou conhecido como Idade das Trevas Grega. A escrita micênica se perdeu e durante este período não há indícios de que algum outro tipo de comunicação através da grafia fosse utilizada naquela região. Apesar de ainda existirem muitos debates sobre este assunto, acredita-se que a cultura era formulada e disseminada através da oralidade e, para que isso ocorresse, algumas técnicas mnemônicas de composição eram usadas e assimiladas de geração em geração.

O presente trabalho recorre a doze histórias da mitologia grega, de conteúdo similar, que seguem um determinado padrão de enredo onde uma mulher sente uma enorme paixão por um rapaz que não corresponde ao seu sentimento e com isso decide se vingar dele. Este tema é universal e pode parecer bastante atual, mas a proposta do presente trabalho é mostrar que os pontos em comum talvez não sejam coincidências, mas uma prova de que os mitos eram longamente conhecidos, difundidos e reorganizados para trazer entretenimento à sociedade e talvez as semelhanças entre as histórias sejam originadas das técnicas tradicionais orais usadas por muito tempo e refletidas posteriormente nos trabalhos mais modernos.

Os estudos sobre a composição dos versos de Homero e outros que culminaram no desenvolvimento da Teoria Oral foram essenciais para a melhor compreensão das histórias e não se poderia deixar de citar os estudos de Milman Parry, Albert Lord e John Foley. Através deles, foi possível observar que certos padrões existiam, mas eram maleáveis a ponto de não comprometer as características dos trabalhos artísticos nem a criatividade dos compositores. O objetivo deste trabalho é tentar despertar o interesse dos estudantes das obras clássicas, de letras, da filosofia e dos admiradores da Mitologia Grega de modo geral pelo estudo comparado das obras selecionadas.

## METODOLOGIA

Alguns poetas antigos tinham seus nomes acrescentados às suas composições e isto fazia com que se tornassem imortais junto a elas. Hesíodo e Safo, por exemplo, eram mencionados em suas obras e as informações sobre eles são mais amplas do que as que foram obtidas acerca de outros artistas, cujas produções se perderam. Infelizmente, tanto a *Ilíada* quanto a *Odisseia* não possuem tal assinatura no corpo do poema, o que desencadeou os inúmeros questionamentos a respeito de quem as teria criado. Existem poucos exemplos na *Ilíada* e na *Odisseia* de referências do autor a ele próprio e estas foram feitas sempre através de pronomes, o que não possibilitou a identificação do responsável pelos dois épicos. Os antepassados acreditavam na existência de Homero como uma figura histórica à qual a criação das duas histórias era atribuída. Alguns pesquisadores acreditam que a omissão do nome de Homero em seus versos fosse justificada pelo desejo de torná-los atemporais, de forma que pudessem ser entoados a qualquer tempo e em qualquer lugar. Apenas séculos depois, um interesse pela vida de Homero começou a surgir. Biografias foram traçadas, mas as informações eram muitas vezes contraditórias. As divergências diziam respeito ao nome de Homero, de seus pais, da cidade onde ele teria nascido, entre outras. Todos os dilemas sobre ele faziam parte de duas questões principais: se teria mesmo existido e se seria o único compositor da *Ilíada* e da *Odisseia*. Esses questionamentos foram conhecidos como a Questão Homérica.

Os Homeristas por muito tempo fizeram parte de uma das duas correntes mais influentes sobre o tema: a dos Analistas e a dos Unitaristas. O primeiro grupo considerava que ambas as obras tinham sido concebidas por mais de uma pessoa. As discrepâncias nos enredos eram entendidas como provas de que as narrativas eram provenientes de diferentes períodos e teriam a autoria de mais de uma pessoa. Uma espécie de editor as teria incorporado às porções principais, tornando os trabalhos mais coesos e dando a impressão de uniformidade <sup>1</sup>. Os Unitaristas, por sua vez, defendiam a existência de um único responsável pelas duas produções artísticas. As passagens dissonantes eram vistas como lapsos naturais próprios do ato da criação. A expressão latina de Horácio “*Quandoque bonus dormitat Homerus*” fazia referência às incongruências encontradas em ambas as epopeias <sup>2</sup>. Horácio, assim como os membros da escola alexandrina de Zoilo, indignava-se com a aparição das disparidades, mas as compreendia como provenientes das imperfeições humanas, que mesmo Homero apresentava. Conforme os relatos dos antigos, os membros dessa corrente creditavam as glórias dos dois trabalhos a Homero, um *aedo* singular, criador das obras mais antigas e impressionantes da literatura ocidental <sup>3</sup>.

A Questão Homérica direcionou majoritariamente os debates sobre a *Ilíada* e a *Odisseia* até que, no início do século XX, uma teoria inovadora sobre a composição foi desenvolvida e a atenção sobre as dúvidas a respeito da autoria dos épicos e do uso da escrita neles cederam lugar a uma nova

<sup>1</sup> Cf. NUNES (2015) Introdução; SAÏD (2001) 7-45.

<sup>2</sup> FERNANDES (2012) 108.

<sup>3</sup> WHITMAN (1958).

reflexão sobre os procedimentos de elaboração aplicados para produzi-los. O responsável pela mudança de perspectiva relativa aos estudos da épica grega foi o classicista americano Milman Parry. Em sua tese de mestrado, em 1925, e em outras duas de doutorado, em 1928, defendia a hipótese de que Homero teria sido treinado para utilizar uma forma de composição tradicional e que esta técnica seria muito antiga, sendo que o legado homérico poderia ser considerado o ápice de um processo criativo, cuja origem remontava, pelo menos, ao período Micênico.

Foi através do exame das frases e nomes-epítetos que Parry começou a observar que talvez houvesse um propósito no estilo repetitivo de Homero. Em ambos os poemas muitas construções eram conhecidas e recorrentes. Elas foram chamadas de *fórmulas*. As fórmulas apareciam sob as mesmas condições métricas e eram frequentes em muitos versos. Parry também definiu o que ele chamou de *sistema formular*: expressões que eram formadas por uma parte fixa e outra móvel, que eram flexíveis o suficiente para expressar um número maior de informações sem que a métrica fosse alterada. O uso de repetições de frases ajudava o *aedo* a trabalhar de modo mais dinâmico, uma vez que os versos eram compostos e entoados simultaneamente. Neste caso, a praticidade era imprescindível e a aplicação da linguagem tradicional permitia que os autores criassem suas obras com mais agilidade. Esta linguagem era previamente estabelecida e tinha sido utilizada por gerações de poetas que a aperfeiçoaram até que chegasse a Homero <sup>4</sup>.

Os primeiros escritos de Parry foram relevantes porque mostravam que existia uma relação entre o uso das fórmulas e a manutenção da métrica. Outra observação importante dizia respeito ao dialeto usado por Homero. A linguagem empregada pelo poeta homérico e seus antepassados diferia consideravelmente da língua falada por seus contemporâneos, o que talvez fosse um efeito da necessidade de combinação entre as frases no verso, respeitando os limites do hexâmetro.

A princípio, Parry não associava a tradição homérica à oralidade, mas posteriormente foi parecendo cada vez mais possível que ela fizesse parte da técnica e que tenha sido uma ferramenta viável na concepção dos poemas. Após ter tido contato com relatos de outras culturas sobre tradições orais, Parry começou a considerar esta hipótese, em especial após ter tomado conhecimento dos escritos de Matija Murko sobre a épica eslava meridional e de V. V. Radlov sobre a épica da Ásia Central <sup>5</sup>. O linguista Antoine Meillet, orientador de Parry em Sorbone, sugeriu a ele que as fórmulas nas criações de Homero eram uma característica da composição oral. Esse argumento serviu de base para o desenvolvimento de sua teoria que passou a ser denominada *Hipótese Formulaica Oral*. Meillet apresentou Parry a Murko, filólogo esloveno que tinha estudado e registrado performances da épica oral na Bósnia e estes escritos o levaram ao estudo da poesia oral e aos poemas eslavos, uma vez que o tamanho reduzido do corpus homérico e dos épicos gregos preservados o deixava sem outras opções para realizar suas análises. Em companhia de Albert Lord, seu assistente, viajou para a antiga Iugoslávia para verificar se sua teoria se aplicava também a essas expressões artísticas, o que ele pode comprovar pessoalmente através da pesquisa de campo.

Parry e Lord gravaram as performances de poesias orais ainda em vigor na Iugoslávia com a

<sup>4</sup> FOLEY (1999) 108.

<sup>5</sup> FOLEY (1999) 14.

ajuda de Nikola Vujnovic, o assistente nativo, e observaram o processo de formação delas. Notaram que poetas eslavos usavam uma linguagem constituída por frases recorrentes, que em muitos aspectos se assemelhava à de Homero. Pareciam ter encontrado uma amostra atual de poesia oral que confirmava as ideias propostas por Parry sobre os registros homéricos de uma maneira inovadora e elucidativa.

Devido à sua morte prematura, Parry não pôde dar prosseguimento às pesquisas, mas Lord se encarregou de expandir a investigação e desenvolver a Teoria Oral. Entrevistou os musicistas eslavos para tentar entender como conseguiam compor e expor as canções ao mesmo tempo. Descobriu que muitas vezes frases inteiras eram apreendidas como uma única partícula, o que facilitava a memorização delas. Quando o compositor recorria à determinada palavra, ela aparecia junto a outras como um bloco, por isso muitas frases se repetiam e palavras apareciam unidas e nas mesmas posições. Alguns trechos eram frequentes como um refrão. Esta estrutura pré-moldada atendia às necessidades da métrica, como Parry havia imaginado.

Além da verificação das frases recorrentes, Lord também detectou outras unidades comuns nas narrativas que eram igualmente tradicionais: as cenas típicas e os padrões de enredo. Assim como as fórmulas, as cenas típicas e os padrões de enredo eram contínuos e tinham uma função de tornar a construção das canções mais dinâmica, mas diferiam nos níveis da narrativa. Enquanto as fórmulas eram concernentes aos versos, as cenas típicas e os padrões de enredo correspondiam a partes mais amplas do conjunto. Lord também descreveu a formação do poeta oral e acrescentou aos estudos iniciados por Parry a análise de outros trabalhos externos ao corpus homérico e às canções eslavas, tais como *Beowulf*, *Gilgamesh* e *A Canção de Rolando*. As comparações entre as diversas literaturas mostraram semelhanças entre as composições orais de narrativas tradicionais, o que trouxe uma abordagem mais abrangente à Teoria Oral.

Dentre os cantores eslavos que entraram em contato com Lord, Avdo Medjedovic foi o que mais se sobressaiu, tanto pelo tamanho de sua canção – *O Casamento de Smailagic Meho* – quanto pela qualidade poética dela. Sua criação possuía mais de doze mil versos, quase a mesma extensão da *Odisseia*, o enredo era típico da épica tradicional e a coesão do trabalho conferia justa notoriedade a ele. A analogia entre Homero e Avdo Medjedovic revelou que, através da utilização dos métodos de composição tradicionais, um autor talentoso poderia criar um poema memorável, de grandes proporções e habilidade artística. A comparação foi útil, pois esclareceu questões sobre a estrutura e o significado do registro poético, apesar de possuir seus limites naturais.

Posteriormente, John Miles Foley deu prosseguimento à investigação sobre a Tradição Oral. Assim como Parry e Lord, Foley também fez uso das amostras da poesia eslava para incorporá-las ao corpus homérico, já que a *Iliada* e a *Odisseia* pertenciam a subgêneros diferentes e por isso não podiam ser comparadas. Na interpretação de Foley, Homero, ao invés de ser entendido unicamente como o homem por detrás dos mais ilustres épicos gregos, é assimilado como um nome que representava a própria tradição poética, que abrangia outros artistas e que seria uma espécie de símbolo para os melhores cantores, autores de trabalhos de excelência. A tradição é compreendida

pelo autor não como algo estático, mas como uma linguagem especializada, com propósitos e contextos particulares, que estava sempre em movimento, desenvolvendo-se e sendo enriquecida por novos compositores e composições. A linguagem dependia daqueles que se utilizavam dela e não existiria sem eles, mas apenas os que possuíam talento tinham habilidade de criar obras memoráveis. Tanto a tradição quanto o indivíduo eram elementos indispensáveis para a composição de uma canção de qualidade, o artista desenvolvia a canção e a tradição era o veículo que conduzia seu trabalho. A poesia épica arcaica foi um tipo delicado de arte, singular em sua concepção, recepção e significado e o estudo da Tradição Oral tem como objetivo desvendar tanto os aspectos da criação dos poemas quanto as suas características da recepção pelas audiências antigas e atuais.

Foley também estudou as três unidades tradicionais, mas, ao invés de examiná-las como a ferramenta que auxiliava a construção dos versos, como tinham feito Parry e Lord, Foley resolveu investigar o significado das unidades para a recepção delas, tanto por aqueles que as escutavam no momento em que eram apresentadas, como pelos leitores modernos. O padrão de enredo era o maior elemento tradicional que formava as obras e a partir dele eram compostas as cenas típicas, que por sua vez eram constituídas pelas fórmulas.

As fórmulas eram situadas nas linhas do poema. Embora fossem a menor das unidades tradicionais, eram de grande valor porque potencializavam o exercício dos compositores e transmitiam mensagens amplas através de poucas palavras, uma vez que as fórmulas eram reconhecidas imediatamente pela audiência e faziam alusão a aspectos culturais que nem sempre se limitavam ao sentido denotativo das frases. As fórmulas eram colocadas junto a outras palavras, de modo a concluir o hexâmetro com mais precisão e rapidez. Como um quebra-cabeça, as frases-fórmula e frases-epíteto formavam uma grande porção do verso e ficavam disponíveis para que o cantor pudesse ligá-las à outra parte flexível que completasse o hexâmetro perfeitamente. Este processo era uma solução para o desafio da composição oral durante a performance. As fórmulas nome-epíteto eram normalmente invariáveis e se combinavam com outras palavras para constituir um verso. O grande número de fórmulas nome-epíteto oferecia amplas possibilidades de combinação entre personagens e ações. A plasticidade inerente, a estrutura idiomática e os eventos recorrentes guiavam o autor, no momento da composição, e a audiência ou o leitor, na recepção da história.

As cenas típicas eram certas situações no poema que tinham ordenamento similar e constante, onde eram usados sistemas formulares ou blocos de linguagem. Os eventos de um mesmo grupo eram descritos de forma parecida, o que caracterizava um padrão dentro das cenas de temática comum. Algumas delas tinham esquema e conteúdo aproximados, mas eram maleáveis o suficiente para que fossem moldadas conforme a vontade do compositor. As cenas típicas eram variadas e classificadas por categorias, sendo que as principais divisões eram assentadas por subgrupos de conteúdo equivalente.

O padrão de enredo era a maior estrutura de todas. A partir da comparação entre composições tornou-se possível notar que o conteúdo que possuíam muitas vezes era correlato e, dessa forma, os padrões foram detectados. As narrativas tinham desenvolvimento lógico semelhante,

independente do local ou do momento em que foram elaboradas. Essa unidade de expressão contextualizava histórias diversas e demonstrava que elas possuíam um pano de fundo similar. Este instrumento de expressão, porém, era flexível o bastante para oferecer ao artista oportunidades de variação dentro de certos limites. O autor encontrava liberdade para modificar alguns aspectos do enredo, sem descaracterizá-lo. A plasticidade das unidades tradicionais permitia que o compositor fizesse ajustes necessários no momento em que elaborava suas canções, sem deixar que as modificações as afastassem completamente dos modelos tradicionais.

Foley chama de *sêma* todos os sinais, sempre tradicionais, que possuem um significado idiomático além do literal. Quando se tratam de palavras ou expressões, os sinais transmitem valores que ultrapassam o sentido denotativo do léxico, mas o *sêma* pode estar presente tanto nas frases, quanto nas cenas típicas ou no padrão de enredo e o conjunto destes símbolos especiais é denominado *sêmata*. Os *sêmata* eram transmitidos e decifrados com naturalidade e a poesia muitas vezes conseguia reportar mais detalhes do que aparentava, pois os símbolos eram uma espécie de veículo econômico que conseguia agrupar informações importantes à história usando menos palavras que o necessário, uma vez que muito do que se queria dizer ficava implícito nas expressões e unidades especiais. Os códigos ocultos dos sinais eram importantes para a recepção dos poemas, por isso o entendimento deles se tornava essencial para a compreensão da própria obra, uma vez que isso ajudava a decodificar as mensagens incutidas neles. Este sistema de comunicação era reconhecido pela comunidade e preservado através das gerações. Foley utiliza a cama de Odisseu e Penélope como metáfora para explicar o funcionamento de um *sêma*. O objeto tem uma característica peculiar que só o casal conhece e esse detalhe é usado pela esposa para se certificar se o homem que aparece em seu palácio é mesmo seu marido. A cama possui um significado maior do que sua mera correspondência como parte da mobília da casa. A particularidade do objeto une o casal através de um segredo compartilhado apenas pelos dois, pois quando Penélope pede a Odisseu que transfira a cama em que dormiam para outro local da casa, apenas Odisseu seria capaz de saber que tal coisa não seria possível, uma vez que a cama era fixada no quarto e por esta razão não poderia ser removida de onde se encontrava.

A audiência também já estaria acostumada com esse tipo de detalhe essencial à história, que assegurava a reviravolta da trama e confirmava as palavras do herói sobre quem ele se dizia ser. O mesmo acontece com a cicatriz na coxa de Odisseu, que também aparece de formas análogas em outras histórias de *Canção de Retorno*, como um elemento que comprova que o herói é mesmo aquele que volta ao seu lar e não um mero pretendente ao seu trono se passando por ele.

No nível dos versos, algumas frases do corpus homérico podem ser citadas como exemplos de *sêmata*, pois conseguem trazer ao imaginário informações que não são explícitas no verso, mas que estão presentes na forma de comunicação tradicional. Quando Homero mencionava o medo verde (*chlôron deos*), a audiência, familiarizada com sua linguagem, imediatamente reconhecia que não se tratava de um medo qualquer, mas de um sentimento de pavor intenso, possivelmente acometido por uma situação sobrenatural. Da mesma forma, que o mar cor de vinho (*oinops pontos*) evocava uma

imagem igualmente conotativa, que a sociedade ciente dos códigos da tradição estava apta a decifrar.

Sobre as cenas-padrão, Foley menciona dois *sêmata* principais retirados da *Odisseia*: o banquete e a lamentação. Ambos os exemplos são constituídos por sequências de eventos padronizadas, que possuem certa flexibilidade de ação, dentro dos limites naturais de cada tipo. Os banquetes, por exemplo, têm anfitriões e hóspedes variados, mas o modo como os personagens se convidam a sentar em companhia, os verbos usados na construção do poema e a ordem dos acontecimentos costumam ser similares, demonstrando assim que fazem parte de um encadeamento lógico aproximado.

Com relação ao padrão de enredo, Foley verifica as equivalências presentes nos poemas sobre a *Canção de Retorno*, escolhendo comparar a *Odisseia* com alguns exemplos da poesia oral eslava meridional que são análogas à obra de Homero. As amostras recolhidas por Foley apresentam similaridades no desenvolvimento das histórias, o que o leva a crer que existe um propósito para que o drama de Odisseu seja narrado fora de sua ordem cronológica, assim como o comportamento cético de Penélope tem uma razão, não é uma característica puramente inerente à sua personalidade.

A metodologia de análise utilizada por Foley para descobrir os *sêmata* consistia na coleta de exemplos de cada sinal e na verificação da presença ou ausência de alguma implicação tradicional que extrapolava seu significado literal. As múltiplas amostras eram comparadas através de resumos de obras análogas e, caso possuíssem estrutura recorrente, cada *sêma* poderia ser detectado e investigado em conjunto.

A detecção dos sinais pode trazer grandes avanços na interpretação das histórias, além de auxiliar a compreensão de seu papel na criação dos trabalhos artísticos. As estruturas composicionais tradicionais eram essenciais para a construção dos trabalhos desse ramo, pois muitas vezes a audiência já conhecia os mitos relatados, então os detalhes geravam expectativa e contextualizavam os ouvintes e, posteriormente, os leitores. O público da época tinha uma oportunidade de contribuir com a produção, trazendo para ela seu conhecimento das implicações tradicionais. A fluência no registro e no significado permite que os sinais sejam identificados e claramente compreendidos. Os símbolos podem ser lidos nas entrelinhas e o entendimento das obras é enriquecido pela aquisição dos detalhes tradicionais. Dessa maneira, as associações adicionais são incorporadas na recepção dos poemas e os estudiosos e entusiastas podem ter uma noção mais profunda de como os trabalhos artísticos eram desenvolvidos e recebidos pelo público. O procedimento de coleta dos exemplos ajuda a traçar significados do padrão de enredo, cena típica ou frase. A abordagem funciona de forma mais satisfatória com sinais recorrentes, que aparecem em situações variadas. Do mesmo modo, sinais raros não costumam solucionar dilemas, por causa da escassez de exemplos. Muitas vezes os sinais ocorrem com pouca frequência e o significado deles acaba não transparecendo no método da coleta. Nesses casos, a adição de trabalhos artísticos de estrutura similar ajuda a aumentar o *corpus* e a comparação pode ser realizada.

Em resumo, a metodologia utilizada por Foley permitiu que a visão acerca das obras fosse amplificada através da consciência sobre as implicações tradicionais. Apesar da desvantagem da

limitação do corpus homérico, a abordagem pôde ser aplicada com sucesso porque ele conseguiu aumentar seu campo de pesquisa acrescentando ao *corpus* homérico as produções eslavas análogas, que foram fundamentais para o entendimento sobre a estrutura dos poemas e o significado dos sinais.

Da mesma maneira que Foley ampliou suas amostras adicionando à *Odisseia* exemplos da poesia eslava, este tipo de estudo pode ser aplicado a outras composições que apresentam estrutura de enredo semelhante, como é o caso das histórias que englobam um tipo especial de triângulo amoroso, tema central deste trabalho. As narrativas que envolvem um tipo de conflito amoroso envolvendo dois homens e uma mulher, que na maior parte das vezes é casada com um homem mais velho e deseja ter um enlace amoroso com outro mais jovem ou mais atraente, fazem parte da temática classificada como "A esposa de Potifar" ou o "Tema de Zuleica". Este é um enredo típico e internacional bastante corrente, muitas lendas e histórias se assemelham ou poderiam até mesmo terem sido baseadas na famosa história Bíblica.

A lenda hebraica da esposa de Potifar aparece em *Gênesis* 37-39. que foi traduzida para o grego no século III EC. A história faz parte do conjunto de episódios vividos por José, herói hebreu que foi vendido como escravo pelos próprios irmãos e acabou indo residir no Egito, onde conheceu Potifar. José passou a administrar os bens deste, que era chefe da guarda real do faraó. Apesar de trabalhar sob a condição de escravo, José tinha grande prestígio com seu senhor, pois, através de sua gestão, os negócios de seu patrão sempre prosperavam. José era, além de um administrador sábio, bonito e vigoroso e a esposa de Potifar logo tomou conhecimento dele. Por diversas vezes, ela tentou se deitar com ele, mas o jovem sempre tinha em mente a confiança que seu senhor lhe destinava e isso, aliado a seu respeito a Deus, fazia com que ele sempre se esquivasse dela. Um dia, após muitas investidas, a esposa de Potifar tentou novamente convencer o escravo hebreu a ter relações sexuais com ela, não obtendo êxito em sua empreitada. Ela, no entanto, conseguiu obter parte das vestes de José, que a deixou para trás quando tentava fugir do assédio. A peça de vestimenta foi então usada como uma prova que atestaria um falso depoimento de que ele teria tentado desonrar sua senhora. A calúnia foi contada por ela aos empregados e ao próprio Potifar, que acreditou piamente em sua consorte. Enraivado com José, aprisionou-o, mas não o condenou à morte porque, de alguma forma, talvez ainda sentisse alguma espécie de afeição por ele, gratidão ou mesmo talvez por sentir que não deveria punir o subordinado de uma forma irreversível por um crime que parecia incompatível com a lealdade demonstrada por José até então. Este foi apenas um dos eventos de injustiça na trajetória de José, que sempre conseguiu sobressair às suas adversidades e se destacar pelo seu próprio talento.

O modelo da relação entre Potifar, sua esposa e José foi detectado em outras culturas, em diferentes gerações e localidades. Muitas histórias gregas se encaixavam nesse tipo de enredo, apesar de apresentarem variantes. De modo geral, porém, todas as histórias aqui coletadas são provenientes da mitologia grega e, embora exibam detalhes diversos, fazem parte de um enredo que as coloca em um mesmo grupo, pertencentes do mesmo gênero de triângulo amoroso onde um herói íntegro é injustiçado em decorrência da injúria levantada contra ele por uma mulher apaixonada.



Todas as histórias apresentam, através de pelo menos uma fonte, um enredo semelhante: um herói é cobijado por uma mulher, que normalmente é casada, mas a paixão não é correspondida porque ele é, acima de tudo, um homem virtuoso. Em grande parte dos relatos, o herói recusa a mulher por ela ser comprometida com algum de seus parentes ou com um homem com quem ele tem uma relação de subordinação ou respeito. Geralmente, ela se oferece ao jovem pessoalmente, mas em outras versões uma criada a auxilia. Como o envolvimento amoroso não acontece, a paixão cede lugar ao desejo de vingança e a mulher inventa alguma calúnia grave sobre o rapaz, contando a mentira ao marido, na esperança de que este, enfurecido, castigasse o jovem. O fim da história costuma variar, mas em muitos casos ele é trágico e repleto de acontecimentos fatais.

Inicialmente, as obras apresentam o herói diante de uma mulher que se interessa por ele e que tenta conquistá-lo, sem sucesso. Na maioria das vezes, a personagem rejeitada procura compensar sua dor através da vingança e, regularmente, manipula seu marido contra o homem por quem se apaixonou, empregando um falso depoimento para convencer o primeiro de que o outro cometeu um crime grave pelo qual merece ser punido. O marido, acreditando que a esposa tinha sido ultrajada pelo jovem herói, procura castigá-lo e o desfecho da história muitas vezes é marcado por uma morte ou mais. A ordem dos eventos é invariável e os enredos costumam partilhar muitos pormenores, ainda que alguns possam suprimir elementos comuns ou torná-los diferentes, de acordo com o desejo de cada autor. As diferenças ocorrem respeitando limites que os mantêm dentro do mesmo padrão.

O esquema costuma ocorrer na seguinte sequência:

D (Desequilíbrio) > A (Assédio) > R (Rejeição) > C (Calúnia) > P (Punição) > M (Morte)

A chegada do herói acaba desencadeando um desequilíbrio no *oikos*, o núcleo familiar. A família é desestruturada com a presença do visitante ou cativo de guerra que desperta a paixão na matriarca. A partir do contato entre a senhora e o herói, iniciam-se as tentativas de sedução, seguidas pela frustração da recusa por parte do rapaz. O desprezo termina por dar origem ao rancor ou ao medo de ser descoberta sendo infiel ao marido, o que faz com que a mulher teça uma calúnia sobre o homem por quem estava apaixonada, esperando que através disso ele sofra as consequências de seus atos. Normalmente o herói é castigado de alguma forma, mas o desfecho da história pode variar, o que aparenta ser a parte mais plástica dos enredos.

Em alguns casos, o jovem virtuoso consegue superar seus obstáculos, comprovando sua inocência por meio de seus atos intrépidos e sobrenaturais, e se vinga daqueles que o colocaram em perigo, voltando-se contra a mulher ardilosa ou arrasando a cidade em que ela e seu marido viviam. Em outras ocorrências, o herói não consegue superar as armadilhas empregadas contra ele e é assassinado injustamente. Em situações como estas, o herói é posteriormente inocentado e muitas vezes reconhecido por sua honra ou cultuado entre os cidadãos da sua cidade natal, que constroem templos em sua homenagem.

Mesmo quando o herói sobrevive à punição imposta por seu hóspede ou pelo homem com quem tinha uma relação social, a história pode ser repleta de mortes. Na maioria dos mitos, a esposa desonesta acaba se matando, seja por remorso do que fez, seja por vergonha ou medo de ser desmascarada perante seus compatriotas. Em alguns relatos, outros personagens também perecem como o pai do jovem herói ou o esposo traído.

A seguir as histórias serão examinadas individualmente, em suas muitas versões, para que todos os pontos sejam expostos de forma mais minuciosa e, dessa forma, as semelhanças e diferenças entre os enredos possam ser notados, reforçando a ideia de que fazem parte de um mesmo bloco narrativo tradicional.

## ANTEU

Anteu / Cleobeia ou Filecme / Fóbio

### 3.1.1 Enredo

Anteu deixa Halicarnasso e é levado na condição de refém a Mileto para o palácio do rei Fóbio. A esposa do rei – Cleobeia ou, em outras versões, Filecme – se apaixona pelo rapaz, mas ele rápido rejeita as suas investidas com a justificativa de que tem receio de ser apanhado em delito e de que teme desagradar a Zeus e desrespeitar suas obrigações de hospitalidade. A rainha, sentindo-se ferida em seu orgulho, decide vingar-se. Fingindo superar sua paixão, ela busca uma reaproximação e prepara uma emboscada: ela pede ao rapaz ajuda para pegar uma perdiz no fundo de um poço. Sem desconfiar de nada, o jovem aceita ajudá-la. Uma vez dentro do poço, Cleobeia empurra uma pedra de moinho sobre a cabeça de Anteu, que morre de imediato. A rainha, mais tarde, arrepende-se do que fez e comete suicídio.

### 3.1.2 Variantes

As variantes encontradas nas diferentes versões da história de Anteu estão no detalhe, limitando-se ao nome da rainha e ao objeto colocado no fundo do poço como armadilha. Partênio de Nicéia chama a esposa de Fóbio de Cleobeia, mas observa que outros autores chamavam-na Filecme. No que concerne ao objeto colocado dentro do poço, Partênio conta que não se tratava de uma perdiz, mas de um cálice de ouro.

### 3.1.3 Fontes

A história de Anteu é encontrada em uma coletânea de amores não correspondidos escrita por Partênio de Niceia e intitulada *Erotika Pathemata*, recentemente traduzida para o português sob o título *Sofrimentos de Amor*<sup>6</sup> e no poema *Apolo* atribuído a Alexandre da Etólia e encontrado na mesma coleção. Partênio era natural de Niceia, viveu em Roma *circa* I EC, onde se destacou como professor de gramática e retórica; também teria sido tutor de Vergílio. A coletânea supracitada foi seu único trabalho preservado e reúne histórias tiradas de escritores gregos clássicos e helenísticos, algumas são claramente baseadas em mitos, outras em relatos históricos ou pseudo-históricos. A história de Anteu é a décima quarta história de sua coletânea e leva este mesmo título.

Segundo o próprio Partênio<sup>7</sup>, as referências do seu relato encontram-se em Aristóteles e nos escritores da *História de Mileto*. Há dúvidas de que esta história esteja realmente em uma obra de Aristóteles e por isso alguns estudiosos propuseram que outro nome fosse lido em seu lugar, como

<sup>6</sup> PEREIRA (2015).

<sup>7</sup> PEREIRA (2015) 73.

Aristódico <sup>8</sup>. Por outro lado, além dos filósofos empregarem com frequência fábulas mitológicas em trabalhos mais sérios, a história pode ter aparecido na descrição das forma de governo de Mileto, já que sabemos que Aristóteles tinha interesse e organizara coletâneas de "constituições" de diversas cidades <sup>9</sup>.

Alexandre da Etólia era da cidade de Pleuron, contemporâneo de Arato e Filetas. Viveu entre os séculos IV e III AEC e passou a maior parte da sua vida em Alexandria. Assim como Partênio, além de poeta foi gramático, sendo que é considerado o único representante da poesia da Etólia. Acredita-se que o trecho, citado por Partênio no *Sofrimentos do Amor*, faz parte do seu poema *Apolo*, em que o deus profetiza o destino de várias vítimas de relacionamentos amorosos infelizes <sup>10</sup>.

#### 3.1.4 Partênio de Niceia

Um jovem chamado Anteu, de linhagem real, é enviado de Mileto a Halicarnasso na condição de refém com vistas a se instalar na corte do rei Fóbio. Este rei pertence à raça de Neleu e é o governante da cidade. Sua esposa Cleobeia (ou Filecme) sente-se atraída pelo rapaz e emprega todos os meios possíveis para despertar seu interesse. Entretanto, seus esforços são sempre em vão, uma vez que o rapaz continuamente repele suas investidas. Anteu justifica-se dizendo que teme ser descoberto caso se dobre às vontades de Cleobeia. Em outras ocasiões, o jovem mostra respeito a Zeus, o deus que guarda as obrigações de hospitalidade (*xenia*), e à mesa do rei em que ambos se sentavam para partilhar o pão. Cleobeia não é razoável e considera Anteu orgulhosa, desprovido de piedade. Sua paixão toma um rumo nefasto quando ela decide vingar-se do jovem. Meticulosamente, ela espera o tempo passar e finge que está livre da paixão pelo rapaz. Então, um certo dia, pede que Anteu desça até o fundo de um poço para apanhar uma perdiz colocada no lugar propositalmente, um engano usado para pôr o plano de vingança em prática. Anteu consente, sem suspeitar de nenhuma maldade. Quando chega ao fundo do poço, a mulher empurra uma enorme pedra de moinho sobre ele que morre instantaneamente. Só então que ela compreende quão terrível é seu crime. Ainda sentindo queimar sua paixão por Anteu, a rainha Cleobeia resolve pôr fim a tudo enforcando-se. Diante da tragédia familiar, Fóbio se considera sob uma maldição e entrega o seu reino a Frígio.

#### 3.1.5 Alexandre da Etólia

Fóbio, filho de Hípcles, proveniente da nobre estirpe de Neleu, ganha uma jovem esposa, contente por sentar-se em casa, nos cômodos internos no palácio, para fiar. Posteriormente, Anteu, um belo jovem da realeza, querido por Hermes, é encaminhado até Mileto como refém. A jovem esposa de Fóbio logo sente por ele um amor proibido. Agarrando-se aos joelhos de Anteu, ela implora que a tome nos braços, mas ele recusa o pedido temendo punição. Ele afirma que Zeus, deus da

<sup>8</sup> GASELEE & THORNLEY(2008) 300

<sup>9</sup> GASELEE & THORNLEY(2008) 300-1

<sup>10</sup> PEREIRA (2015) 73 n. 133, GANSELEE & THORNLEY (1916) 302.

hospitalidade e o pão e o sal do anfitrião serão ultrajados dessa forma; não desonraria a confiança de Fóbio e, então, lança ao mar e ao rio o pensamento de luxúria, lavando em fontes e rios a palavra indecorosa. A jovem desprezada, então, inventa um estratagema maligno: mente, pedindo a Anteu para buscar seu cálice de ouro para fora de um poço, quando a corda se rompeu e o objeto foi para o fundo. Ela pergunta se ele desceria e pegaria o objeto para ela, pois que assim ganharia sua gratidão. Sincero em seu propósito, Anteu remove sua túnica, presente de sua mãe, e inicia a descida. A perversa rainha então rola sobre ele uma imensa pedra de moinho. O poço se torna para Anteu uma cova designada pelo destino. Depois, a mulher faz um nó em torno do próprio pescoço e encontra a morte e as sombras do Hades.

### 3.1.6 Conclusão

O enredo da história de Anteu é algo diferente das outras narrativas sobre triângulos amorosos apresentadas nesse trabalho. Em sua maioria, a personagem principal do enredo, o herói da história, é enteado da mulher que por ele se apaixona <sup>11</sup>. Apenas em outras duas narrativas do *corpus* o herói não tem vínculos de parentesco com o casal principal, mas são recebidos como hóspedes. Anteu, por sua vez, é o único exemplo de jovem que reside na casa de estranhos na condição de refém ilustre.

Nas duas versões, a rainha e jovem esposa de Fóbio é apresentada vivendo harmoniosamente com seu marido até a chegada do belo rapaz fazer com que ela deseje ingressar em uma relação extraconjugal. A chegada de Anteu à corte de Mileto assinala uma mudança permanente no núcleo familiar (*oikos*) no que a rainha se suicida e o rei abre mão dos seus domínios após sentir que se encontra amaldiçoado.

Outros dois detalhes que tornam o enredo dessa história singular são as abordagens da rainha e os motivos dados por Anteu para se afastar dela. Tanto o relato de Partênio, quanto o de Alexandre da Etólia demonstram que as tentativas de sedução eram frequentes e infrutíferas. O ato de Cleobeia de abraçar os joelhos de Anteu no intuito de convencê-lo a se deitar com ele retrata uma atitude de súplica, tal como Tétis tenta obter a ajuda de Zeus na *Iliada*, por exemplo <sup>12</sup>. Diferente da Fedra da versão euripidiana e de Gidica, Cleobeia mantém contato pessoal com o jovem herói de forma muito insistente <sup>13</sup>.

Anteu explica que não poderia se deitar com ela, pois temia ser apanhado em delito. O medo se justifica diante das consequências que poderia sofrer, especialmente por sua posição de refém em uma corte estrangeira. Outras vezes Anteu diz que deitar-se com a rainha seria quebrar a confiança do dono da casa em que vive, ultrajando o próprio Fóbio e a Zeus, o deus que guarda a hospitalidade. A infração de Anteu seria tanto terrena, quanto divina, e os resultados da transgressão não seriam bons em nenhum dos dois planos.

<sup>11</sup> O herói é o enteado da antagonista: Comínio, Etéocles & Polinicies, Fênix, Hipólito, Pândion & Plexipo, e Tenes.

<sup>12</sup> HOMERO, *Iliada* 1.500.

<sup>13</sup> A postura de Cleobeia se assemelha à da esposa de Potifar, que sempre tentava se deitar com José, escravo de seu marido. Suas investidas eram tão frequentes e intensas que certa vez ela conseguiu arrancar parte das vestes dele e as usou para incriminá-lo. Gênesis 37-39.

Outro aspecto original do mito de Anteu é que a mulher desprezada não utiliza o artifício da mentira da mesma forma que as outras para lograr vingar-se do jovem virtuoso. Cleobeia é a única antagonista que, em vez de contar mentiras e persuadir o marido, age por conta própria: suas mentiras são dirigidas ao próprio rapaz e fazem parte do seu plano de vingança. Seus atos não são decorrentes de raiva súbita, mas friamente calculados: ela espera o tempo passar e finge que sua paixão por Anteu arrefecera para que, enganado, o jovem lhe ajudasse. A punição é arquitetada pela própria Cleobeia e ela a realiza com suas próprias mãos. O herói, como muitos outros <sup>14</sup>, não escapa à armadilha em que foi colocado e morre. Mesmo após a morte de Anteu, Cleobeia não consegue esquecê-lo e por isso resolve se suicidar. Os motivos não são claro em nenhuma das versões.

Alexandre da Etólia descreve Cleobeia e Anteu como jovens belos e a beleza e a juventude do refém parecem constituir a possível razão do encantamento que a rainha sentiu. De todos os outros este é o enredo em que o herói aparenta estar mais susceptível às investidas e à tentação da mulher, pois que apenas aqui a personagem principal da história lava-se em fontes na tentativa de lavar seu pensamento impuro.

<sup>14</sup> O mesmo acontece com Comínio, Eunosto, Hipólito e Mirtilo.

## BELEROFONTE

Belerofonte / Anteia ou Estenebeia / Preto

### 3.2.1 Enredo

O mito de Belerofonte foi contado por Homero e Hesíodo nos Período Arcaico e recontado por poeta trágicos e mitógrafos ao longo do Período Clássico. O herói é descrito como um jovem valoroso, bem-apegoado, afável e habilidoso, que se destaca entre os mortais e tem a graça dos deuses a seu favor. Ao ser enviado à corte do rei Preto em exílio<sup>15</sup>, a rainha é tomada de uma forte paixão e tenta seduzi-lo exaustivamente. Como o herói é justo e casto, não sucumbe às investidas dela. A esposa de Preto decide que, por não satisfazê-la, o hóspede deve ser punido. Por esta razão inventa que ele tentou molestá-la sexualmente e conta a mentira ao marido, criando um celeuma entre eles. Preto não se dispõe a enfrentar Belerofonte<sup>16</sup>, mas decide mandá-lo ao sogro, para que sua vingança possa ser realizada em outro território, pela mão de terceiros. Por Belerofonte Preto envia uma mensagem em que constam instruções para que o portador do comunicado seja morto na corte estrangeira. O sogro de Preto, com o intuito de ajudar o genro, manda o herói enfrentar a Quimera, os Sólimos, as Amazonas e, finalmente, um apanhado dos melhores guerreiros locais em emboscada. Com todos os oponentes derrotados, o rei percebe afinal que o hóspede possui qualidades sobrenaturais e resolve ficar ao seu lado, honrando-o com uma parte do seu reino e a mão de uma de suas filhas<sup>17</sup>.

Após o período de prosperidade, Belerofonte sofre algum infortúnio que faz com os deuses o reprovem. Ele passa o restante dos seus dias vagando sozinho e amargurado pelos campos Aleios<sup>18</sup>. O motivo para o desfecho infeliz de Belerofonte podem variar, assim como o fim de alguns dos outros personagens envolvidos na história<sup>19</sup>.

### 3.2.2 Variantes

Há algumas diferenças nas fontes que contam o mito de Belerofonte. A narrativa homérica e as outras mais recentes variam no que diz respeito à filiação, ao local em que se passa a história, ao nome da esposa de Preto, ao nome de sua própria esposa, à tentativa de chegar ao Olimpo e outras.

<sup>15</sup> Na *Estenebeia* de EURÍPIDES (frg. 661.6) Belerofonte é enviado a Preto para ser purificado pelo assassinato de um parente, tal como Teseu no *Hipólito* do mesmo autor. Esse também é o motivo do exílio de Belerofonte segundo o escoliasta de *Iliada* 6.155.

<sup>16</sup> No comentário de TZETZES a LÍCOFRON 17 (*apud* CABRAL 2013: 9), um antigo costume impedia que uma pessoa assassinasse ou fizesse o mal contra outra pessoa com quem tinha partilhado uma refeição. Isso teria impedido que Preto matasse Belerofonte. Para GRAZIOSI & HAUBOLD (2010: 124), que citam como paralelo a vingança de Odisseu contra os pretendentes, o estratagema de Preto implica em fraqueza ou indecisão. Ademais, para eles, Preto aplica em Belerofonte a punição merecida por Anteia, já que no período clássico o marido traído normalmente devolvia a esposa adúltera à casa do seu sogro.

<sup>17</sup> Em um escólio às *Rãs* de ARISTÓFANES 1043, 1051 (*apud* GANTZ 1993: 215) encontramos a informação de que Belerofonte consegue provar na corte do sogro de Preto a sua inocência e Estenebeia, envergonhada por ter sido desmascarada, resolve tomar veneno.

<sup>18</sup> Literalmente, "os campos da solidão" em grego. Em um escólio à *Iliada* 6.200-205 encontramos que a tristeza de Belerofonte é decorrente da morte dos seus filhos (*apud* GANTZ 1993: 854)

<sup>19</sup> Por exemplo, os epigramas que descrevem o relevo dos pilares do Templo de Apolônios em Cízico (*Antologia Grega* 3.15), Glauco, neto de Belerofonte, salva o herói de um combate contra Megapente, filho de Preto e Estenebeia. Talvez esse enfrentamento possa ser explicado pela morte de Estenebeia (JESUS 2015: 64-65).

Segundo Hesíodo, Belerofonte é filho de Eurínome e Poseidon, que lhe presenteia o Pégaso. Encontramos a mesma filiação em Pseudo-Higino. Píndaro também está de acordo com Hesíodo, entretanto nos conta que Belerofonte captura o cavalo alado com a ajuda das intruções de Atena. Pseudo-Apolodoro dá Glauco como sendo o pai de Belerofonte. Uma possibilidade é Glauco ser o pai de criação, Poseidon o pai biológico <sup>20</sup>. Em Homero e Asclepiades a história se desenrola em Argos, Hesíodo, Eurípides e Pseudo-Apolodoro, por sua vez, fazem menção à cidade de Tirinto <sup>21</sup>. O nome da esposa de Preto em Homero é Anteia. Em Hesíodo encontramos o nome Estenebeia e este é o nome mais recorrente entre os autores, inclusive para Eurípides que escreveu uma peça com este mesmo título. Pseudo-Higino refere-se a ela como Estenebeia e Antia, este último possivelmente uma variação do nome encontrado na *Ilíada*. Pseudo-Apolodoro emprega ambos os nomes <sup>22</sup>.

O motivo da ida de Belerofonte à corte de Preto é uma unanimidade nos autores, as variações estão nos detalhes: na *Estenebeia* de Eurípides, a razão é a purificação pelo homicídio de um parente em Corinto. Asclepiades informa que a causa é o homicídio de Bélero, governante de Corinto. Já em Pseudo-Apolodoro encontramos a informação de que Belerofonte vai à corte de Preto buscando purificação pelo assassinato involuntário de um irmão. Diodoro da Sicília também confirma a versão de homicídio involuntário <sup>23</sup>.

Em alguns autores, o casamento de Belerofonte apresenta ligações com o enredo de triângulo amoroso apresentado neste trabalho. Em Hesíodo, a noiva de Belerofonte é filha de Iobates, mesma informação encontrada em Asclepiades, que lhe dá ainda o nome de Cassandra ou Passandra. Pseudo-Higino afirma que a jovem é irmã de Estenebeia e que ela se suicida ao ficar sabendo da suposta união entre Belerofonte e Estenebeia. Em Pseudo-Apolodoro encontramos a versão de que ambas as esposas, de Preto e de Belerofonte, são filhas de Iobates, mas para ele, o nome da última é Filonê. Finalmente, em um escólio a Píndaro encontramos o nome Anticleia, e num escólio à *Ilíada* encontramos Cassandra <sup>24</sup>.

### 3.2.3 Fontes

Existem pelo menos seis fontes importantes para a história de Belerofonte. Desde a *Ilíada*, seus feitos já eram mencionados e este mito foi tema de muitas outras obras. A *Ilíada* é um épico de mais de 15 mil versos, atribuída a Homero <sup>25</sup> e composta no grego homérico, através de hexâmetros datílicos. Junto à *Odisséia*, as duas obras são consideradas as mais antigas e importantes da literatura ocidental.

Eurípides escreveu dois poemas trágicos sobre a personagem: *Estenebeia* e *Belerofonte*, ambos perdidos. Os dois trabalhos devem ter tido elementos em comum com as peças produzidas entre 420 e 430 AEC, que examinam as obrigações e transgressões de anfitriões, hóspedes, amigos e

<sup>20</sup> HESÍODO *Catálogo das Mulheres* 7.1-21; PÍNDARO *Olímpica* 13.69; PSEUDO-HIGINO *Fábulas* 157; escólio à *Ilíada* 6.191.

<sup>21</sup> HESÍODO *Catálogo das Mulheres* 18; EURÍPIDES *Estenebeia* fr.661.6; PSEUDO-APOLODORO *Biblioteca* 2.2.1-3.2.

<sup>22</sup> PSEUDO-APOLODORO *Biblioteca* 2.2.1.

<sup>23</sup> DIODORO DA SICÍLIA *Biblioteca Histórica* 6.9.

<sup>24</sup> Escólio à *Ilíada* 6.155 *apud* CABRAL (2013) 70.

<sup>25</sup> SAÏD (2011).



aliados <sup>26</sup>. *Belerofonte* é certamente anterior a 425, o ano em que a peça é parodiada por Aristófanes em seu *Acarnianos*. A hipótese da *Estenebeia* foi preservada pelo estudioso bizantino João Logoteta, de XII EC, que também conservou um longo fragmento do prólogo, um discurso de Belerofonte.

Acredita-se que o resumo da história desse herói encontrado nos escólios da *Iliada* seja proveniente de Asclepiades e que ele é baseado nas versões trágicas da história <sup>27</sup>. Asclepiades de Trágilo viveu no século IV AEC e foi um mitógrafo e crítico literário da Grécia Antiga. Ficou conhecido por ter escrito a *Tragodoumena*, onde ele supostamente examinava os mitos nas tragédias gregas, mas seus trabalhos não sobreviveram. Essa deveria ser uma obra riquíssima, pois é considerada a primeira tentativa sistemática de registro dos mitos e é dito que estes eram preservados através do resumo dos enredos presentes nas tragédias, assim como seus detalhes e variantes. A obra conhecida como *A Biblioteca* de Pseudo-Apolodoro cita o autor duas vezes como uma de suas referências. Este relato transparecia tanta fidelidade em sua reprodução de outros escritos que suas declarações sobre autores cujas obras desapareceram, como Ferécides de Leros, Acusilau e Asclepiades, são aceitas e consideradas seguras <sup>28</sup>.

Diodoro da Sicília viveu no século I AEC e foi um historiador grego conhecido por ter escrito uma única obra, intitulada *Biblioteca Histórica*, o mais extenso relato sobre a história da Grécia e de Roma que chegou até a atualidade e que abrange desde as origens míticas até as últimas décadas da República Romana. A *Biblioteca Histórica* era composta por quarenta livros, mas somente os livros do intervalo de um a cinco e de onze a vinte sobreviveram, dos outros restaram apenas alguns fragmentos. Diodoro teve acesso ao trabalho de outros autores para compor sua obra.

Pseudo-Higino é como alguns estudiosos chamam o suposto autor das *Fábulas* que outros dizem pertencer a Caio Júlio Higino. A divergência tem origem no estilo e na linguagem da obra, que alguns especialistas julgam ser muito inferiores ao que Higino estaria habituado a demonstrar através de sua erudição <sup>29</sup>. *Fábulas* é uma compilação de mitos e lendas contendo em torno de trezentas histórias breves e escritas com bastante simplicidade.

Pseudo-Apolodoro é a alcunha do autor de *Biblioteca*, anteriormente atribuída a Pseudo-Apolodoro de Atenas. Não existem informações a seu respeito ou sobre outras obras que tenha escrito, mas acredita-se que a *Biblioteca* tenha sido finalizada no século I ou II d.C.. A obra é uma compilação de textos sobre Mitologia Grega e têm-se a impressão de que o autor era muito fiel às suas fontes, sendo a principal delas Ferécides de Leros ou Ferécides de Atenas, mitógrafo do século V a.C. O tratado é uma das referências mais completas sobre o assunto, apesar de seu texto ser, em parte, fragmentário. James Frazer escreveu a *Epítome* a partir de dois manuscritos, procurando preencher as lacunas do texto original.

### 3.2.4 Homero <sup>30</sup>

<sup>26</sup> COLLARD & CROPP (2008) 293 .

<sup>27</sup> ASCLEPIÁDES 12F13.

<sup>28</sup> FRAZER (1995) 18-19 *apud* CABRAL (2013) 22.

<sup>29</sup> ALVES (2003) 10-17.

<sup>30</sup> HOMERO, *Iliada* 1.44-231.

Na *Iliada*, Diomedes e Glauco encontram-se em campo de batalha. Os dois tem uma longa conversa em que Glauco tem oportunidade de anunciar sua linhagem e contar a sua história dela. Sua linhagem tem origem no deus Éolo, que gera Sísifo, que gera Glauco, que gera Belerofonte, o centro das atenções nessa narrativa.

Glauco conta que Belerofonte é agraciado pelos deuses com qualidades de beleza e virilidade amável, ἠνορέη ἐρατεινή (*Iliada* 6.156). Segundo GRAZIOSI & HAUBOLD (2010: 121) a beleza é na *Iliada* uma qualidade direta e positiva, mas potencialmente destrutiva, como nos casos de Paris, de Helena e, finalmente, dos enredos que constituem o objeto deste trabalho. Os estudiosos notam ainda que o adjetivo que qualifica a virilidade de Belerofonte, ἐρατεινή "amável", nunca é predicado de homens no contexto dos poemas homéricos e deve ser responsável por inspirar a paixão de Anteia.

Anteia, a esposa de Preto deseja Belerofonte intensamente e anseia por se deitar em segredo com ele (*Iliada* 6.161). A fórmula homérica usada nesse verso, κρυπαδίηι φιλότητι μιγήμεναι, segundo GRAZIOSI & HAUBOLD (2010: 123), apesar de não ter paralelos em Homero, é usada em outros autores no contexto do homem que comete adultério e do deus que se une com mulheres mortais<sup>31</sup>. Isso sugere uma caracterização masculina de Anteia, que reaparece outras vezes nessa passagem: no nome, que parece sugerir "oposição" ou "contrariedade", ἀντίος, em vez da submissão feminina; em seu nome alternativo Estenebeia, que significa em grego "força de touro"; na indecisão de Preto, que sugere sua submissão à mulher<sup>32</sup>; além de tomar a iniciativa para deitar-se com o jovem estrangeiro, a iniciativa para tirar vingança e a linguagem usada, para GRAZIOSI & HAUBOLD (2010: 123).

O jovem rapaz se mantém inabalável e recusa as investidas românticas de Anteia. Ele é prudente e cultiva pensamentos castos<sup>33</sup>. A consorte de Preto então procura o marido e inventa a história de que seu hóspede teria tentado ter relações sexuais à força com ela. O rei fica enfurecido, mas evita o confronto direto, pois intimamente teme o rival. Resolve então enviar o rapaz à Lícia e junto com ele uma tabuleta contendo "sinais funestos", instruções para que ele seja executado. O jovem segue para a Lícia e lá é recebido pelo sogro de Preto. Por nove dias o herói é entretido, mas no décimo o sogro de Preto vê os sinais e manda Belerofonte para os enfrentamentos: a Quimera, os Sólimos, as Amazonas; e como último recurso preparam uma emboscada para ele. Após o fracasso de tantos adversários, o rei compreende que Belerofonte deve ser filho de algum deus e decide que é melhor mantê-lo na Lícia. Oferece-lhe uma parte do seu reino e a mão de uma de suas filhas em casamento.

### 3.2.5 Eurípides

*Belerofonte* parece retratar o momento anterior ao período de infelicidade do herói. Há um

<sup>31</sup> HESÍODO, *Trabalhos & Dias* 328-9; *Odisseia* 11.244.

<sup>32</sup> Ver nota 11. Ainda segundo GRAZIOSI & HAUBOLD (2010: 123), Preto só recebe o epíteto que o descreve como rei, quando ele está obedecendo às ordens de sua esposa. Esse uso irônico do epíteto sublinharia sua submissão (*Iliada* 6.163).

<sup>33</sup> HOMERO, *Iliada* 6.162.

questionamento sobre a existência dos deuses, seguido de reflexão sobre os atos vergonhosos cometidos por eles <sup>34</sup>. Belerofonte afirma que se deuses fazem semelhantes coisas, não são deuses <sup>35</sup>. Outros fragmentos da peça abordam dificuldades e abordam temas diversos como coragem, batalhas, sofrimento, guerras, necessidade, oponentes, homens favorecidos injustamente, desprezo, injustiça, inveja, covardia, fraqueza, etc. Aparentemente, Belerofonte morre em palco e sua morte o redime perante os deuses. Nesses fragmentos não há nenhuma menção importante à Anteia e Preto.

A hipótese da *Estenebeia* foi preservada pelo estudioso bizantino João Logoteta, de XII EC, que também conservou um longo fragmento do prólogo, um discurso de Belerofonte. Nesse drama, Eurípides, assim como Hesíodo, considera Preto governante de Tirinto. Belerofonte encontra-se no palácio de Preto para ser purificado pelo assassinato de um parente cometido em Corinto. O detalhe pode ser criação do dramaturgo. Nessa peça encontramos o nome Estenebeia. Ela tenta seduzir seu hóspede com o auxílio da ama, mas o jovem tenta escapar dela e da atribulada corte de Preto. Aqui o pai de Estenebeia chama-se lobates, mesmo nome encontrado em Hesíodo.

No prólogo da peça, Belerofonte conta como Estenebeia tentou seduzi-lo com a ajuda da ama e como ele tentou escapar das investidas da rainha e da atribulada corte de Tirinto. Não encontramos menção às mentiras de Estenebeia e às instruções de Preto a lobates, presentes na versão homérica, mas ficamos sabendo que Belerofonte derrotou a Quimera e encontra-se de retorno a Tirinto.

Quanto ao restante da peça, Estenebeia revela a Belerofonte que Preto tem novos planos de vingança, porém o jovem consegue enganá-la levando-a consigo para voar no Pégaso, e a empurra de cima do animal. Ela cai no mar e se afoga. O cadáver da rainha é encontrado por pescadores, que anunciam sua morte. Ele é levado para Preto e Belerofonte reaparece em palco para justificar sua punição contra ambos os governantes.

### 3.2.6 Asclepiades

Acredita-se que o resumo da história de Belerofonte encontrado nos escólios da *Iliada* seja proveniente de Asclepiades e que ele é baseado nas versões trágicas da história <sup>36</sup>. Nesse resumo, Belerofonte, originalmente Hipono, ganha a alcunha após matar Bélero, o governante de Corinto. Isso causa seu exílio e partida para Argos. O rei Preto realiza a purificação e ele enfrenta os trabalhos já mencionados. Posteriormente toma a filha de lobates como esposa, Cassandra ou Passandra. Então Belerofonte tenta alcançar o Olimpo, mas Zeus envia um moscardo atacar Pégaso <sup>37</sup>. Com a queda do cavalo, Belerofonte fica aleijado e passa a vagar sem rumo como na versão encontrada em Homero. Zeus entrega Pégaso a Aurora para ajudá-la em seus deveres celestiais.

<sup>34</sup> EURÍPIDES, *Belerofonte* fr. 286a.

<sup>35</sup> EURÍPIDES, *Belerofonte* fr. 286b.

<sup>36</sup> ASCLEPIADES 12F13.

<sup>37</sup> Os escólios a PÍNDARO, *Olimpica* 13.130 e a LÍCORFON 17 também fazem menção a esse episódio.

### 3.2.7 Diodoro da Sicília <sup>38</sup>

Belerofonte procura a ajuda de Preto, com quem tem laços de hospitalidade, por causa de um assassinato cometido involuntariamente. Na casa do anfitrião, porém, a rainha apaixonou-se por ele em virtude de sua beleza. Uma vez que não consegue fazê-lo subir ao seu leito, a mulher conta a Preto que o jovem a tratou com violência, um eufemismo para o estupro. Preto, hesitando matar seu hóspede, envia-o para a Lícia com uma carta para o rei Iobates, instruindo-o a matar Belerofonte o mais depressa possível. Sem disposição para dar fim ao visitante, o rei Iobates manda ele enfrentar a Quimera.

### 3.2.8 Pseudo-Higino

Pseudo-Higino nos conta que Belerofonte é filho de Netuno e Eurínome, filha de Niso <sup>39</sup>. A mulher de Preto, Estenebeia, tenta se aproximar de Belerofonte, mas como ele não demonstra interesse, ela decide dizer ao esposo que foi violentada pelo hóspede. Preto escreve uma carta ao sogro, Iobates, que manda Belerofonte enfrentar a Quimera. Como auxílio de Pégaso, o monstro é derrotado, mas o herói cai nos campos Aleios e rompe o quadril. O rei, impressionado com o visitante, decide oferecer a mão de sua filha em casamento. Estenebeia se suicida ao saber que sua irmã se casaria com ele <sup>40</sup>.

Em sua *Astronômica*, Pseudo-Higino conta que Belerofonte encontra-se com Preto, filho de Abas e rei dos Argivos. A rainha, aqui chamada de Antia, sorri com amor para o convidado, implorando para que ele visite seu quarto, prometendo em troca o reino do marido. Ao perceber que seu pedido não será atendido e com medo de que o jovem conte tudo ao marido, Antia antecipa-se e conta ao marido a mentira de que foi violentada pelo hóspede. Preto, que sente afeição por Belerofonte, reluta puni-lo com as próprias mãos, mas o envia ao pai da rainha Antia, para que ele defenda a castidade da filha e o envie para lutar contra a Quimera, que na época assolava a Lícia. Belerofonte consegue a vitória e depois tenta voar até a morada dos deuses, mas fica aterrorizado ao olhar para baixo, cai e morre. Diz-se que o cavalo alado é transformado por Zeus em uma constelação. Ademais, Pseudo-Higino nos conta que outros autores dizem que Belerofonte vai embora de Argos não por causa das acusações de Antia, mas para não ouvir suas propostas desagradáveis ou para evitar ser afligido pelas súplicas dela <sup>41</sup>.

### 3.2.9 Pseudo-Apolodoro

Pseudo-Apolodoro conta que, ainda no ventre da mãe, Preto e seu irmão já brigavam. Quando adultos continuaram a se desentender até que Acrísio expulsa Preto de Argos. Daí Preto segue para a

<sup>38</sup> DIODORO DA SICÍLIA 6.9.

<sup>39</sup> PSEUDO-HIGINO, *Fábulas* 157.

<sup>40</sup> PSEUDO-HIGINO, *Fábulas* 57.

<sup>41</sup> PSEUDO-HIGINO, *Astronômica* 2.18.

corte de lobates na Lícia. Preto se casa com a filha de lobates. Pseudo-Apolodoro observa que o nome dela é Anteia em Homero, enquanto que os poetas trágicos a chamavam Estenebeia. Agora com o apoio de um rei e de seu exército, Preto torna-se o governante de Corinto.

Segundo Pseudo-Apolodoro, Belerofonte vai à corte de Preto para receber purificação pelo assassinato involuntário de seu irmão. Pseudo-Apolodoro registra três nomes para o irmão de Belerofonte: Delíade, Píren ou Alcímenes. Anteia tenta se relacionar com ele sem sucesso. Como vingança, ela conta ao marido que Belerofonte tentou seduzi-la. Preto acredita em sua esposa e manda Belerofonte ao sogro lobates com uma mensagem contendo instruções para que seja liquidado. Montado no Pégaso ele luta contra a Quimera, que é morta a flechadas. Em seguida derrota os Sólimos, as Amazonas, e os homens mais corajosos dos Lícios. lobates, então, revela para Belerofonte a mensagem de Preto, mas pede a ele que permaneça em seu reino, oferece-lhe a filha Filônoe em casamento e torna-o seu sucessor.

### 3.2.10 Conclusão

Belerofonte, assim como Peleu e Tenes, é um dos poucos personagens que após ser ultrajado por uma mulher, consegue se reerguer e superar as adversidades. Ademais, o herói não tem vínculos de parentesco com o casal principal, mas é recebido como hóspede, o que acontece em apenas uma outra narrativa do *corpus* <sup>42</sup>.

Em muitas versões e nas versões mais antigas encontramos menção à relação estreita do herói com as divindades. O motivo da estadia de Belerofonte na casa de Preto e Anteia (ou Estenebeia) parece ser o exílio por um assassinato e a necessidade de purificação, o mesmo caso de Peleu, muito embora as diferentes versões apresentem diferenças nos detalhes <sup>43</sup>.

A mentira da esposa de Preto é conhecida desde a versão homérica da história e parece uma acusação grave, de teor sexual. A variação de nomes da esposa também é antiga: Anteia em Homero, Estenebeia em Hesíodo. Assim como Belerofonte se encaixa perfeitamente no padrão do jovem herói, Anteia parece ser a típica antagonista. Se por um lado, as fontes estudadas costumam marcar muito mais as qualidades atrativas do jovem, em especial o potencial destrutivo de sua beleza, ignorando uma possível lascívia de Anteia ou um caráter vilanesco inerente; por outro lado, marca-se sempre a dominação que a esposa adúltera exerce sobre o marido hesitante. A mulher de Preto tenta persuadir Belerofonte a deitar-se com ela.

Como o típico herói do enredo, Belerofonte não aceita a proposta, porque é justo e leal. É sua virtude que o afasta da mulher de Preto. Belerofonte não é misógino como o Hipólito da peça homônima de Eurípides. Ele é tão ricamente descrito, como um herói belo, viril e honrado, que certamente chama a atenção pelos seus predicados. Auxiliado pelos deuses, fisicamente atraente e

<sup>42</sup> Peleu, assim como Belerofonte, é recebido como um hóspede na casa de Acasto e Astidâmia. Anteu também é recebido na casa de um casal que não faz parte de sua família, todavia, muito embora ele vá a Mileto como refém, é tratado como um hóspede. Mirtilo é um caso à parte, pois não participa de um triângulo amoroso que envolva parentes, mas pessoas que são de uma classe social superior à sua.

<sup>43</sup> É interessante notar que o assassinato e a necessidade de exílio também estão por detrás do enredo do *Hipólito* de Eurípides, mas aqui não encontramos o jovem herói em exílio, mas o rei Teseu necessitando purificação.

de boa índole, desperta rapidamente e com grande intensidade a paixão da rainha. Mas, com a mesma velocidade com que se apaixona, ela resolve se vingar dele quando é repelida e sua acusação é grave e custaria a vida dele se fosse um mortal qualquer.

Belerofonte enfrenta inimigos terríveis, mas derrota todos eles, assim como nos mitos de Peleu e Fênix, o encontro com uma mulher maligna parece ser apenas mais um episódio na vida de aventuras do herói, que rapidamente superam este entrave. As dificuldades que Belerofonte enfrenta posteriormente não tem relação com a casa real de Tirinto, são consequência dos seus atos excessivos contra os deuses.

## COMÍNIO

### Comínio II / Gídica / Comínio I

#### 3.3.1 Enredo

Comínio I teve duas esposas. Com a primeira delas, a ninfa Egeria, teve um filho, Comínio II. Ao casar-se com sua segunda esposa, Gídica, que desenvolve por Comínio II uma paixão incestuosa e, sem conseguir conquistá-lo, pôs fim à própria vida, enforcando-se. Antes, porém, deixou uma carta para Comínio I em que fazia acusações falsas contra Comínio II. Indignado, Comínio I invocou Netuno e o deus colocou um touro no caminho do jovem, no momento em que dirigia uma biga. Os cavalos de Comínio II se agitaram e fugiram, levando o jovem junto, arrastado pelo chão. Pseudo-Plutarco cita como fonte para esse relato pseudo-histórico o terceiro livro da *História da Itália* de Dositau.

#### 3.3.2 Fontes

Pseudo-Plutarco é a forma usada para designar o autor de obras anteriormente atribuídas equivocadamente a Plutarco, mas que hoje acredita-se serem de outro autor, de identidade ainda desconhecida. Aparentemente, existe apenas um relato sobre a história de Comínio, preservado por Pseudo-Plutarco na *Parallela Graeca et Romanae* ou *Histórias Paralelas Gregas e Romanas*<sup>44</sup>.

#### 3.3.3 Conclusão

A história de Comínio parece a reprodução do enredo do *Hipólito* de Eurípides. São numerosas as coincidências e perpassam toda a narrativa. No *Hipólito* de Eurípides, o personagem-título é filho de uma figura mitológica: uma amazona. Comínio II também era filho de uma entidade sobrenatural: uma ninfa. Por algum motivo o pai de ambos casa por uma segunda vez com outras mulheres, que se apaixonam por seus filhos, o que provoca o desequilíbrio no seio da família.

Em decorrência do insucesso de obter o amor do enteado, as madrastas se suicidam, mas antes escrevem cartas maldizendo os jovens. Tanto Teseu quanto Comínio I acreditam que as esposas foram ultrajadas por seus filhos e invocam o deus dos mares Poseidon/Netuno para que aplique uma punição nos jovens rapazes. Nas duas histórias o deus envia um monstro-touro que assusta os cavalos do herói que acaba morrendo por esta razão. Tanto Hipólito, quanto Comínio II representam heróis cuja integridade os afastou de suas madrastas incestuosas e que acabaram injustamente condenados à morte pelo equívoco de seus próprios pais.

<sup>44</sup> BABBITT (1936).

## ETÉOCLES & POLINICES

Etéocles / Polinices / Astimedusa / Édipo

### 3.4.1 Enredo

A história de Édipo é bastante conhecida, especialmente em sua versão sofocleana, que acaba por eclipsar as demais. Sua história começa quando Laio, rei de Tebas e seu pai, toma conhecimento de uma profecia que revelava que o seu filho seria o causador de sua morte. Sua esposa engravida inesperadamente e, para evitar seu destino funesto, Laio entrega a criança a um pastor, que deveria se livrar dela. O pastor, porém, não cumpre com sua promessa e entrega a criança a Políbio e sua esposa, da casa real de Corinto. Mais tarde, o jovem toma conhecimento do oráculo a seu respeito e, tomado de horror, resolve nunca mais retornar àquela que presumia ser a sua casa.

Em suas andanças Laio cruza seu caminho, junto com alguns criados, e ignorando tratar-se de seu pai, Édipo acaba matando todos depois de uma discussão, com a exceção de um único servo. Ao mesmo tempo a Esfinge causa muitas mortes em Tebas e Édipo logra derrotá-la ao resolver o enigma proposto. Creonte, governante regente de Tebas, tinha prometido entregar o reino da cidade e a mão de sua irmã, rainha e viúva de Laio, àquele que conseguisse livrar os tebanos da criatura. Assim, Édipo torna-se o rei de tebas e marido de sua própria mãe, sem que nenhum dos dois soubesse disso.

Uma peste então passa a assolar a cidade. Édipo descobre que a causa da peste é a presença do assassino de Laio entre os Tebanos. Com a morte de Políbio, seu pai adotivo, e de revelações sobre o local da morte de Laio, Édipo passa a desconfiar da verdade do crime e convoca o sobrevivente do ataque. Ele acaba descobrindo a verdade, mas antes que pudesse conversar com Jocasta, a rainha se enforca e morre. Édipo, desesperado por causa de sua sorte terrível, arranca um dos broches da mãe e fura os próprios olhos. Em algumas versões ele parte para o exílio, acompanhado de Antígona.

As versões que nos interessam podem ser encontradas em Férecides e notas de escoliastas. Nessa versão Édipo casa mais de uma vez e, em uma delas, sua nova esposa levanta calúnias contra os filhos do primeiro casamento, o que leva Édipo a lançar uma maldição contra seus filhos e provoca a morte deles.

### 3.4.2 Variantes

Em resumo, são as seguintes as variações possíveis para a história de Édipo: 1) Existem duas possibilidades para o desfecho: ou Édipo parte em exílio, como registram os mais recentes relatos e os poemas trágicos; ou Édipo permanece em Tebas, como indicam nossas fontes mais antigas <sup>45</sup>. 2) Édipo pode ter se casado com Jocasta, Euriganeia e Astimedusa. Essa versão é encontrada em Férecides e nos comentários do escoliasta em *As Fenícias* de Eurípides. O escoliasta da *Iliada* também

<sup>45</sup> HOMERO, *Iliada* 23.680 e HESÍODO, *Trabalhos & Dias* 154-63 contam que o funeral de Édipo ocorre em Tebas.



apresenta esta mesma versão, pois ele registra que Édipo se casa com Astimedusa, mas a diferença deste relato está no fato de Édipo abandonar a primeira esposa, Jocasta, para assim ingressar em um novo relacionamento amoroso com Astimedusa. A partir daqui o enredo da história segue o padrão dos enredos de triângulo amoroso: Astimedusa acusa (presume-se que falsamente) os dois filhos do primeiro casamento, Etéocles e Polinices, de violência sexual e o marido enganado, Édipo, promove uma punição, aqui na forma de maldição, como no *Hipólito* de Eurípides. 3) Édipo tem filhos com a mãe, com outra mulher ou com ambas, segundo nossas fontes.

Com relação aos filhos de Édipo, algumas fontes negam que eles tenham sido fruto da relação incestuosa com Jocasta; outros afirmam que Jocasta é mãe de dois ou quatro deles. Pausânias, que se baseia em Homero, diz que não acredita que os filhos de Édipo são de Jocasta. Ele sugere como possível mãe Euriganeia, citando o escritor do épico *Edipodeia* <sup>46</sup>. Ferécides registra que Édipo casara três vezes. Com Jocasta, sua mãe, tem dois filhos: Frastor e Laonito. Após a morte de Jocasta, Édipo casa-se com Euriganeia, com a qual gera quatro filhos. Ao tornar-se mais uma vez viúvo, Édipo casa-se com Astimedusa. A nota do escoliasta para *As Fenícias* de Eurípides também nos conta que Édipo se casa com Euriganeia depois da morte de Jocasta <sup>47</sup>. É em um comentário do escoliasta à *Iliada* que encontramos a história inusitada, sem autoria, de que Édipo abandona Jocasta para casar-se com Astimedusa. Ela acusa os dois filhos do primeiro casamento de terem-na violentado sexualmente, fazendo com que Édipo os amaldiçoasse <sup>48</sup>.

### 3.4.3 Fontes

Ferécides de Leros reconhecia o casamento entre Édipo e Astimedusa, a mulher que supostamente seria a madrasta apaixonada por um dos filhos dele ou ambos. A história de Édipo era muito antiga e foi mencionada por Homero, tanto na *Iliada* como na *Odisseia*, sendo que nesta última obra sua mãe se chamava Epicasta e não Jocasta. Hesíodo, em *Os Trabalhos e os Dias* dizia que houve uma disputa pelos bens de Édipo após sua morte. Outros autores também falavam sobre Édipo: Píndaro, Ésquilo, Sófocles e Eurípides. Apenas uma fonte, porém, parecia abordar o dilema entre os descendentes do rei de Tebas e a madrasta deles. Um escólio a *Iliada* oferecia esta versão, mas de modo bastante breve, como se pode ver a seguir.

### 3.4.4 Ferécides

Segundo o relato de Ferécides <sup>49</sup>, os filhos de Édipo e Jocasta eram Frastor e Laônito. Depois de um ano sem Jocasta, Édipo se casou com Euriganeia, que lhe deu quatro filhos. Quando Euriganeia morreu, Édipo se casou com Astimedusa, filha de Estênelo.

<sup>46</sup> PAUSÂNIAS 9.5.10.2.

<sup>47</sup> Escólio a *As Fenícias* 1760 *apud* GANTZ (1993) 501.

<sup>48</sup> Escólio à *Iliada* 4.376 *apud* GANTZ (1993) 502.

<sup>49</sup> FERÉCIDES 3F95.

### 3.4.5 Eurípides

N' *As Fenícias*, Jocasta conta a trajetória de Édipo e de modo geral a peça se assemelha a *Os Sete contra Tebas* e *Antígona*. Ela difere com relação a um desentendimento entre Laio e Édipo. O rei de Tebas tinha ordenado que Édipo lhe cedesse passagem na estrada, mas este tinha se recusado, o que tinha originado a briga entre os dois. Jocasta não se suicida nesta versão com a descoberta de seu incesto, nem Édipo foge para o exílio. Eles ficam em Tebas até o duelo fatal dos dois filhos, Etéocles e Polinices. Jocasta comete suicídio por cima de cadáveres dos filhos e Antígona acompanha Édipo no exílio.

### 3.4.6 Conclusão

Em praticamente todos os relatos sobre a família de Édipo, o motivo da briga entre o patriarca e seus descendentes é político. Em apenas um relato <sup>50</sup>, há o problema entre Astimedusa e os enteados. O escoliasta da *Iliada* conta que Édipo se separa de Jocasta para viver com a nova mulher e que esta denuncia os jovens por supostamente terem abusado dela. Édipo amaldiçoa os filhos e eles morrem em decorrência disso.

Não se sabe de onde o escoliasta tirou esta versão, pois nos relatos mais conhecidos, Jocasta não é abandonada, mas se suicida após saber que se casou com o próprio filho. Deixando de lado as contradições e considerando que o relato do escoliasta pode ter vindo de alguma outra versão da história, o depoimento pode ser classificado como um exemplo de narrativa sobre triângulos amorosos trágicos, uma vez que segue alguns pontos em comum com outras obras.

O desequilíbrio no *oikos* é causado pela chegada da nova companheira, que faz com que Édipo termine seu relacionamento anterior com a mãe de seus filhos. A relação entre a madrasta e os rapazes é hostil, mas não é dito se ela se sente atraída por um deles ou não. Também não é dito se o crime realmente acontece ou se ela inventa a acusação para rebaixá-los, mas os jovens são punidos com a maldição e o desfecho é trágico, pois acabam morrendo um pelas mãos do outro.

<sup>50</sup> Escólio à *Iliada* 4.376 *apud* GANTZ (1993) 502.

## EUNOSTO

Eunosto / Ocna / Équemo / Leonte / Búcolo

### 3.5.1 Enredo

Eunosto de Tânagra, na Beócia, é filho de Elieu. Ele recebe seu nome da ninfa pela qual foi criado, Eunosta. Como é belo, justo, casto e austero, sua sobrinha Ocna acaba se apaixonando, mas sua tentativa de seduzir o jovem é fracassada. Eunosto procura os irmãos de Ocna, Équemo, Leonte e Búcolo para prestar-lhes queixa, mas Ocna antecipa-se e conta aos irmãos a mentira de que Eunosto a teria estuprado. Dessa forma, através de uma falsa acusação, Ocna enfurece os seus irmãos, que preparam uma emboscada e assassinam Eunosto.

Mais tarde, Elieu consegue capturar os assassinos e Ocna, cheia de remorso, conta a verdade. Elieu então procura pelo pai dos jovens, Colono, para relatar toda a história. Colono condena os seus próprios filhos, que são exilados. Ocna morre ao se atirar de um penhasco.

Um bosque e santuário são dedicados a Eunosto em que é vedada a entrada de mulheres. Os habitantes de Tânagra costumavam fazer buscas minuciosas após terremotos, secas e outros eventos desse tipo, muito frequentes na região, para verificar se nenhuma mulher não havia sorrateiramente penetrado nos locais proibidos.

### 3.5.2 Fontes

Plutarco, em sua *Moralia*, na resposta de número quarenta nas suas *Questões Gregas*, afirma que se baseou no relato de Mirtis para contar a história de Eunosto. Mirtis teria sido uma poetisa da pequena cidade de Antédon, na Beócia, mencionada por Homero no Catálogo das Naus<sup>51</sup>. Segundo o *Suda*, Corina e Píndaro teriam sido alunos dela, mas essa informação certamente não passa muito de especulação biográfica com vistas a organizar uma determinada cronologia entre poetas. Ela teria vivido por volta de VI AEC e seria uma mulher habilidosa e dotada de voz doce.

### 3.5.3 Conclusão

A história tem alguns atenuantes apesar da mentira e do desfecho trágico. No enredo deste mito não há triângulo amoroso entre os personagens: Ocna se apaixona por um parente, mas nem ela, nem Eunosto são casados. De modo que o enredo dessa história não envolve o adultério, embora sua acusação seja mais chocante, por se tratar de alguém de sua própria família. Aqui são os irmãos de Ocna que vão tentar defender sua honra, ao invés do marido ludibriado.

Não podemos afirmar que a desestabilização do *oikos* é causada pela chegada de um hóspede

<sup>51</sup> Homero, *Iliada* 2.508.

ou de um enteado, mas esse não parece ser o caso. Embora Eunosto tenha sido criado por uma ninfa, o que pode ter acontecido em um local isolado (como, Paris, por exemplo), somos informados apenas da paixão que a mulher sente por alguém com quem tem, ao que parece, um certo convívio. Também não podemos afirmar que Eunosto passa a viver no mesmo recinto que a família da mulher, de forma que a reunião entre os personagens não é algo tão inevitável como nos outros enredos semelhantes, muito embora a família seja no fim destruída da mesma forma.

É possível assumir que o assédio de Ocna se deu pessoalmente, já que nenhum outro veículo de comunicação ou intermediários são mencionados e como costuma ser em geral o caso desse tipo de enredo. Não sabemos se o assédio é um evento único ou se acontece repetidas vezes. A rejeição de Eunosto tem como motivo sua própria personalidade, avesso à investida de Ocna, ele pretende procurar os irmãos da mulher para censurar o seu comportamento. O herói é descrito como virtuoso e grave.

É a possibilidade de censura pública, como em outros enredos, que pode ter motivado Ocna a levantar falsos testemunhos contra o jovem, uma vez que não ficamos sabendo se ela age puramente com vingança ou se tinha medo do que os irmãos poderiam pensar ou para se proteger de humilhação pública caso sua tentativa de sedução fosse revelada. Diferente dos outros mitos, em que a mulher espera simplesmente se vingar do desprezo do amado, na história de Eunosto e Ocna não ficamos sabendo o motivo que a leva a mentir, apesar de ser possível que ela quisesse apenas prejudicá-lo.

A acusação de Ocna é séria e a emboscada é fatal para Eunosto. Ele porém não sofre sozinho, a família da mulher é desfeita. Colono toma conhecimento da vilania de seus filhos e condena-os ele mesmo ao exílio. A perda de Eunosto, o sofrimento de Colono e o exílio de Équemo, Leonte e Búcolo ocasionam o fim de Ocna. Ela acaba confessando seu crime e depois se suicida, tomada de desgosto.

Em muitos enredos a mulher é retratada agindo com frieza e de forma premeditada, mas no caso de Ocna talvez o remorso e sua confissão revelem um verdadeiro arrependimento pela desgraça causada a todos e a si mesma.

## FÊNIX

Fênix / Ftia ou Clítia / Amintor

### 3.6.1 Enredo

A versão mais antiga do enredo é a seguinte: aparentemente, Fênix vive em harmonia com sua família até que seu pai, Amíntor, arranja concubina. Ultrajada pela traição, a mãe de Fênix o procura para pedir-lhe ajuda. O comportamento do marido a desagrada e ela espera obter retaliação através do filho, que deve seduzir a amante do pai. Dessa forma, esse parece ser o seu plano, a concubina deixaria de gostar de Amíntor e a relação entre ambos ficaria arruinada. Fênix, então, concorda com o plano de sua mãe e procede da forma combinada. Quando o pai toma conhecimento dos seus feitos, lança sobre ele uma maldição que o torna estéril: Fênix deseja agredir o próprio pai, mas refreia o impulso e decide deixar a casa onde mora. Seus parentes o vigiam por um tempo, tentando impedi-lo, mas ele finalmente consegue escapar e foge para Ftia.

### 3.6.2 Variantes

A história de Fênix parece ter sofrido adaptações ao longo do tempo. Na versão de Homero, nossa versão mais antiga, Fênix é responsável por seduzir a amante do pai, ainda que estivesse agindo a pedido da mãe, e por esta razão é punido pelas Erínias, que atendem os apelos de Amíntor e o deixam estéril<sup>52</sup>. A versão homérica tem continuidade em Lícofron, ele descreve Fênix como sendo o homem mais odiado pelo pai, após seduzir Clítia. O episódio teria motivado Amíntor a deixar o filho cego<sup>53</sup>. MAIR (1921: 528) observa em nota ao poema que Amintor tem ciúmes da concubina e isso o impulsiona a arrancar os olhos de seu filho.

Eurípides, por outro lado, em seu *Fênix*, apresenta uma versão mais próxima dos enredos estudados nesse trabalho<sup>54</sup>: Em sua versão, Fênix não aceita participar do plano sugerido por sua mãe, mas a concubina, por algum motivo não revelado, acaba mentindo e o acusa de estupro. A intriga coloca Amíntor contra o filho e faz com que ele o deixe cego. Na peça *Fênix* é uma pessoa honesta que é injustiçada e sofre as consequências por um crime que não cometeu. Como a peça não se manteve intacta, não é possível analisar outros detalhes, mas como o autor já abordara semelhante temática, talvez a concubina levantasse o falso relato contra o jovem após ter sido desprezada por ele.

Essa versão euripideana pode ser encontrada também em Pseudo-Apolodoro<sup>55</sup>, que conta que Fênix é acusado injustamente por Ftia, amante de seu pai, de tê-la seduzido. Amintor o deixa cego, mas Quíron restitui sua visão quando Peleu o leva até ele. Depois de voltar a enxergar, Fênix recebe

<sup>52</sup> HOMERO, *Iliada* 9.434-495.

<sup>53</sup> LÍCOFRON, *Alexandra* 417-423; é nessa versão que encontramos o nome Clítia.

<sup>54</sup> COLLARD & CROPP (2009) 405-421.

<sup>55</sup> PSEUDO-APOLODORO *Biblioteca* 3.13.8; é nessa versão que encontramos o nome Ftia.

de Peleu o governo dos Dólopes.

A rigor, a versão homérica do enredo não pode ser enquadrada dentro do tema da Esposa de Potifar por não apresentar as características elementares da construção narrativa: Assédio, Rejeição e Calúnia. Pelo fato do enredo encontrado na peça de Eurípides apresentar semelhante estrutura, HANSEN (2002: 343) acredita que a história de Fênix aos poucos foi assimilada pelo tema da Esposa de Potifar. Contudo, é impossível saber se essas modificações são de fato introduzidas por Eurípides — como COLLARD & CROPP (2009: 415) observam — ou se o dramaturgo ateniense apenas recorre a uma versão original mais antiga que o poeta homérico também teria utilizado e modificado <sup>56</sup>.

### 3.6.3 Fontes

A história de Fênix era bem antiga e já era registrada desde Homero, através da *Iliada*. Lícofron também falava sobre o herói em seu poema *Alexandra*. Sófocles escreveu ao menos uma peça sobre ele, assim como Eurípides. A *Fênix* de Eurípides é anterior a *Os Acarnianos*, de Aristófanes, escrita em 425 AEC. Embora o critério métrico não possa fornecer uma data mais precisa para a primeira peça, sabe-se que ela faz parte do período mais antigo das produções de Eurípides, em que o autor usava frequentemente a temática das mulheres desonestas, similar ao modelo da Esposa de Potifar, popular nas tragédias desde Sófocles, no século V AEC até Astidamas II, no século IV AEC. Outros autores mais recentes também mencionam as aventuras de Fênix, como Higino, na sua fábula de número 173 e Pseudo-Apolodoro, em sua *Biblioteca*.

### 3.6.4 Homero

Fênix só aparece na *Iliada* para tentar convencer Aquiles a voltar para a batalha, lembrando os laços de amizade que os dois tinham desde muito cedo. Demonstra afeição paternal pelo herói e diz que não poderia deixá-lo, ainda que algum deus o fizesse jovem novamente. Fênix acompanha Aquiles em Tróia a mando de Peleu, em sinal de gratidão por recebê-lo quando deixa sua terra natal, após se desentender com Amíntor. A desavença entre pai e filho ocorre por causa de uma amante.

A amante de Amíntor o afasta de sua esposa, por isso a mãe de Fênix, abraçada aos joelhos do filho, pede que ele conquiste a bela concubina para que esta passe a não gostar de Amíntor. O plano é executado e tudo ocorre como esperado, exceto pela maldição que Amíntor lança contra Fênix: ele invoca as Erínias, desejando que seu filho nunca tenha descendentes. Os deuses realizam seu desejo e Fênix se enfurece. Pensa em matar o pai, mas um deus aplaca sua ira, pois tal crime é repudiado pela sociedade. Parentes tentam mantê-lo no palácio, mas Fênix não deseja permanecer, por ainda sentir raiva do pai. Por nove dias é vigiado, mas no décimo consegue fugir para a Ftia. Peleu o recebe

<sup>56</sup> HANSEN (2009: 339) aponta uma tradição que apresenta enredo similar: um homem inadvertidamente cortara árvores do bosque sagrado do herói Anágiro. Enfurecido, Anágiro faz com que a concubina do homem se apaixone por seu filho. O enredo prossegue tipicamente: o filho rejeita a concubina, que levanta falsas acusações contra o jovem. A sequência final da história é terrível: o pai mutila e encarcera seu próprio filho e, em seguida, enforca-se. A concubina se joga dentro de um poço. A história foi preservada por APOSTÓLIO 9.29 (*Corpus Paroemiographorum Graecum* 2:479).

gentilmente, cede-lhe o comando dos Dólopes e deixa Aquiles sob seus cuidados. Este se torna para ele o filho que não pôde ter.

### 3.6.5 Lícofron

Fênix, tutor de Aquiles, morre idoso, partindo de Tróia a caminho de casa. No poema *Alexandra*, atribuído a Lícofron, consta que ele é o homem mais odiado pelo pai, Amintor. Este, tomado por um grande ciúme de Clítia e do filho, que tinha adentrado o quarto da moça, acaba por furar seus os olhos. MAIR (1921: 528) explica em nota que Amintor arrancou os olhos do filho.

### 3.6.6 Sófocles

Sófocles pode ter escrito uma peça chamada *Os Dólopes*, que teria como tema esta tribo da Tessália que foi regida por Fênix, por intermédio de Peleu. A peça, no entanto, pode ter sido idêntica a *Fênix*, que provavelmente precedeu a peça de Eurípidés, mas seu conteúdo é desconhecido <sup>57</sup>.

### 3.6.7 Eurípidés

Em *Fênix*, o personagem principal surge como um homem inocente que é caluniado, após supostamente ter se negado a desempenhar o papel traçado por sua mãe em um plano de vingança. A concubina amante de seu pai o teria acusado falsamente de estupro. Não se sabe se Eurípidés foi o autor dessa versão, mas ela se tornou tão dominante nas releituras mais recentes que o texto de Homero foi alterado para acomodá-la <sup>58</sup>. Aparentemente, Eurípidés foi responsável pela inserção da cegueira de Fênix à história. O herói segue para o exílio, mas não é dito se parte voluntariamente ou não.

Aristodemo de Nisa, um estudioso de retórica e literatura elaborou uma autodefesa para Fênix, provavelmente em uma performance retórica, e foi absolvido pela audiência e honrado por mostrar Fênix sendo justo. Antes dele Sosífanés, possivelmente um tragediógrafo de Siracusa, tinha inventado uma leitura semelhante e esses detalhes foram atestados por Harpocraton. Muitos dos fragmentos de *Fênix* se referem à velhice. Amíntor diz que crianças são penosas para um homem velho e comenta sobre alguém que se casa quando não está mais no apogeu de sua vida. Dessa forma, uma esposa manda no noivo envelhecido <sup>59</sup>. Depois, o personagem volta ao assunto, dizendo que a velhice que é um mal para aqueles que a têm <sup>60</sup>. No fragmento 807 encontramos a afirmação de que um marido velho é amargo para uma esposa jovem. O fragmento 808 fala de uma mulher que é o mal mais selvagem de todos.

<sup>57</sup> LLOYD-JONES (1996) 68-69.

<sup>58</sup> LLOYD-JONES (1996) 405.

<sup>59</sup> EURÍPIDES Frg. 804.

<sup>60</sup> EURÍPIDES Frg. 805.

Dois fragmentos parecem corresponder às falas de Fênix. Em um deles <sup>61</sup>, um personagem diz que se algum dia encontrasse um homem cego angustiado por sua má sorte, abusaria dele e o consideraria covarde por resistir à morte. Mas agora ele mesmo era traído pelas próprias palavras. Há uma reflexão sobre os mortais e o amor que têm pela vida. Sabem o que é viver, mas através da inexperiência da morte temem deixar a luz do sol. Outro trecho <sup>62</sup> parece retratar o exílio de Fênix, pois um personagem se despede da pátria e diz que, mesmo que um homem tenha problemas em excesso, não há nenhum solo mais agradável a ele que aquele que o criou.

### 3.6.8 Pseudo-Apolodoro

Ftia, amante de Amíntor, acusa falsamente o filho deste, Fênix, de tê-la seduzido e o pai, acreditando nela, deixa o próprio filho cego. Mais tarde, Fênix é levado por Peleu até Quíron, o centauro que lhe restaura a visão. Peleu faz de Fênix o rei dos Dólopes. Posteriormente, Aquiles parte para Tróia com Fênix e é ele quem acompanha Odisseu e Ajax na embaixada para convencê-lo a retornar à batalha. Quando Fênix morre, Neoptólemo, o filho de Aquiles, o enterra <sup>63</sup>.

### 3.6.9 Conclusão

A revisão dos atos do personagem, possivelmente criada por Eurípides, parece ter influenciado todos os relatos posteriores. Fênix, que em Homero aparenta colaborar com a mãe e trair o pai, recebe um novo tratamento, passando a figurar como um jovem virtuoso que recebe um castigo por um crime que não cometeu. A concubina desempenha um papel mais ativo na trama e sua manipulação origina os sofrimentos do herói.

Em Pseudo-Apolodoro, porém, Fênix parece alcançar uma espécie de redenção, uma vez que é curado da sua cegueira por Quíron. Tanto em Homero, quanto em Pseudo-Apolodoro, a personagem se torna o rei dos Dólopes, graças a Peleu. Na *Iliada* é dito que Aquiles é como um filho para ele, relação que parece amenizar as frustrações decorrentes da infertilidade.

<sup>61</sup> EURÍPIDES Frg. 816.

<sup>62</sup> EURÍPIDES Frg. 817.

<sup>63</sup> PSEUDO-APOLODORO *Biblioteca* 3.13.8.



## FRIXO

Frixo / Demódice, Biadice ou Górgopis / Atamas / Creteu

### 3.7.1 Enredo

Atamas gerou com Nefele, sua primeira esposa, Frixo e Hele; com Ino <sup>64</sup>, sua segunda esposa, Atamas gerou Learcos e Melicertes. Nos relatos mais populares sobre Frixo, Ino planeja se livrar dos enteados e simula uma praga na vegetação, após convencer as mulheres da cidade a tostarem os grãos do plantio para torná-los inférteis. Desta forma, a colheita fica comprometida e as pessoas não têm o que comer. Com a escassez de alimentos, Atamas fica preocupado com os súditos e envia um mensageiro a Delfos para tentar descobrir como poderia aplacar a peste. Ino consegue interferir na resposta do oráculo, subornando o enviado do rei. Quando este retorna à corte, diz ao governante que o príncipe deve ser sacrificado para que as sementes voltem a desabrochar.

Nefele, uma espécie de deusa, envia um carneiro de pêlo de ouro para salvar seus filhos, que montam no animal e fogem em direção à Cólquida. Hele escorrega do carneiro e cai no mar, no estreito de Dardanelos, que passa a se chamar Helesponto em sua homenagem. Frixo consegue chegar à corte de Eetes, sacrifica o carneiro a Ares e entrega o velo dourado ao rei, que o coloca no bosque do deus. Ele se casa com Calcíope, filha de Eetes, e o casal tem filhos <sup>65</sup>.

Há ainda outra versão para o episódio da fuga de Frixo. A esposa do tio dele, Creteu, sente-se apaixonada por ele, que não corresponde ao seu interesse. A mulher decide se vingar por causa da rejeição e conta a Creteu que o jovem tinha abusado sexualmente dela. O relato era falso, mas Creteu acredita nele e procura o irmão, Atamas, para reportar o crime. Atamas se vê obrigado a punir o próprio filho e o condena à morte. A mãe de Frixo envia o carneiro para resgatar os filhos e a história segue como o previsto.

### 3.7.2 Variantes

Homero não menciona o núcleo familiar de Atamas, apenas a *Odisseia* <sup>66</sup> descreve Ino como uma divindade marinha benevolente que socorre Odisseu. Aparentemente, o mito de Ino era muito antigo e talvez Homero tratasse da personagem após sua vida terrestre, uma vez que ele diz que ela é filha de Cadmo e tem o epíteto de Ino de pés bem-moldados. Ino se transforma em divindade marinha e passa a se chamar Leocótea. Parece passar pelo fenômeno da *apotheosis*, assim como outros personagens da mitologia grega como Melicertes, Sêmele, Dionísio, Hércules, entre outros <sup>67</sup> A

<sup>64</sup> Segundo o escólio à *Iliada* 7.86, Ino é a primeira esposa de Atamas.

<sup>65</sup> De acordo com o escólio a APOLÔNIO DE RODES (2.181, que se baseia em HESÍODO, Frixo teve dois filhos: Tino e Manandino. Em outra passagem (2.11122), diz que ele tem com Iphossa quatro filhos: Argos, Frontis, Melas, e Citisoro. Eetes, o rei da Cólquida fica apreensivo com um descendente de Éolo em seu reino, pois um oráculo havia lhe alertado que um membro desta linhagem poderia lhe oferecer riscos, motivo que o leva a cometer o assassinato de seu genro. Em PAUSÂNIAS 9.34.8, Frixo volta para Orcômeno.

<sup>66</sup> HOMERO, *Odisseia* 5.333-53.

<sup>67</sup> PSEUDO-HIGINO, *Fábulas* 224.

passagem de Ino para o mar foi um mito famoso, recontado muitas vezes, e parece ter sido modificado com o tempo. Os detalhes da vida de Ino como mortal não são mencionados na versão homérica, portanto não se sabe quais acontecimentos culminaram na sua transformação em divindade. O deslocamento da vida terrena para a imortalidade no mar pode simbolizar um período de purificação da personagem <sup>68</sup>.

Tanto Homero quanto Hesíodo e Píndaro diziam que Ino era filha de Cadmo <sup>69</sup>. Este herói atrai a ira do deus Ares ao matar o dragão que guardava sua fonte <sup>70</sup>. O ressentimento do deus é imediato e sua fúria é direcionada a toda estirpe do mortal. As filhas e os descendentes de Cadmo sofrem muitos infortúnios. Talvez os mitos subsequentes fossem decorrentes deste conflito entre o herói e o deus. Algumas versões das lendas fazem uma conexão entre os sofrimentos da família com o episódio da gravidez da irmã de Ino, Sêmele. Na *Teogonia* <sup>71</sup>, Sêmele se une a Zeus e gera um filho dele, Dionísio. Hera fica sabendo do enlace amoroso entre Zeus e Sêmele e, enfurecida, provoca a morte da mulher. Quando descobre que Dionísio sobreviveu e é criado por Ino e Atmas, Hera resolve se vingar do casal. Em alguns relatos, a fúria da deusa influencia diretamente o destino de Frixo e de seus parentes <sup>72</sup>.

Píndaro <sup>73</sup> reconhece a rivalidade entre o Frixo e sua madrasta e relata que o jovem foge dela no carneiro dourado, mas não revela qual o nome da mulher, nem qual o motivo da rivalidade entre ambos. O Escoliasta a Píndaro <sup>74</sup> menciona versões nas quais a madrasta apaixonada pelo enteado elabora um plano para arruiná-lo e cita os Hinos de Píndaro <sup>75</sup> para dizer que o nome dela é Demodice, mas acrescenta que para Hípias de Elis ela é Górgopis <sup>76</sup>. Não há outra menção ao nome Górgopis neste mito, portanto não é possível definir como ele foi relacionado à história.

Demodice também é o prenome mencionado por Pseudo-Higino, mas a esposa de Creteu não possui enteados. Ela não poderia ser a madrasta de Frixo, apenas a tia dele. Não é possível afirmar se Píndaro realmente a chama assim ou se o escoliasta mescla as duas versões da mulher apaixonada e da madrasta cruel e dá o mesmo nome às antagonistas, juntando as histórias em uma só.

Ferécides, contemporâneo de Ésquilo, traz a versão de Frixo como voluntário no sacrifício humano, após o problema da colheita, e aponta Temisto como a madrasta <sup>77</sup>. O carneiro dourado também é citado <sup>78</sup>. Temisto foi uma das esposas de Atamas, mas as histórias dos dois personagens não costumam acontecer simultaneamente. Ela poderia ser considerada a madrasta dos filhos de Ino, mas dificilmente seria a madrasta de Frixo e Hele, pois aparentemente os irmãos passam pelo voo no carneiro antes do casamento do pai com ela. Talvez Ésquilo mencionasse o episódio da colheita e depois tratasse da antipatia de Temisto para com a prole de Ino.

<sup>68</sup> BEAULIEU (2008) 114.

<sup>69</sup> HESÍODO, *Teogonia* 975-9.

<sup>70</sup> EURÍPIDES, *Fenícias* 930-5 e OVÍDIO, *Metamorfoses* 3.26-50.

<sup>71</sup> HESÍODO, *Teogonia* 940-2.

<sup>72</sup> EURÍPIDES, *Medéia* 1282-89. Uma das peças *Atamas* de Sófocles também retratava esta relação.

<sup>73</sup> PÍNDARO, *Pítica* 4.159-62.

<sup>74</sup> Escólio a Píndaro Σ *Pítica* 4.288a *apud* GANTZ (1993) 177.

<sup>75</sup> PÍNDARO Fr 49 SM *apud* GANTZ (1993) 177.

<sup>76</sup> 6F11 *apud* GANTZ (1993) 177.

<sup>77</sup> FERÉCIDES, 3F98 *apud* GANTZ (1993) 177.

<sup>78</sup> FERÉCIDES, 3F99 *apud* GANTZ (1993) 177.

O comentário do escoliasta em *As Nuvens*<sup>79</sup>, observa que em uma das duas peças *Atamas*, de Sófocles, o personagem-título iria ser sacrificado por ter submetido Frixo àquele castigo, mas Hércules impede sua morte. O *Suda* e o Tzetzes explicam que Hércules consegue livrá-lo da morte ao revelar que Frixo está vivo<sup>80</sup>. Segundo Heródoto, Atamas não só tem conhecimento do plano de Ino, mas é seu cúmplice. Quando o jovem príncipe escapa da armadilha, ele é posto em seu lugar para cumprir seu papel no ritual de purificação<sup>81</sup>.

Em *Frixo I*, de Eurípides, Atamas é um rei da Tessália. A peça mencionava o plano de Ino contra os filhos do marido. Nos fragmentos da obra há menção às colheitas estéreis, a Frixo, a Delfos e a alguém que ela persuadiu a fazer alguma coisa. Em outro fragmento, um homem afirma que o próprio pai o expôs ao perigo por causa de uma mulher<sup>82</sup>. O relato de Pseudo-Apolodoro se assemelha a esta obra, exceto pela localidade onde a história ocorre, pois em *Biblioteca* Atamas é rei na Boécia.

Existem outras versões da história de Atamas e Ino<sup>83</sup>. O relato de Pseudo-Higino em *Astronômica* é o único que menciona com detalhes a paixão que Demodice, esposa seu tio, sente por ele. Segundo Pseudo-Higino, alguns autores diziam que ela era Demodice, mas outros a chamavam de Biadice, mas ele não diz quais eram as fontes. Frixo e Hele escapam juntos no carneiro enviado pela mãe. Frixo é condenado pelo pai quando a tia o acusa falsamente de estupro, mas não é dito por que Hele também está com ele na hora do sacrifício. Os irmãos voam juntos no animal mágico e depois Hele cai no mar e passa a viver ao lado de Netuno. Isso demonstra que o episódio do carneiro era o mesmo utilizado em outras obras quando Frixo está fugindo da armadilha de Ino. A versão de Pseudo-Higino parece ser uma narrativa alternativa do mito e não um acontecimento complementar à história.

### 3.7.3 Fontes

Sófocles escreveu duas peças chamadas *Atamas* e uma *Frixo*. Sabe-se que *Atamas I e II* foram compostas por ele graças às citações feitas por Hesíquio<sup>84</sup>. Uma das duas relatava o episódio em que o personagem-título quase morre, mas é salvo por Hércules. A outra parecia estar relacionada à história de Dionísio. Sobre a peça *Frixo* não se tem muitas informações.

Eurípides criou duas peças chamadas *Frixo* e uma *Ino*. Por muito tempo não foi possível atestar que ele realmente tinha escrito as duas primeiras, mas hipóteses em papiro comprovaram a existência de ambas e levaram a crer que os enredos eram semelhantes, apesar das informações sobre o conteúdo delas serem limitadas. As *Frixo* passaram a ser classificadas como *Frixo I* e *Frixo II*. Alguns fragmentos não puderam ser completamente identificados, uma vez que não foi possível afirmar a qual delas pertenciam.

<sup>79</sup> Escólio a *As Nuvens* 255.

<sup>80</sup> LLOYD-JONES (1996) 10.

<sup>81</sup> HERÓDOTO, 7.197.1-3.

<sup>82</sup> P. Oxy. 2455 fr.14 *apud* GANTZ (1993) 178.

<sup>83</sup> *Frixo II*; PSEUDO-HIGINO, *Fábulas* 1-4; EURÍPIDES, *Medéia* 1282-89; PSEUDO-APOLODORO, *Biblioteca* 1.9.2.

<sup>84</sup> LLOYD-JONES (1996) 10.

Pseudo-Higino desenvolve o mito de Frixo e sua família através de quatro de suas fábulas e em outra passagem, presente em *Astronômica*, ele dá uma nova explicação para a condenação do herói à morte. Pseudo-Apolodoro também oferece seu relato sobre esta lenda através da *Biblioteca*.

#### 3.7.4 Eurípides

O critério métrico sugere que provavelmente *Frixo I* foi escrita antes de *Frixo II*. Ambas apresentam pontos em comum: o personagem-título é resgatado por Nefele e é quase certo que ele foge de Ino depois de ser ameaçado por ela. *Frixo A* parece se passar na Tessália, pois no trecho preservado há uma palavra que significa *servo* que é escrita na forma típica deste local. O fragmento da hipótese para a obra menciona colheitas estéreis, Frixo, Delfos e alguém que ela persuade a fazer alguma coisa. Também é mencionado que alguém julga que um dos parentes é mais próximo a ele que o próprio pai, que o expôs ao perigo por causa de uma mulher <sup>85</sup>.

*Frixo II* se passa em Orcômeno. É dito que alguém invoca a ajuda de algum deus, supostamente Dionísio, e dessa forma escapa da morte. Acredita-se que a personagem era Ino, que em algumas versões pede ajuda ao sobrinho para se livrar da punição pelo que fez com os enteados. A divindade a salva e enlouquece os irmãos Frixo e Hele, fazendo com que eles sigam para uma região selvagem onde seriam mortos pelas mônades. Nefele desce para apanhar os dois e lhes dá o carneiro que vai conduzi-los à Cólquida.

A evidência para *Ino* é muito limitada e a peça é mencionada por duas alusões breves em Aristófanes e por Pseudo-Higino. Foi produzida antes de 425 a.C., data da peça de Aristófanes, *Acârnios*. O enredo parece ter sido aquele descrito por Pseudo-Higino, que dedicou uma fábula inteira pra comentá-lo. A história gira em torno dos casamentos de Atamas com Ino e depois com Temisto. Ino foge para Parnasso para participar de orgias dionísicas e Atamas, acreditando ser viúvo, casa-se novamente, com Temisto. Depois as mulheres passam a viver sob o mesmo teto e uma grande tragédia familiar acontece. Atamas perde seus filhos, Temisto se suicida e Ino se lança ao mar e vira uma deusa.

#### 3.7.5 Pseudo-Higino <sup>86</sup>

Pseudo-Higino dedicou quatro de suas fábulas para descrever as histórias acerca de Atamas e sua família e é graças a ele que o conteúdo de outras obras pode ser imaginado, pois seus relatos são muito ricos em detalhes. Na primeira fábula, Pseudo-Higino conta que Atamas se casou três vezes. Ele dá o nome das esposas do rei e de seus filhos. Na segunda, o autor descreve a armadilha de Ino através dos grãos do plantio. Nesta versão, Atamas se recusa a entregar o filho ao sacrifício, mas Frixo se oferece para salvar a cidade. O mensageiro, cúmplice de Ino, sente piedade de Frixo e conta a verdade sobre o plano. Atamas entrega Ino e Melicertes a Frixo, para que sejam mortos, mas Líber

<sup>85</sup> P. Oxy. 2455 fr. 14.

<sup>86</sup> PSEUDO-HIGINO, *Fábulas* 1-4.

a liberta utilizando uma névoa. Hera ou Juno, como Pseudo-Higino a chama, deixa Atamas louco e Ino se atira ao mar com Melicertes. Mãe e filho se tornam deuses marinhos. Ela passa a se chamar Leucótea e Melicertes se torna o deus Palémon. Em homenagem a ele eram celebrados os Jogos Ístmicos.

Na terceira fábula, Pseudo-Higino diz que Líber deixa Frixo e Hele loucos e os dois vagam em um bosque até que Nebula traz o carneiro dourado, filho de Netuno e Teófane, no qual devem montar para chegarem à Cólquida, ao rei Eetes, filho de Hélio. Eetes recebe Frixo em seus domínios com cortesia por conta do velo dourado. O rei oferece sua filha Calcíope em casamento ao estrangeiro e o casal tem os filhos Argos, Melas e Cilindro. O governante da Cólquida, porém, teme ser privado de seu reino por algum descendente de Éolo. Um oráculo teria lhe advertido anteriormente e esta é a razão para que ele decida matar o genro.

Em *Astronômica*, o autor registra algumas divergências na história dos personagens. Segundo ele, alguns diziam que Frixo nasce em Orcômeno, na Beócia, outros em Salones, na Tessália. A mulher que se apaixona por Frixo é a esposa de Creteu, seu tio. Alguns a chamam de Demodice, outros de Biadice. Ela se apaixona por Frixo, impulsionada por sua beleza, mas é desprezada por ele. Resolve então mentir ao marido que tinha sido atacada pelo jovem, segundo Pseudo-Higino, movida pela necessidade. Ainda de acordo com o autor, ela diz muitas coisas semelhantes às que as mulheres dizem.

Creteu, que muito a estima, procura seu irmão Atamas para pedir-lhe justiça. Atamas é convencido a sentenciar o filho à morte <sup>87</sup> Nefele intervém no destino dos filhos e manda o carneiro de ouro resgatá-los. No trajeto Hele cai no mar e é abraçada por Netuno. Tem um filho chamado Paeon com o deus, ou, segundo outros, Edonus. O local em que caiu passa a se chamar Helesponto em sua homenagem. Quando Frixo chega à Cólquida, sacrifica o carneiro e pendura a lã dourada no templo de Ares, guardado por um dragão. Posteriormente, é trazido de volta a Atamas por Hermes, que atesta a inocência dele. A imagem carneiro é posta por Nebula entre as constelações e marca a época do ano em que o grão é semeado, em alusão à armadilha de Ino, que tinha mandado ressecar as sementes. Ainda de acordo com Pseudo-Higino, Eratóstenes afirmava que o próprio carneiro remove seu velo de ouro e o entrega a Frixo. Depois ele mesmo vai em direção às estrelas. Por esta razão aparecia no céu um pouco fraco.

### 3.7.6 Pseudo-Apolodoro

Ino tenta prejudicar os enteados através da armadilha dos grãos e as consequências são as mesmas já vistas, exceto que nesta versão Atamas é constrangido pelos súditos a sacrificar Frixo. Nefele os resgata e ordena que montem no carneiro que Hermes tinha dado a ela <sup>88</sup>.

### 3.7.8 Conclusão

<sup>87</sup> PSEUDO-HIGINO, *Astronômica* 2.20.

<sup>88</sup> PSEUDO-APOLODORO, *Biblioteca* 1.9.1.

O mito de Frixo é bastante complexo e possui muitas versões. Desde Homero, Ino tem sua presença registrada na literatura, mas na *Iliada* ela é uma deusa marinha e sua vida mortal não é comentada. Aparentemente, é Píndaro quem, pela primeira vez fala sobre o péssimo relacionamento entre Frixo e sua madrasta. O poeta não oferece outras informações, então não é possível saber se ele se referia a Ino ou não. Surgem outros nomes para a madrasta, mas os detalhes são obscuros. Talvez Ésquilo tenha sido o primeiro dramaturgo a retratar as tragédias familiares de Atamas, uma vez que Ferécides chama a madrasta de Temisto, mas é possível que o martírio de Frixo não tivesse relação com as vilanias da mulher, uma vez que normalmente ele foge para a Cólquida no carneiro antes de seu pai se casar com ela.

Aparentemente, as obras de Sófocles descreviam os sofrimentos da família de Ino e Atamas e, em pelo menos uma delas, os dois são os vilões da história, pois planejam juntos o assassinato de Frixo. Eurípidés escreve obras tanto com Ino como com Temisto sendo madrastas trapaceiras, mas até então nenhuma das duas parece ser atraída pelo enteado. Apenas o relato de Pseudo-Higino <sup>89</sup> traz elementos novos acerca da história na qual uma mulher tenta viver um romance com Frixo, é desprezada por ele e resolve prejudicá-lo. Levando em conta o relato do autor, é possível notar algumas semelhanças entre este depoimento e as outras histórias sobre triângulos amorosos.

Primeiro, há o assédio. Neste caso, não se sabe se a aproximação é feita pessoalmente ou através de cartas, se existe algum mediador ou não, mas a beleza aparece como uma qualidade que desperta a paixão da mulher casada. Frixo a rejeita e ela diz ao marido que o outro homem tentou estuprá-la, uma calúnia que leva Creteu a se dirigir a irmão, Atamas, para cobrar-lhe justiça. A presença do jovem involuntariamente desencadeia o desequilíbrio na casa do seu tio. A tentativa de sedução ocorre, assim como a renúncia e a mentira. Atamas, para atender ao pedido do irmão, sentencia o primogênito à morte. Frixo é um dos heróis que consegue se desvencilhar da armadilha projetada contra ele e escapa à morte, mas o resultado da emboscada é igualmente trágico, pois sua irmã, Hele, acaba falecendo. O episódio de traição e injúria é mais um capítulo na vida do herói, que participa posteriormente de outras aventuras. Pseudo-Higino não relata o que acontece com os tios, mas possivelmente os personagens perdem o contato após o conflito familiar.

<sup>89</sup> PSEUDO-HIGINO, *Astronômica* 2.20.

## HIPÓLITO

Hipólito / Fedra / Teseu

### 3.8.1 Enredo

Teseu se casa duas vezes. Com sua primeira esposa, uma amazona, tem um filho chamado Hipólito, por quem sua segunda esposa, Fedra, fica apaixonada. Fedra confia suas aflições a uma criada, que resolve interceder pela senhora sem autorização. A serva conta a Hipólito que ama a madrasta, mas o jovem mostra total aversão à sugestão de que deveria ceder aos sentimentos dela. Fedra toma conhecimento da reação dele e se sente ao mesmo tempo desprezada e ameaçada. Apesar de Hipólito ter jurado não contar nada a Teseu, para poupá-lo do desgosto, ela acredita que o jovem pode acabar contando a verdade, o que a leva a transmitir ao marido uma falsa versão dos fatos. Antes de se suicidar, deixa uma carta em que acusa o rapaz de tê-la estuprado, pois assim mantêm sua reputação a salvo e o desonra, fazendo com que suas palavras sejam desacreditadas.

Segundo Pseudo-Apolodoro, Fedra força as portas de seu quarto, rasga suas vestes e acusa Hipólito falsamente de tê-la violado <sup>90</sup>. Teseu confia no relato da esposa e se volta contra o filho. Este alega ser inocente, mas não revela o que aconteceu para não quebrar o juramento que fez aos deuses, incitado pela criada. O pai o condena ao exílio e mais tarde o amaldiçoa, invocando Poseidon. O deus faz com que um touro monstruoso saia do mar no momento em que Hipólito dirige seu carro ao longo da praia. Os cavalos se assustam e fazem com que o herói se machuque fatalmente. Somente ao se deparar com o filho à beira da morte, Teseu descobre o que de fato aconteceu entre ele e a esposa. O jovem é inocentado, mas, devido à gravidade de seus ferimentos, acaba morrendo.

Teseu é filho de Etra, que se deitou com Egeu e Poseidon em uma mesma noite <sup>91</sup>. Por esta razão, alguns consideram Egeu o pai de Teseu, enquanto outros dizem que o verdadeiro pai dele é o deus. Talvez por esta razão Poseidon o auxilie e interfira na vingança contra Hipólito. A amazona com quem Teseu se casa em alguns relatos se chama Antíope, mas em outros é Hipólita ou Melanipe <sup>92</sup>. Píndaro chama Hipólito de Demofonte <sup>93</sup>. Fedra é filha do rei Minos e de Parsífae e neta do deus Sol. Segundo Pseudo-Apolodoro, ela dá ao marido dois filhos: Acamas e Demofonte <sup>94</sup>. Teseu é o rei de Atenas, cidade da Ática, onde se passa o *Hipólito I* de Eurípedes, enquanto que *Hipólito II* se passa na cidade de Trezena, uma pequena cidade localizada na porção nordeste do Peloponeso, na Península Argólica.

<sup>90</sup> PSEUDO-APOLODORO, *Biblioteca E* 1.18.

<sup>91</sup> PSEUDO-APOLODORO, *Biblioteca* 3.15.7.

<sup>92</sup> Segundo PAUSÂNIAS 1.2, Hesíodo a chama assim. Em 7.4.6, diz que Hipólita é irmã de Antíope. A maioria dos autores menciona o nome Antíope para tratar da amazona esposa de Teseu DIODORO DA SICÍLIA 4.28, PLUTARCO 26-28.

<sup>93</sup> PSEUDO-APOLODORO, *Biblioteca E* 1.16.

<sup>94</sup> PLUTARCO, *Teseu* 28.

### 3.8.2 Variantes

Aparentemente *Fedra* de Sófocles e *Hipólito II* de Eurípides se assemelhavam, mas não se sabe qual das duas foi escrita primeiro. Os dois dramaturgos usam uma criada como cúmplice de Fedra e a menção aos deuses na obra de Sófocles talvez demonstre que a personagem principal se apaixona por Hipólito por algum desígnio divino, como na segunda peça de Eurípides. Quando Fedra insiste em se deitar com o enteado consciente do que faz, seu crime é muito mais grave do que quando ela conta um segredo para uma terceira pessoa e é este personagem que é responsável pela disseminação da proposta. A ida de Teseu ao Hades diferencia a versão de Sófocles da de Eurípides. Sófocles parece suavizar a paixão de Fedra pelo enteado, pois talvez ela imaginasse que tinha se tornado viúva. A personagem poderia estar buscando a companhia de Hipólito como forma de suprir a falta do marido e talvez a semelhança entre pai e filho justificasse a sua vontade de ficar com o último. Sêneca também utiliza a passagem de Teseu no Hades em sua obra.

As diferenças entre as peças de Eurípides intituladas *Hipólito* são muitas e as características de Fedra parecem ter sido revisadas. Na primeira obra, Fedra é uma pessoa inconsequente, na segunda, demonstra preocupação com os filhos e o marido. Enquanto em *Hipólito I* e na obra de Sêneca, Fedra age sem mediadores, em *Hipólito II*, ela se encontra doente de amor e uma criada, incomodada ao vê-la definhar, decide agir por conta própria e conversa com Hipólito. Na segunda peça de Eurípides, Fedra parece acusar Hipólito para resguardar seus filhos, embora o pretexto não diminua a gravidade de seu ato. A imagem de Fedra deixa de ser a de uma mulher lasciva e passa a ser de alguém que é manipulado por Afrodite e não tem como se proteger desta influência. Fedra se preocupa com o impacto que seu comportamento terá na vida de seus filhos. Seu sentimento maternal parece atenuar a acusação que faz contra Hipólito porque o intuito dela não seria puni-lo, ou pelo menos não somente isso, mas livrar os filhos de algum mal decorrente de sua conduta imprópria.

Em *Hipólito II* de Eurípides, Fedra morre logo no início da trama, desesperada por causa da atitude da serva, e deixa a acusação contra o enteado escrita em uma carta. Na obra de Asclepiades, Fedra só decide se suicidar após ser desmascarada. Em *Fedra*, de Sêneca, ela sente remorso, confessa seu erro e se mata. O arrependimento é um sinal de consciência e parece redimir a personagem, embora seu crime tenha sido irreversível e sua própria vida tenha sido destruída por causa dos seus atos. O relato de Pseudo-Apolodoro se assemelha a esta obra, exceto pelo fim da personagem que, nesta versão, só se enforca depois de ser descoberta. O relato de Pseudo-Higino também parece um resumo da segunda versão de Eurípides de *Hipólito*. Não é possível dizer se Hipólito sempre foi um servo de Ártemis, mas em *Hipólito II* esta característica parece essencial, pois impulsiona Afrodite a querer se vingar dele, já que a deusa considera sua recusa ao amor uma afronta pessoal a ela.



### 3.8.3 Fontes

Em *Odisseia*, de Homero, Teseu e Fedra são citados brevemente. Sófocles e Eurípides também usaram os personagens em suas peças. *Teseu*, de Sófocles, foi citada apenas uma vez e pode ser idêntica a *Egeu* ou a *Fedra*, do mesmo autor. Esta última obra se perdeu e não foi possível saber quando foi escrita. Pode ter sido anterior ou posterior às peças de Eurípides ou mesmo contemporânea delas.

Eurípides compôs duas peças intituladas *Hipólito* e uma *Fedra*. Esta última peça se perdeu. Sobre as duas primeiras, imagina-se que talvez a versão anterior não tenha sido bem recebida pelo público, o que fez com que Eurípides resolvesse fazer uma releitura dela, dando origem à segunda versão. Acredita-se que *Hipólito I* foi apresentada alguns anos antes de *Hipólito II*, produzida em 428 AEC. As informações sobre Fedra de *Hipólito I* foram retiradas dos fragmentos remanescentes da peça e de resumos feitos por Asclepiades e Sêneca <sup>95</sup>. Nos relatos dos dois autores, Fedra não tem o comportamento mostrado em *Hipólito II*, o que indica que a descrição dela é proveniente de *Fedra*, de *Hipólito I* ou de ambos. A versão de Sêneca foi escrita por volta de 50 AEC.

### 3.8.4 Homero

Na *Odisseia*, Fedra aparece ao lado de Prócris e Ariadne <sup>96</sup>. Homero não diz se Fedra e Ariadne são irmãs e não é confirmado se as personagens sempre pertenceram à mesma família ou se esse detalhe foi uma criação mais recente. Parece estranho que Teseu tenha se casado com Fedra após seu relacionamento com Ariadne, então é possível que a ligação entre as duas mulheres tenha sido uma união política composta pelos mitógrafos atenienses <sup>97</sup>. Segundo Gantz, a audiência já poderia conhecer alguma história a respeito de Fedra desde os tempos de Homero. A aparição dela junto a Ariadne talvez aludisse ao fato de que eram irmãs. No entanto, a participação da ateniense Prócris interagindo entre as duas é surpreendente, o que pode ser uma interpolação do século sexto. As diferenças de tempo entre o texto e as supostas interpolações não são significativas, sendo que elas mesmas podem representar tradições antigas <sup>98</sup>.

### 3.8.5 Sófocles

*Fedra* abordava a mesma temática da segunda peça *Hipólito*, de Eurípides, onde a personagem se apaixona pelo enteado e, não sendo correspondida no amor, suicida-se, deixando para trás uma carta em que faz acusações contra ele. Não é possível afirmar qual tratamento Sófocles deu à história, mas o autor parece ter dado algum atenuante à personalidade de Fedra.

O fato de Teseu aparecer no Hades pode explicar o comportamento de Fedra. Talvez a paixão

<sup>95</sup> ASCLEPIÁDES, 12F28.

<sup>96</sup> HOMERO, *Odisseia* 11.321-5.

<sup>97</sup> GANTZ (1993) 285.

<sup>98</sup> GANTZ (1993) 285.

por Hipólito seja motivada pela falta que ela sente do pai do rapaz, seu marido. O arrependimento da personagem na versão de Sêneca pode ter sido retirado desta versão. Se um dos fragmentos é corretamente atribuído à peça <sup>99</sup>, Fedra tem uma conselheira, que sugere algo que ela desaprova veementemente, talvez uma sugestão de um encontro amoroso com Hipólito, como na versão de Eurípides. Outra semelhança entre as duas obras é a presença da conselheira. Na segunda *Hipólito*, de Eurípides, é a criada que age como uma intermediária entre Fedra e seu enteado

Um dos diálogos parece acontecer entre duas mulheres, onde uma delas diz que vai embora, uma vez que não se entendem, e a outra responde dizendo que nunca a seguiria, pois seria uma loucura embarcar numa busca vã <sup>100</sup>. Talvez o trecho dissesse respeito à ideia da serva de deixar Hipólito ciente dos sentimentos de sua senhora por ele. O coro de *Fedra* é formado por mulheres <sup>101</sup>. Alguém se dirige ao coro pedindo compaixão e silêncio, pois uma mulher deve se calar sobre assuntos que trazem vergonha a outras. Acredita-se que esta fala era proferida por Fedra, que rogava que seu segredo não fosse revelado. O trecho se assemelha ao momento em que Fedra se dirige ao coro em *Hipólito II*, de Eurípides, depois que a ama revela seus sentimentos <sup>102</sup>. Outro fragmento diz que um homem rejeitou a proposta com desprezo <sup>103</sup>.

Em outras passagens, os deuses são relacionados às graças e aos males que atingem os mortais. Em uma delas, direcionada às mulheres, é dito que nenhum mortal pode escapar de ações vergonhosas <sup>104</sup>. Deus traz problemas e as mulheres têm que suportar as doenças enviadas pelos deuses. Em outro momento, afirma-se que o Amor vem não apenas para homens e mulheres, mas cria atribulações até nas mentes dos deuses no céu. Move-se sobre mar e nem mesmo Zeus todo-poderoso pode se manter alheio a ele, rendendo-se e se revelando de bom grado <sup>105</sup>.

Alguns trechos tratam da vida familiar. Em um deles está escrito que para uma mãe, crianças são as âncoras de sua vida <sup>106</sup>. Em outro fala que um homem não pode adquirir uma praga pior do que uma esposa ruim, nem um tesouro melhor do que uma mulher de mente correta e todo homem fala de acordo com sua experiência <sup>107</sup>. Sabe-se que Teseu desce ao Hades acompanhando Pirítoos na tentativa de resgate de Perséfone. Em Atenas, é considerado morto e alguém, provavelmente surpreendido com seu retorno, conclui que no período de sua ausência ele estava vivo, ainda que sob a terra. Outro personagem, provavelmente Teseu, replica dizendo que não estava morto, pois o destino não faz violência a um homem antes de seu tempo <sup>108</sup>. Outras partes remanescentes parecem descrever o encontro de Teseu com Cérbero no Hades <sup>109</sup>, possivelmente a mesma criatura que deixava uma espuma suja pingar continuamente da boca <sup>110</sup>, a não ser que o trecho fosse relacionado ao touro enviado por Poseidon que assusta os cavalos de Hipólito.

<sup>99</sup> SÓFOCLES, fr. 693a.

<sup>100</sup> SÓFOCLES, fr. 693a.

<sup>101</sup> SÓFOCLES, fr. 679a.

<sup>102</sup> EURÍPIDES, *Hipólito* 710-2.

<sup>103</sup> SÓFOCLES, fr. 678.

<sup>104</sup> SÓFOCLES, fr. 680.

<sup>105</sup> SÓFOCLES, fr. 684.

<sup>106</sup> SÓFOCLES, fr. 685.

<sup>107</sup> SÓFOCLES, fr. 682.

<sup>108</sup> SÓFOCLES, fr. 686.

<sup>109</sup> SÓFOCLES, fr. 687.

<sup>110</sup> SÓFOCLES, fr. 687a.

### 3.8.6 Eurípides

Na primeira versão de *Hipólito*, supõe-se que Fedra era uma mulher terrível, que tentava seduzir o enteado sob o teto de seu marido. Ela se dirigia pessoalmente a ele, sem intermediários ou cartas, e provavelmente também foi pessoalmente até Teseu prestar o falso depoimento contra Hipólito. Pior que outras sedutoras adúlteras, seu crime era mais grave, pois o homem que tentava conquistar era alguém de sua família, filho de seu cônjuge. O comportamento dela provavelmente era leviano e devasso. Por volta de 430 AC, Eurípides escreveu outras histórias sobre mulheres que retaliavam homens com os quais não conseguiam desenvolver um relacionamento amoroso, o que leva a crer que esse tipo de drama interessava o autor.

Na segunda versão, Fedra aparece hesitante, dividida entre a paixão pelo jovem enteado e o amor pela família. Em dois momentos diferentes na segunda obra, ela diz que preza por Teseu pelos filhos, mas não consegue ignorar a atração que sente por Hipólito <sup>111</sup>. Sua inquietação faz parte dos planos de vingança de Afrodite. O sentimento é despertado pela vontade da deusa e por este motivo é irresistível. Fedra deixa ser responsável pelo seu estado de espírito e passa a ser retratada como uma mulher influenciada pelos desígnios divinos.

Hipólito se distingue de outros heróis, pois, além de sentir repulsa pela paixão incestuosa, parece não desejar estabelecer relações sexuais com quem quer que seja. O jovem é retratado como um homem casto, devotado a Ártemis, a deusa virgem. Suas atenções parecem se voltar somente às caçadas. Quando a criada de Fedra revela o interesse desta por ele, Hipólito fica enfurecido não só com sua madrastra, mas com as mulheres de modo geral, principalmente as mais inteligentes, que, segundo ele, eram as escolhidas por Afrodite para gerarem mais baixeza <sup>112</sup>. Segundo GANTZ, não é possível afirmar se Hipólito sempre foi retratado dessa maneira, embora aspectos de seu culto em Trezena indicassem isso: as donzelas dedicavam mechas de cabelo a ele. Ainda de acordo com GANTZ, a castidade perpétua nem sempre era vista como uma afronta a Afrodite, mas certamente nesta peça ele é julgado severamente por sua intolerância para com as mulheres <sup>113</sup>.

Em *Hipólito II*, Teseu diz que Poseidon teria que realizar três maldições que ele lançasse, conforme havia prometido <sup>114</sup>. Para GANTZ, a menção ao número três, sem uma razão específica para Teseu não ter cobrado os favores antes, em ocasiões em que uma ajuda divina seria bem-vinda, talvez significasse que este número era tradicional: uma fórmula fixa na qual apenas o terceiro ou o primeiro desejo é usado numa situação real <sup>115</sup>.

<sup>111</sup> EURÍPIDES, *Hipólito* 315 e 321.

<sup>112</sup> EURÍPIDES, *Hipólito* 640-642.

<sup>113</sup> GANTZ (1993) 287.

<sup>114</sup> O escólio à *Hipólito II* 887-90 defendia que este era o terceiro desejo e que Teseu tinha usado o primeiro para escapar do Hades e segundo para sair do labirinto. Contudo, isso parece improvável, pois Ariadne e Hércules não precisariam ajudá-lo, caso isso fosse verdade, e Teseu poderia simplesmente desejar estar fora de perigo.

<sup>115</sup> GANTZ (1993) 288.

### 3.8.7 Sêneca

Na obra de Sêneca, *Fedra*, a personagem-título usa a espada de Hipólito como prova de que Hipólito esteve com ela e tentou abusá-la. Na verdade, a arma foi usada por ele para mantê-la à distância, na ocasião em que ela tentou seduzi-lo. Hipólito deixou a espada cair enquanto se afastava dela, horrorizado com seu comportamento. Sêneca também usa a passagem de Teseu no Hades em sua narrativa e, dessa forma, o crime de Fedra é amenizado, uma vez que ela imagina estar viúva. A morte da personagem não acontece quando ela denuncia o enteado, mas quando se arrepende por ter arruinado sua vida, vendo-o à beira da morte. Nesse momento, ela revela a verdade ao marido, inocenta o rapaz e deixa seu corpo cair sobre uma espada.

### 3.8.8 Conclusão

Na segunda peça chamada *Hipólito*, Eurípides descreve o personagem principal como um servo de Ártemis, a deusa virgem. Sua devoção era grande e ele procurava espelhar-se na divindade. Mantinha-se casto e dedicava-se às caçadas, não parecia se interessar por mulheres. Este aspecto é fundamental para a peça, pois é o que desperta a raiva de Afrodite pelo jovem. A deusa do amor sentia-se desprezada por Hipólito e resolve se vingar dele fazendo com que sua madrasta se apaixone por ele e traga o caos à sua casa. O desequilíbrio do *oikos* de Teseu acontece involuntariamente e é inevitável, uma vez que é uma deusa que o provoca. As personagens se encontram presas ao destino funesto e não há nada que possam fazer para evitar o que está por vir.

Assim como na *Ilíada*, Afrodite obriga Helena a se encontrar com Páris e mostra à mortal que ela não pode resistir a seu poder, Fedra também se vê completamente cega de amor e dominada pela vontade da deusa, que a faz agir de modo irracional e ficar cada vez mais doente de paixão<sup>116</sup>. A criada, não suportando assistir passivamente a senhora morrer um pouco a cada dia, resolve tomar uma atitude e revela a Hipólito a paixão de Fedra, mas não sem antes fazê-lo jurar aos deuses que não contaria nada daquilo ao pai. Este detalhe também foi crucial à história, pois assegura que o herói, mesmo difamado e punido injustamente, não conte o que de fato aconteceu. O papel da criada como intermediária também é relevante porque tira a responsabilidade de Fedra pela insinuação sexual.

Após ser rejeita dapelo enteado, que se volta contra todas as mulheres, indignado com a proposta infame da criada, Fedra se vê atormentada pelo desprezo do jovem e horrorizada com a possível humilhação pública. Ela acha que não existe mais saída para si própria e por isso decide se matar. Antes, porém, acusa Hipólito de tê-la violado, pois dessa forma o jovem perderia o amor do pai e sua posição na família, além de ficar desacreditado perante todos, caso tentasse expor os acontecimentos. Com isso Fedra imaginava proteger os filhos que ela própria tinha com Teseu. Ela deixa a denúncia escrita em uma carta e se enforca. Hipólito é exilado e morre quando deixava

<sup>116</sup> HOMERO, *Ilíada* 3.383-425.

Trezena. O personagem é mais um exemplo de um herói que não consegue resistir à vilania empregada contra ele. Posteriormente, é reconhecido em sua honra e homenageado com templos e cultos.

## MIRTILO

Mirtilo / Hipodâmia / Pélope

### 3.9.1 Enredo

Enomau, rei de Pisa, tem uma filha chamada Hipodâmia, donzela de excepcional beleza. Ele mantém uma condição para que ela possa se casar: algum dos pretendentes dela deve vencê-lo em uma corrida de cavalos até o Ístmo de Corinto. Ninguém consegue cumprir a missão, pois o carro de Enomau é mais veloz, sendo puxado por cavalos doados pelo deus Ares e assim todos os oponentes acabam perdendo a corrida e sendo assassinados por ele. Muitos homens perecem e têm suas cabeças expostas na frente do palácio.

Pélope, filho de Tântalo, resolve entrar na disputa pela mão da jovem e consegue convencer Mirtilo, o auriga do rei, a tornar-se seu aliado, embora o acordo entre ambos não dure muito. Pélope tinha sido amante do deus Poseidon e, através dele, obtém cavalos incansáveis que o levam à vitória. Enomau acaba morrendo durante a corrida <sup>117</sup>. O herói se casa com Hipodâmia e se torna o legendário fundador dos jogos Olímpicos.

Existem versões em que Mirtilo tem um envolvimento com Hipodâmia que acaba o levando à morte. Em alguns relatos, o auriga é apaixonado pela esposa de Pélope e tenta se aproveitar dela à força. Em outros, ele é inocente e é ela quem tenta se aproximar dele e, como não consegue obter o que deseja, acusa-o perante o marido de ter atentado contra ela. Pélope se enfurece e atira Mirtilo ao mar, matando-o dessa forma

### 3.9.2 Variantes

Segundo Diodoro da Sicília, um oráculo prevê que o casamento de Hipodâmia iria assinalar a morte de Enomau, por esta razão ele decide mantê-la virgem <sup>118</sup>. Pseudo-Apolodoro oferece uma segunda hipótese: o pai é apaixonado pela filha e não quer que ninguém se case com ela <sup>119</sup>. O escólio de *Orestes* também menciona a paixão incestuosa do pai <sup>120</sup>. Pseudo-Apolodoro conta que Enomau morre preso às rédeas dos cavalos, mas segundo ele, outros autores afirmavam que Pélope era o assassino de Enomau, embora não revele quais seriam estas fontes <sup>121</sup>. Diodoro diz que o rei se suicida acreditando que a profecia se cumpriu.

Os motivos que levam Mirtilo a colaborar com o casal variam conforme cada autor. Pseudo-Higino conta que ele é motivado pela promessa de ganhar metade do reino de Enomau. O escólio a

<sup>117</sup> segundo FERÉCIDES e PSEUDO-HIGINO, uma cavilha de roda deixou de ser inserida no carro de Enomau e o veículo se partiu; FERÉCIDES *apud* GANTZ (1993) 541 e PSEUDO-HIGINO, *Fábulas* 84.

<sup>118</sup> DIODORO DA SICÍLIA 4.73.2 O escólio a APOLÔNIO DE RODES 1.752 e PSEUDO-HIGINO *Fábulas* 84, também falam do oráculo.

<sup>119</sup> PSEUDO-APOLODORO *Biblioteca* E.2.4.

<sup>120</sup> Escólio ao *Orestes* 990 *apud* GANTZ (1993) 543.

<sup>121</sup> PSEUDO-APOLODORO *Biblioteca* E.2.7.

Apolônio de Rodes <sup>122</sup> diz que Hipodâmia pede a Mirtilo que auxilie seu noivo na competição. Pseudo-Apolodoro afirma que o auriga a ajuda porque a ama <sup>123</sup>. Pausânias diz que Pélope oferece a Mirtilo uma noite em companhia de Hipodâmia. No escólio a Virgílio <sup>124</sup>, é ela que promete passar uma noite com Mirtilo.

O escólio à *Ilíada* <sup>125</sup> conta que ela se apaixona pelo auriga e, aproveitando a ausência do marido que tinha ido buscar água, implora a ele que não a despreze. O rapaz se afasta e ela, para se proteger, acusa-o de tê-la estuprado. Pélope mata Mirtilo acreditando nas palavras da esposa. Alguns escoliastas indicam que Ferécides <sup>126</sup>, contava que Hipodâmia, Pélope e Mirtilo cavalgavam em torno do Peloponeso quando o cocheiro em algum momento tentou beijá-la e Pélope o jogou no mar.

### 3.9.3 Fontes

As principais fontes que tratam do envolvimento de Hipodâmia com o auriga de seu pai são Diodoro da Sicília, Pseudo-Apolodoro, Pseudo-Higino e Pausânias. O relato de Diodoro está registrado na *Biblioteca Histórica*. Pseudo-Apolodoro conta sua versão na *Biblioteca*. Pseudo-Higino narra o episódio em suas *Fábulas*, enquanto Pausânias faz seu registro na mesma obra destinada à descrição da Grécia, mencionada anteriormente.

### 3.9.4 Diodoro da Sicília <sup>127</sup>

Na cidade de Pisa, no Peloponeso, Ares e Harpinê geram Enomau, que tem uma filha única chamada Hipodâmia. Um oráculo revela a Enomau que sua morte ocorrerá assim que sua filha se casar, o que faz com que ele evite este matrimônio. Como a jovem tem muitos pretendentes, Enomau propõe a eles que tentem vencê-lo em uma corrida de cavalos, de Pisa até o altar de Poseidon, no Ístmo de Corinto. O vencedor teria permissão para se casar com Hipodâmia, mas aqueles que não conseguissem ultrapassar Enomau seriam mortos.

Durante as disputas, Enomau sacrifica um carneiro a Zeus, enquanto o oponente sai à frente, dirigindo um carro puxado por quatro cavalos. Ao término do ritual, o rei persegue o adversário, passa à frente e, tendo uma lança nas mãos, fere o outro homem mortalmente. Mirtilo guia seu carro enquanto ele se equilibra com a arma em punho. Empregando este método, tendo cavalos mais velozes que os dos oponentes, liquida-os em grande número.

Quando Pélope, filho de Tântalo, chega à Pisa e olha para Hipodâmia, imediatamente deseja se casar com ela. Corrompe Mirtilo e garante sua cooperação para ganhar a vitória. Dessa forma, é o primeiro a chegar ao altar de Poseidon. Enomau, acreditando no presságio, se sente desencorajado e se suicida. Pélope consegue tornar Hipodâmia sua esposa e conquista a soberania de Pisa,

<sup>122</sup> Escólio a APOLÔNIO DE RODES 1.752 *apud* GANTZ (1993) 541.

<sup>123</sup> PSEUDO-APOLODORO, *Biblioteca* E.2.7.

<sup>124</sup> Escólio a Virgílio *Geórgicas* 3.7 *apud* GANTZ (1993) 543.

<sup>125</sup> Escólio à *Ilíada* 2.104 *apud* GANTZ (1993) 543.

<sup>126</sup> FERÉCIDES 3F37b *apud* GANTZ (1993) 541.

<sup>127</sup> DIODORO DA SICÍLIA 4.73.1-6.

aumentando constantemente seu poder devido à coragem e sabedoria. O Peloponeso passa a ter este nome em homenagem a ele.

### 3.9.5 Pseudo-Apolodoro <sup>128</sup>

Após o banquete de Tântalo, Pélope renasce ainda mais belo. Justamente por isso, é amado por Poseidon, que o presenteia com um carro impulsionado por cavalos alados. O veículo anda através do mar, sem molhar os eixos. Por outro lado, o rei de Pisa, Enomau, tem uma filha, Hipodâmia, que não deseja ver casada. O autor diz que as fontes davam explicações diferentes para isso. Segundo alguns, o motivo é a paixão incestuosa do pai por ela. Outras autoridades explicam que um oráculo havia dito que o genro dele o mataria.

Enomau propõe que os candidatos tentem levar a jovem no carro até o Istmo de Corinto. Durante o trajeto, porém, o rei segue o casal, portando armas do deus Ares, que também havia lhe dado cavalos. Os pretendentes não conseguem vencer, já que Eunomau é mais rápido. Ele os atinge e as cabeças dos mortos são colocadas no alto da casa. Pelo menos doze homens já tinham perecido desta maneira. Pélope, ao contemplar a beleza de Hipodâmia, deseja se casar com ela e seu amor é correspondido. A noiva convence Mirtilo, o auriga de Enomau, a prestar auxílio a Pélope.

Mirtilo, filho de Hermes, também a ama e colabora com o casal para fazê-la feliz, deixando o carro do rei sem os pinos nos eixos. Isto faz com que Enomau perca a corrida e morra enroscado nas rédeas dos cavalos embora, segundo Pseudo-Apolodoro, outros autores afirmassem que Pélope o matou. Antes de morrer, porém, Enomau lança uma maldição sobre Mirtilo por causa da traição. Pélope e Hipodâmia se casam, mas quando ele se afasta para apanhar água, Mirtilo tenta violentá-la. Hipodâmia conta tudo ao marido, que lança o rapaz ao mar, nas proximidades do Cabo Geresto. O local passa a se chamar Mirtoo por causa de Mirtilo, que no momento em que cai, amaldiçoa os descendentes de Pélope. Este, porém, é purificado por Hefesto, retorna a Pisa e conquista o reino do sogro. As regiões da Ápia e da Pelasgiótida recebem o nome de Peloponeso em homenagem a ele.

### 3.9.6 Pseudo-Higino <sup>129</sup>

Na versão de Pseudo-Higino, Enomau é filho de Marte e Esterope. Ele e Evarete, filha de Acrísio, são os pais de Hipodâmia. O oráculo o previne de uma possível morte pelas mãos do marido da filha, o que faz com que ele não deixe que ela se case. Ele planeja a corrida de carros, puxado por quatro cavalos, mas seus concorrentes não têm chance de vencê-lo, uma vez que seus animais são mais velozes que o vento. Os pretendentes derrotados são condenados à morte. A crueldade do rei por pouco não faz Pélope desistir da competição, pois as cabeças dos rivais eram postas acima da porta da casa de Enomau e isso o aterrorizava. Pélope persuade Mirtilo a ajudá-lo, prometendo-lhe metade do reino de Pisa em troca da cooperação. Mirtilo deixa as rodas do carro de Enomau sem

<sup>128</sup> PSEUDO-APOLODORO *Biblioteca*, Epítome 2.3-9.

<sup>129</sup> PSEUDO-HIGINO, *Fábulas* 84.



pinos e o veículo se parte em pedaços. Pélope vence a disputa, mas se recusa a cumprir o acordo firmado com Mirtilo e o atira no mar, que passa a ser reconhecido como o Mar de Mirtilo. O país passa a se chamar de Peloponeso em homenagem a Pélope e ele e Hipodâmia têm três filhos.

### 3.9.6 Pausânias <sup>130</sup>

Ao mencionar a arca de Cípselo, tirano de Corinto, Pausânias descreve uma imagem em que Enomau persegue Pélope e Hipodâmia. Cada um dos homens é retratado sendo conduzido por dois cavalos, sendo que os animais de Pélope são alados <sup>131</sup>. Segundo o autor, Mirtilo é o habilidoso auriga de Enomau, que guia as éguas enquanto o rei atira nos pretendentes da filha. Mirtilo é apaixonado por Hipodâmia, mas não tem coragem de se arriscar por ela na corrida. Pélope o convence a trair o rei com a promessa de que cederia Hipodâmia a ele por uma noite. Mirtilo ajuda Pélope a ganhar a corrida, mas, quando tenta fazer com que ele cumpra o juramento, é jogado no mar pelo outro homem, que não mantém a palavra.

Pausânias conta que, segundo a população de Feneu, o corpo de Mirtilo foi lançado na praia pela maré e eles trataram de enterrá-lo. Em uma noite específica do ano sacrifícios eram dedicados a ele, que foi considerado um herói. Seu túmulo era localizado atrás do templo de seu pai, o deus Hermes. Pausânias acredita que a viagem de Pélope não foi tão longa a ponto do Mar de Mirto ser chamado assim por causa de Mirtilo. O mar começa em Eubéia e atinge o Egeu, por meio de uma ilha desabitada. Para o autor, o navio deles partiu do Alfeu ao porto de Elis. O autor se baseava nos relatos dos antiquários de Eubéia que diziam que o mar tinha esse nome por causa de uma mulher chamada Mirto.

### 3.9.7 Conclusão

O triângulo amoroso formado por Mirtilo, Hipodâmia e Pélope é diferente dos demais porque no papel do patriarca há um personagem mais poderoso do que o jovem enamorado, que no mito não é um membro da família como em outras histórias, mas um homem de uma classe social mais baixa que a do rival. O mito de Mirtilo se enquadra no modelo do herói injustiçado, embora nem todas as versões para sua morte tenham relação com a intriga da mulher casada.

Escoliastas diziam que Ferécides era a referência para a versão da história em que Mirtilo e o casal cavalgam pelo Peloponeso até que ele tenta violentar Hipodâmia. A versão é semelhante à de Pseudo-Apolodoro. Nela, a jovem e o auriga ficam a sós quando Pélope vai buscar água. Quando ele retorna, fica a par dos acontecimentos e joga Mirtilo no mar. No entanto, em ambos relatos a acusação parece ser verdadeira ou pelo menos a veracidade do depoimento dela não é contestado.

Outras versões da lenda trazem detalhes diferentes. Pausânias diz que Pélope negocia com o auriga uma noite com sua esposa, mas o escólio a Virgílio afirma que é ela que faz a proposta. O

<sup>130</sup> PAUSÂNIAS 8.14.10-12.

<sup>131</sup> PAUSÂNIAS 5.17.7.

escólio de Apolônio de Rodes diz que Hipodâmia pede auxílio a Mirtilo por estar apaixonada por Pélope, mas o escólio à *Ilíada* conta que na verdade ela se sente atraída pelo cocheiro e aproveita que o marido não está perto para tentar seduzi-lo. A explicação para a ausência do esposo é a mesma dada por Pseudo-Apolodoro. Como Mirtilo resiste aos caprichos da mulher, ela conta a Pélope que ele tinha tentado violentá-la

Segundo estes últimos relatos, Hipodâmia age por conta própria quando tenta se aproximar de Mirtilo, sem auxílio de outras pessoas. Ela se oferece pessoalmente, mas ele a rejeita, embora não seja dito se por virtude ou por algum outro motivo. Com medo de ser desmascarada, ela acaba inventando uma calúnia sobre ele que tem consequências fatais. Embora fosse filho de Hermes, Mirtilo não consegue se salvar. Não se fala em arrependimentos da parte de Hipodâmia ou Pélope.

## PÂNDION & PLEXIPO

Pândion & Plexipo / Ideia ou Idotia / Fineu

### 3.10.1 Enredo

Os argonautas deixam Bébrice e estão a caminho da Cólquida. Aportam na Trácia e encontram o rei Fineu, um homem cego que consegue prever o futuro. Ele é constantemente importunado pelas Harpias, que sempre levam embora seu alimento e não permitem que ele faça suas refeições. Os restos de comida que esses seres deixam para trás são intragáveis, contaminadas pelo cheiro terrível que elas deixam em tudo que tocam. Esta é a parte comum às narrativas sobre Fineu. A partir do encontro dele com os Argonautas as histórias costumam variar bastante. Em alguns relatos, os Argonautas livram Fineu das Harpias e ele, em agradecimento, ensina o caminho seguro através das Simplégades para que eles alcancem o reino de Eetes. Em outros relatos, os homens de Argos vão recriminar Fineu por tratar mal os filhos. Nestas versões Fineu é casado com Cleópatra com quem tem dois filhos. Mais tarde, ele se casa de novo, com uma mulher chamada Idea. Por algum motivo que não é dito, sua esposa o procura e faz uma denúncia falsa de estupro onde ela era a vítima e os filhos dele os culpados. O rei da Trácia dá credibilidade ao relato dela e pune os filhos severamente. Os jovens eram sobrinhos de Zete e Calais, filhos de Bóreas, que chegam com os Argonautas e prestam auxílio a eles. Fineu é castigado pelo tratamento cruel dirigido aos descendentes.

### 3.10.2 Variantes

As principais diferenças entre os relatos sobre Fineu são relativas à sua deficiência visual e à forma com que se relaciona com os Argonautas, em especial com os filhos de Bóreas, Zetes e Calais. Existem muitas explicações para a cegueira de Fineu, algumas parecem sugerir que ele tinha que escolher entre duas bênçãos, outras entre duas punições. Em outros relatos, ele era apenas castigado, sem chance de interferir em seu destino <sup>132</sup>. Asclepiades diz que Zeus fica furioso com Fineu por causa do modo como o homem trata os filhos e o deus o deixa cego. Posteriormente, o deus Hélio também se desagrada com ele e manda as Harpias para importuná-lo. Pela primeira vez estes seres mitológicos aparecem claramente como uma punição divina <sup>133</sup>.

Com relação ao encontro com os Argonautas, as narrativas se dividem entre aquelas que os retratam como aliados do rei da Trácia e outras como seu algoz. A relação é pacífica e de cooperação mútua em *Argonautica* de Apolônio de Rodes <sup>134</sup> e no *Catálogo das Mulheres*, na qual, segundo um escoliasta, os Argonautas pediam a Zeus que as Harpias fossem apanhadas e os irmãos Zetes e Calais

<sup>132</sup> Escoliasta a Apolônio de Rodes *Argonáutica* 2.181 apud EVELYN-WHITE (1982) 177, ASCLEPIADES 12F31, APOLÔNIO DE RODES *Argonautica* 178-82, PSEUDO-APOLODORO *Biblioteca* 1.9.21.

<sup>133</sup> ASCLEPIADES, 12F31 apud GANTZ (1993) 350.

<sup>134</sup> APOLÔNIO DE RODES, *Argonáutica* 2.178-240.

acabavam conseguindo expulsá-las, embora elas não fossem mortas <sup>135</sup>. Porém, Sófocles, Diodoro, Pseudo-Higino e Pseudo-Apolodoro mostram uma situação de rivalidade entre Fineu e seus visitantes ou entre ele e os filhos. Os relatos entre estes autores assemelham-se, mas a versão de Diodoro é mais detalhada e em sua versão Fineu é morto por Hércules. Nas outras aparentemente Fineu continua vivo e conta qual a rota segura para chegar à Cólquida aos Argonautas. Uma das versões de Sófocles também difere da demais, pois nela os filhos são mortos pelo pai <sup>136</sup>. As variantes entre as obras dividem-se da seguinte forma:

- 1) Cleópatra cega os próprios filhos, após Fineu tê-la trocado por Idea <sup>137</sup>.
- 2) a) A madrasta cega os filhos de Fineu usando uma agulha de costura <sup>138</sup>.
- 2) b) A madrasta cega os filhos de Fineu e depois os aprisiona uma câmara mortuária <sup>139</sup>.
- 2) ou 3) A madrasta acusa os filhos de Fineu de tê-la tratado com violência. Os jovens são trancados em uma câmara mortuária. Os filhos de Bóreas os salvam. Hércules mata Fineu. Idea é condenada à morte. Cleópatra é salva. Os filhos de Fineu embarcam com os Argonautas <sup>140</sup>.
- 3) a) Fineu deixa os filhos cegos por causa da falsa acusação <sup>141</sup>.
- 3) b) Fineu deixa os filhos cegos e seus cunhados o deixam cego também <sup>142</sup>.

### 3.10.3 Fontes

Para as versões em que constam o conflito entre a esposa de Fineu e seus enteados foram consultados os registros sobre as obras de Sófocles e as narrativas de Diodoro da Sicília, Pseudo-Higino e Pseudo-Apolodoro. Acredita-se que Sófocles escreveu ao menos duas peças sobre os dilemas de Fineu. Os relatos de Diodoro foram extraídos de sua *Biblioteca Histórica*, os de Pseudo-Higino de *Fábulas* e Pseudo-Apolodoro de *Biblioteca*.

### 3.10.4 Sófocles

Sófocles teria escrito três peças sobre o rei da Trácia: *Fineu I*, *Fineu II* e *As Percusionistas*, mas esta última pode ter sido um segundo título para uma das duas anteriores. Se realmente todas as peças existiram, ao menos duas delas tratavam dos problemas familiares do personagem principal. A outra seguiria os moldes de Ésquilo e falaria sobre o encontro dele com os Argonautas.

De *As Percusionistas* não se tem muitas notícias, uma vez que da peça sobraram apenas fragmentos. Acredita-se que poderia ser uma produção satírica ou uma paródia de algum poeta cômico sobre um dos trabalhos de Sófocles, interpretada erroneamente como uma composição

<sup>135</sup> Escoliasta a Apolônio de Rodas *Argonáutica* 2.297, 296 *apud* EVELYN-WHITE (1982) 179-81.

<sup>136</sup> *Etymologicum Genuinum* fr. 705R *apud* GANTZ (1993) 351.

<sup>137</sup> Escólio a *Antígona* 981 *apud* GANTZ (1993) 351.

<sup>138</sup> SÓFOCLES, *Antígona* 966-87.

<sup>139</sup> Escólio a Sófocles frs. 636-38 R e fr. 645 *apud* GANTZ (1993) 351.

<sup>140</sup> DIODORO DA SICÍLIA, 4.43.1-4.

<sup>141</sup> PSEUDO-HIGINO, *Fábulas* 19.

<sup>142</sup> DIODORO DA SICÍLIA, 4.44.4.

genuína do autor. No enredo a madrasta cegaria os filhos de Fineu e os prenderia em um túmulo <sup>143</sup>. A mulher poderia ser Idotea, pois o escólio à *Antígonadiz* que este nome era citado na peça <sup>144</sup>. Um dos fragmentos revela que os olhos de alguém estavam fechados como a porta de uma taverna <sup>145</sup>. Outro diz que algo ou alguém parecia uma múmia egípcia <sup>146</sup>.

Em *Fineu I*, os dois filhos de Cleópatra e Fineu ficam cegos pelas mãos do pai porque Idea, a nova esposa dele, convence-o a fazer isso. Idea tinha caluniado os jovens para persuadir seu marido. Em alguma das peças de mesmo nome, um personagem é curado por Asclépio. Filarco afirma que o deus faz esse favor a Cleópatra <sup>147</sup>. Provavelmente o personagem agraciado não foi Fineu, que seria o culpado pela deficiência dos rapazes, mas um dos irmãos. Em *Fineu II*, é o personagem principal quem fica cego por ter matado os próprios filhos.

Em *Antígona* também de Sófocles, o coro sugere que a madrasta cega os rapazes com as próprias mãos, usando uma agulha de costura <sup>148</sup>. Um escólio para a mesma passagem diz que ela os acusa de estupro, para induzir Fineu a deixá-los cegos. O escólio oferece duas possibilidades para a identidade dela: Idotea, irmã de Cadmo, ou Ideia, filha de Dárdano <sup>149</sup>. O mesmo escólio traz outra versão em que Fineu abandona Cleópatra para se casar com Ideia, o que enfurece a primeira mulher, que cega os próprios filhos.

### 3.10.5 Diodoro da Sicília <sup>150</sup>

Fineu, governante da Trácia, tem dois filhos com Cleópatra, filha de Orítia e Bóreas. Mais tarde, ele se casa novamente, com Ideia, filha de Dárdano, rei dos Citas. Fineu ama a nova esposa tão intensamente que é indulgente com ela e toma seu partido quando ela acusa os enteados de tê-la tratado com violência. Após uma tempestade, os Argonautas aportam na Trácia e se deparam com os jovens sendo punidos, trancados dentro de uma câmara mortuária e submetidos a golpes contínuos de chicote. Os rapazes eram castigados por causa das acusações mentirosas da madrasta.

Quando Hércules e seus companheiros aparecem inesperadamente, os jovens revelam a causa da conduta ilícita de Fineu e suplicam aos heróis que os ajudem. O rei da Trácia, no entanto, recebe os visitantes com palavras amargas e ordena-lhes que não se ocupem com seus assuntos familiares, pois nenhum pai exige punição dos filhos a menos que a magnitude de seus crimes tenha superado o amor natural que os pais têm por eles. Os filhos de Bóreas, que eram irmãos de Cleópatra e tios dos jovens, são os primeiros a prestar-lhes auxílio. Eles rompem as correntes que os prendiam e matam os homens que oferecem resistência. Fineu tenta se juntar à batalha, mas é morto por Hércules, que assassina um grande número de homens. Hércules captura o palácio, resgata Cleópatra da prisão e restaura o poder ancestral aos filhos dela.

<sup>143</sup> Escólio a Sófocles frs. 636-38 R e fr. 645.

<sup>144</sup> Escólio a *Antígona* 981 *apud* GANTZ (1993) 351.

<sup>145</sup> SÓFOCLES fr. 711.

<sup>146</sup> SÓFOCLES fr. 712.

<sup>147</sup> FILARCO 81F18 *apud* GANTZ (1993) 351.

<sup>148</sup> SÓFOCLES, *Antígona* 966-87.

<sup>149</sup> Escólio a *Antígona* 981 *apud* GANTZ (1993) 351.

<sup>150</sup> DIODORO DA SICÍLIA, 4.43.3-4 e 4.44.1-6.

Os príncipes desejam condenar a madrasta à morte através de tortura, mas Hércules os convence a desistir da vingança. Então a enviam ao pai dela, na Cítia, pedindo que seja punida por seu tratamento perverso para com eles. O rei dos citas condena a filha à morte. Os filhos de Cleópatra conquistam entre os Trácios a reputação de serem negociantes justos. Diodoro lembra que alguns escritores dizem que os filhos de Bóreas deixam Fineu cego por ele ter feito o mesmo com os filhos. O autor diz que não é surpreendente que os relatos antigos se diferenciem de outros dados poetas e historiadores. Segundo ele, de acordo com relatos antigos, os filhos de Fineu entregam o reino a Cleópatra e se juntam aos Argonautas.

### 3.10.6 Pseudo-Higino

Fineu, filho de Agenor, tinha sido agraciado por Apolo com o dom da profecia, mas, por ter revelado a vontade dos deuses aos homens, Zeus privou-lhe da visão. Em seguida, enviou as Harpias, Aelópoda, Celeno, Ocípete, para importuná-lo. Fineu tinha gerado com Cleópatra dois filhos, que deixou cegos devido a uma acusação de sua nova esposa. Quando os Argonautas aportam na Trácia, ele diz que mostrará o caminho que os navegantes devem tomar, com a condição de que estes o libertem das Harpias. Zetes e Cálais as espantam e Fineu revela o caminho pelas Simplégades <sup>151</sup>.

### 3.10.7 Pseudo-Apolodoro

O autor de *Biblioteca* dá três alternativas para a causa da cegueira de Fineu: descontentamento dos deuses com seus oráculos, problema com os filhos de Bóreas e os Argonautas ou aborrecimento de Poseidon após ele ter guiado os filhos de Frixo quando estes deixavam a Cólquida. No que diz respeito à opção que envolve os Argonautas, estes ficam revoltados ao saber que Fineu tinha deixado os filhos cegos por instigação da esposa. A história tem início quando os heróis desembarcam na praia do lado ocidental de Salmidesso e lá encontram Fineu. Ele tinha sido casado com Cleópatra e teve dois filhos com ela, Plexipo e Pandion. Depois se casou novamente com uma mulher chamada Ideia, filha de Dárdano. Ideia acusa falsamente os filhos dele de terem corrompido sua virtude. Fineu, acreditando nela, cega os próprios filhos. Os filhos de Bóreas, irmãos de Cleópatra, punem o rei da Trácia por causa do tratamento cruel dado aos jovens <sup>152</sup>. Também é dito que o vidente tinha proposto ajudar os visitantes mediante uma troca de favores: eles deveriam livrá-lo das Harpias. Zetes e Calais, sendo também alados, colocaram-se em perseguição a elas.

### 3.10.8 Conclusão

O mito de Fineu e seus filhos possui muitas variantes e por vezes os relatos são completamente diferentes uns dos outros, como é o caso dos depoimentos de Apolônio de Rodes e de

<sup>151</sup> PSEUDO-HIGINO, *Fábulas* 19.

<sup>152</sup> PSEUDO-APOLODORO, *Biblioteca* 3.15.3

Diodoro da Sicília. Nas versões que abordam os conflitos familiares de Fineu, ele e Cleópatra tiveram os filhos Pandion e Plexipo. Mais tarde, o rei da Trácia se casa novamente, com Ideia, que não convive bem com os filhos do marido. A chegada da madrasta traz desarmonia ao *oikos* da família de Fineu. Não é possível saber se existe algum tipo de triângulo amoroso entre o casal e um dos rapazes ou ambos, mas a história se encaixa no modelo da mulher que provoca uma tragédia ao caluniar um homem inocente. Não é dito que Ideia se apaixona por Pandion ou Plexipo, mas todos os relatos que a mencionam afirmam que ela diz inverdades ao marido sobre os dois jovens e isso resulta na destruição da família.

A madrasta responsabiliza os enteados por um falso crime de estupro. Sófocles, Pseudo-Higino e Pseudo-Apolodoro dizem que Fineu pune os filhos com a cegueira por acreditar que eles tinham feito mal à sua mulher. Asclepiades relata que Zeus fica irado com o rei da Trácia pelo modo com que ele tratava os filhos e Diodoro descreve os dois jovens presos e sendo chicoteados. A versão de Diodoro se assemelha à hipótese para a *As Percussionistas*, de Sófocles, pois ambas retratam Pandion e Plexipo cegos e encarcerados em uma câmara mortuária. O amor que Fineu tem pela nova esposa interfere no seu julgamento, fazendo com que ele confie mais no depoimento dela do que nas palavras de seus filhos.

Após aplicar o castigo nos filhos, Fineu é punido por isso. No depoimento de Diodoro, ele é morto por Hércules. Cleópatra é libertada da prisão e o poder do reino é entregue a ela e aos dois príncipes. A madrasta é enviada à Cítia, onde morre condenada pelo próprio pai. Nesta versão não se sabe se Fineu ou Ideia se arrependem de seus atos, mas é acabam pagando com suas vidas pelo crime que cometeram e a família de ambos é desfeita. Na versão de Diodoro, os heróis sobrevivem aos acontecimentos infelizes e partem com os Argonautas para viver novas aventuras. Em uma das versões, o deus Asclépio recupera a visão de alguém, o que poderia devolver a independência a eles. Supostamente, em uma das versões de Sófocles o pai mata os filhos. Neste caso então, a narrativa representaria o modelo em que o herói não consegue superar a armadilha que é desenvolvida para prejudicá-lo e perece por conta da injustiça.

## PELEU

Peleu / Astidâmia, Hipólita ou Creteis / Acasto

### 3.11.1 Enredo

Peleu vive com sua família em Egina. Em algumas versões, ele e Télamon são irmãos<sup>153</sup> e têm que deixar a cidade após matarem Foco, meio-irmão de ambos por parte do pai<sup>154</sup>. Exila-se na Ftia para ser purificado pelo assassinato e é recebido pelo rei Euritião que o conserva em seu reino e em sua família, permitindo que se case com sua filha Antígona<sup>155</sup>. Mais tarde, o herói precisa se exilar de novo após tirar a vida do sogro acidentalmente. O novo destino é lolco, onde deve passar por uma segunda purificação. É acolhido pelo rei Acasto, filho de Pélias, mas a esposa deste se apaixona por ele e, uma vez rejeitada, decide se vingar, contando ao marido que Peleu se comportara de forma ultrajante. Acasto<sup>156</sup> não deseja matar abertamente o homem que havia purificado, então manda Peleu para uma armadilha. No Monte Pélion, ele deve procurar uma espada, mas é abandonado sozinho no local, para ser morto pelos centauros<sup>157</sup>. Peleu, contudo, é salvo por Quíron e volta a lolco, onde se vinga dos monarcas. Algumas versões dizem que Peleu destrói a cidade sem auxílio de ninguém, outras contam que ele é acompanhado por um grande exército<sup>158</sup>.

### 3.11.2 Variantes

Desde o *Catálogo das Mulheres*, a armadilha de Acasto era conhecida, assim como o desfecho da história. O escoliasta de Píndaro<sup>159</sup> conta que o rei esconde sua espada no Monte Pélion e pede a Peleu que a procure, com a intenção de que seja assassinado pelos centauros. Um papiro grego de Estraburgo<sup>160</sup> conta que Peleu, após saquear lolco, volta à Ftia trazendo muitas posses, além de ter obtido um casamento feliz por intermédio de Zeus. O deus faz dele um herói renomado e confere a ele a honra de unir-se a Tétis, filha de Nereu, em um futuro casamento.

<sup>153</sup> Na *Teogonia*, Peleu e Foco são irmãos por parte do pai, Éaco, e Foco teria nascido da nereida Psâmata (1004-7). Segundo GANTZ, talvez HESÍODO compartilhasse a visão mais recente de que Éaco teria gerado Peleu com outra mulher, pois Psâmata não é mencionada como sendo sua mãe. O fragmento do épico *Alcmeonideia* não trata Peleu e Télamon como irmãos, mas, segundo GANTZ, isso parece ser um elemento necessário à trama. (GANTZ 1993: 220). FERÉCIDES diz que Peleu e Télamon eram apenas amigos (3F60; cf. DS 4.72.7). Peleu e Télamon aparecem como irmãos, filhos de Éaco e Endeis, em PSEUDO-HIGINO, *Fábulas* 14; PSEUDO-APOLODORO *Biblioteca* 3.12.6 e PLUTARCO, *Teseu* 10.3.

<sup>154</sup> Na versão de PSEUDO-APOLODORO, Foco teria despertado inveja em seus irmãos por se destacar nas competições atléticas. Télamon aproveitou que iria competir com ele e o acertou na cabeça com um disco. Peleu ajudou o irmão a levar o corpo do outro para um bosque (*Biblioteca* 3.12.6).

<sup>155</sup> FERÉCIDES chama a primeira esposa de Peleu de Antígona (3F61; 3F1b), assim como PSEUDO-APOLODORO *Biblioteca* 3.13.1. FERÉCIDES também conhece o detalhe da purificação por Euritião. Segundo ARISTIDES, Peleu se casa com Polimele, filha de Actor. O *Escólio à Ilíada* sugere Eurídice, filha de Actor, ou Laodâmia, filha de Alcmeon, como possíveis esposas (*Σ A Ilíada* 16.175). Em Pseudo-Apolodoro, Antígona se enforca acreditando que Peleu irá se separar dela (*Biblioteca* 3.13.3); o enforcamento também pode ser encontrado em FERÉCIDES (3F1b).

<sup>156</sup> O *Escólio a Píndaro* mostra o abandono como uma espécie de teste: Acasto deixa Peleu desarmado nos ermos, anunciando que, se suas ações se provarem justas, ele será salvo (*Σ Nemeias* 1063). *apud* GANTZ (1993) 502.

<sup>157</sup> O *Escólio a Píndaro* informa que em alguns relatos os deuses ficavam com pena de Peleu e mandavam Hefesto (ou Hermes) com uma espada para ajudá-lo (*Σ Nemeias* 4.92a) *apud* GANTZ (1993) 502.

<sup>158</sup> Aparentemente, em *O Catálogo das Mulheres* (HESÍODO 211 MW) e em PÍNDARO (*Nemeias* 3.32-34; 4.54-56) Peleu toma a cidade sozinho. Para FERÉCIDES, Peleu conta com a ajuda de Jasão e dos Dióscuros (3F62).

<sup>159</sup> HESÍODO *Catálogo das Mulheres* 56, *apud* EVELYN-WHITE (1982) 185.

<sup>160</sup> HESÍODO *Catálogo das Mulheres* 58, *apud* EVELYN-WHITE (1982) 186.



Píndaro revela que Hipólita, esposa de Acasto e filha de Creteu, implora a Peleu que fique com ela, mas ele se nega, temendo a ira do deus patrono dos hóspedes. Como retaliação, ela conta ao marido que o estrangeiro tentou usá-la no leito real. Acasto monta uma emboscada e tenta matar Peleu com a espada de Dédalo, mas Quíron o salva. Peleu conquista Iolco sozinho e se casa com Tétis, como Zeus havia desejado. Não fica explícito se Acasto usa o estratagema da espada escondida ou se tenta golpear Peleu com a ela. Píndaro também diz que a espada era de Dédalo, o que deixa o escoliasta confuso, mas, segundo Gantz, talvez se referisse a um epíteto de Hefesto <sup>161</sup>.

A tragédia *Peleu*, de Sófocles, aparentemente tratava do resgate de Peleu por Neoptólemo depois de Acasto tê-lo mandado embora, o que mostra que o rei permanecia vivo nesta versão. Na *Peleu*, de Eurípides, supõe-se que a personagem título vai até Acasto e este planeja uma emboscada para seu hóspede após ouvir a calúnia da esposa, mas Peleu sobrevive

Segundo Pseudo-Apolodoro, após a morte de Foco, Peleu foge de Egina. Euritião o purifica em Ftia e casa sua filha, Antígona, com ele. O casal tem uma criança chamada Polidora. Peleu mata o sogro acidentalmente na Caçada ao Javali de Cálidon e segue para Iolco, onde é purificado pelo rei Acasto. A rainha Astidâmia é desprezada por Peleu e cria uma série de intrigas envolvendo o nome dele: comunica à Antígona que ele se casará com Estéropo e diz a Acasto que ele tentou deitar-se com ela às escondidas. Os efeitos da calúnia são devastadores: Antígona se suicida e Acasto envia Peleu a uma falsa caçada no Monte Pélion. Após esconde a espada dele no esterco, abandona-o sozinho. Peleu, surpreendido pelos centauros, é salvo por Quíron e se casa com Polidora e posteriormente com Tétis, filha de Nereu.

Poucos detalhes na história de Peleu parecem ter se modificado com o passar do tempo. A armadilha do marido insultado aparece desde Hesíodo e possivelmente a maior parte do enredo se preservou da forma que era desde o princípio. O nome da esposa de Acasto se modifica desde Hesíodo a Pseudo-Apolodoro, o que talvez tenha acontecido durante as peças de Sófocles e Eurípides, mas nada se sabe sobre isso devido à falta de informação sobre as obras.

Pseudo-Apolodoro oferece um relato mais abrangente do mito. Nele, Astidâmia surge como uma mulher bastante maliciosa que ataca em muitas frentes, disseminando calúnias sobre Peleu tanto para Acasto, que o hospedava em sua casa, como para Antígona, que era a esposa legítima dele. Peleu perde a esposa e quase perde sua vida por conta das mentiras de Astidâmia. Talvez o relato de Pseudo-Apolodoro possa ter sido baseado nas tragédias que se perderam, uma vez que possui um teor mais dramático, mas não é possível dizer se a morte de Antígona foi um elemento mais recente ou se ele sempre fez parte da trajetória de Peleu.

### 3.11.3 Fontes

Píndaro menciona a emboscada sofrida por Peleu em um trecho de um epinício que fazia parte do livro *Nemeias*, intitulado deste modo em homenagem ao jogo que era celebrado a cada dois

<sup>161</sup> GANTZ (1993) 226.

anos na cidade de Nemeia, no Peloponeso. Sófocles escreveu uma peça chamada *Peleu*, que não é conhecida porque não se manteve preservada. Eurípides também lançou uma obra de mesmo título, mas dela só restaram fragmentos. Pseudo-Apolodoro descreveu os acontecimentos da vida de Peleu com mais detalhes que as obras anteriores em sua *Biblioteca*.

#### 3.11.4 Píndaro

Segundo Píndaro, Peleu, filho de Éaco <sup>162</sup>, sofre uma cilada arquitetada por Hipólita, filha de Creteu. O marido de Hipólita, Acasto, filho de Pélias e rei de lolco, convencido por ela, tenta matar Peleu em uma emboscada, usando a espada de Dédalo, mas o herói é salvo por Quíron e conquista lolco sem ajuda de nenhum exército <sup>163</sup>. Dessa forma, cumpre-se o destino traçado por Zeus para ele, que se casa com a nereida Tétis <sup>164</sup>.

Outra passagem explica mais detalhadamente a situação vivida por Peleu: Hipólita deseja prejudicá-lo e coloca o marido contra ele, contando uma história falsa em que Peleu tenta se aproveitar dela como esposa na cama do anfitrião, quando na verdade o inverso acontecia: muitas vezes ela lhe pedia de todo coração que a tomasse nos braços, mas suas palavras veementes apenas o repeliam, provocando nele a ira. Ele rapidamente a evitava, temendo a raiva do Pai, patrono dos hóspedes. Zeus, rei dos imortais, do alto dos céus o compreendeu bem e prometeu que em breve o herói se casaria com uma ninfa marinha <sup>165</sup>.

#### 3.11.5 Sófocles

Sófocles escreveu uma tragédia chamada *Peleu*, que aparentemente tratava do resgate de Peleu por Neoptólemo, após o primeiro ter sido expulso do reino por Acasto. Assim, pelo menos nesta versão, o rei de lolco permanece vivo, embora este detalhe possa ter sido inventado por Sófocles com propósito de gerar um enredo <sup>166</sup>.

#### 3.11.6 Eurípides

Eurípides também escreveu uma tragédia intitulada *Peleu*. Os poucos fragmentos preservados não permitem a reconstrução da obra, mas dão a impressão de que a trama diz respeito à ida de Peleu ao palácio de Acasto e dos problemas decorrentes de sua estadia lá. A esposa do rei tenta seduzir Peleu, sem sucesso, e ele sobrevive a alguma armadilha planejada por Acasto, o que provê a Eurípides um enredo característico, especialmente se comparado à história de Belerofonte na peça *Estenebeia*. Não há evidências que revelem a data da peça, nem o critério métrico pôde ser aplicado

<sup>162</sup> PÍNDARO, *Pítia* 3.87.

<sup>163</sup> PÍNDARO, *Nemeias* 3.32-39.

<sup>164</sup> PÍNDARO, *Nemeias* 4.51-62.

<sup>165</sup> PÍNDARO, *Nemeias* 5.25-39.

<sup>166</sup> GANTZ (1993) 227.

com segurança, uma vez que os fragmentos são poucos. As peças de Sófocles e Eurípides com este título são as únicas tragédias conhecidas sobre este mito.

### 3.11.7 Pseudo-Apolodoro

Peleu se casa com a filha de Euritião, Antígona, com quem tem Polidora, e recebe um terço do reino do sogro. Posteriormente, vai à Caçada ao Javali de Cálidon com Euritião e, ao arremessar a lança contra o animal, acerta involuntariamente o rei, que acaba morrendo <sup>167</sup>. Peleu foge para lolco, onde é purificado pelo rei Acasto e desperta o interesse da esposa deste, Astidâmia, mas ele a rejeita. A rainha resolve se vingar e faz chegar até a esposa de Peleu a notícia de que em breve ele se casaria com Estéroepe, filha de Acasto. Ao saber da falsa notícia, Antígona se enforca e morre. Astidâmia <sup>168</sup> vai até seu marido e mente pela segunda vez ao acusar Peleu de tentar dormir com ela. Por ter ele mesmo purificado Peleu, Acasto não deseja matá-lo, então o envia a uma falsa caçada no Monte Pélion para que seja liquidado pelos centauros. Quando Peleu adormece após ter caçado muitos animais, Acasto esconde a espada dele no esterco e o abandona. Peleu acorda e não encontra sua espada, quando é surpreendido por centauros. Poderia ser morto, mas Quíron o salva e lhe devolve a espada perdida. Peleu se casa com Polidora <sup>169</sup>, e tem com ela um filho chamado Menéstio. Depois se casa novamente, desta vez com Tétis <sup>170</sup>.

### 3.11.8 Conclusão

A história de Peleu faz parte das narrativas sobre triângulos amorosos em que o herói injustiçado não faz parte do núcleo familiar, mas é um hóspede na residência de um casal, assim como Belerofonte e Anteu, sendo que este se instala no palácio não como um convidado, mas na condição de refém. A chegada do visitante traz desequilíbrio à casa real de lolco e desperta paixão na rainha, que tenta convencê-lo a viver um romance com ela. Peleu, por consideração a Zeus, não aceita a proposta da rainha, o que a deixa enfurecida.

Na maior parte das narrativas é possível perceber que Peleu tem Zeus a seu favor e ele o respeita como divindade da hospitalidade, talvez a relação seja de cooperação mútua onde Peleu o reverencia e ele o exalta. Em todo caso, a esposa de Acasto se apaixona pelo hóspede e não se sabe o que a leva a se apaixonar por ele, mas Peleu é um herói poderoso, que participa de muitas façanhas e tem consigo a graça de um deus, o que talvez já seja motivo suficiente para encher o coração da rainha de lolco de admiração. Em Pseudo-Apolodoro, é dito que Peleu participou dos jogos funerais de Pélias, onde lutou contra Atalanta, uma ocasião onde pode ter exibido seus dotes atléticos <sup>171</sup>.

Quando a esposa de Acasto percebe que não vai conseguir convencer Peleu a ficar com ela,

<sup>167</sup> PSEUDO-APOLODORO, *Biblioteca* 3.13.2.

<sup>168</sup> PSEUDO-APOLODORO, *Biblioteca* 3.13.3.

<sup>169</sup> PSEUDO-APOLODORO, *Biblioteca* 3.13.4.

<sup>170</sup> PSEUDO-APOLODORO, *Biblioteca* 3.13.5.

<sup>171</sup> PSEUDO-APOLODORO, *Biblioteca* 3.9.2.

resolve prejudicá-lo perante o rei. Sua mentira consiste em dizer que ele a assediou e quis dormir com ela na cama do anfitrião. Acasto tenta indiretamente matar Peleu, enviando-o a uma missão arriscada na qual deveria ser morto pelos centauros.

Dentre todos os heróis que fazem parte do enredo dos triângulos amorosos, Peleu aparenta ser o mais bem-sucedido de todos. Apesar da emboscada que sofre, conta com a ajuda de Quíron e de Zeus. Não sucumbe perante seus adversários e o acontecimento parece ser apenas um episódio dentre as muitas aventuras de sua vida. Tanto Hesíodo quanto Píndaro contam que Peleu subjuga a cidade de lolco, mas não é dito o que acontece com o casal de lolco. Ele tem filhos e pelo menos três casamentos. Volta do saque a lolco com grandes tesouros e é feliz com sua esposa. Depois se casa com uma nereida e é um herói reconhecido pelos homens. É premiado com a glória após a injustiça.

## TENES

Tenes / Filônimo / Cisne

### 3.12.1 Enredo

O rei Cisne e sua esposa têm um filho e uma filha: Tenes e Hemítea. Quando se torna viúvo, Cisne resolve casar novamente. A madrasta, porém, apaixonou-se pelo enteado e, como é desprezada, acusa-o falsamente ao marido de ter cometido algo ilícito. Cisne confia no relato da companheira e resolve punir o filho, colocando-o dentro de uma arca que é lançada ao mar e deixada à deriva. Contrariando as expectativas, o rapaz sobrevive e chega à ilha Lêucofris, que posteriormente passa a se chamar Tênedo, em sua homenagem. Mais tarde, o pai se arrepende do que fez com o filho, ao passo que Tenes reina na ilha de forma justa e conquista a admiração dos seus súditos.

### 3.12.2 Variantes

Segundo Pseudo-Apolodoro, Tenes é filho de Cisne, embora outros autores defendam que ele é filho de Apolo. O escoliasta de Lícofron utiliza esta última versão. Plutarco diz que o herói é honrado pelo deus, mas não afirma se há algum parentesco entre eles.

O papel de Aquiles na história também é incerto. A versão de Plutarco difere das outras narrativas por mostrar o interesse do herói por Hemítea. Diodoro e Pausânias relatam que Aquiles é o assassino de Tenes. Plutarco concorda com eles, mas sugere que Aquiles faz isso quando Tenes tenta proteger a irmã do assédio dele. Pseudo-Apolodoro relata que, além de Tenes, Aquiles mata Cisne também. Para Lícofron, Aquiles tira a vida de ambos e do mensageiro. Outro detalhe singular desta versão é Cisne morrendo ao mesmo tempo que os filhos.

Outros detalhes dizem respeito a assuntos diversos. O flautista cúmplice da madrasta é chamado de Eumolpo por Pseudo-Apolodoro e de Molpo por Plutarco e pelo escoliasta de Lícofron. Diodoro, Pseudo-Apolodoro e Plutarco fazem relação entre o mito e a ida dos gregos à Tróia e os três autores também falam do saque a Tênedo. Lícofron e Plutarco inserem as divindades Tétis e Apolo no mito, e o escoliasta de Lícofron deixa implícito que o fato de Aquiles ter matado um filho de Apolo vai determinar sua morte prematura.

O conteúdo da mentira contada sobre Tenes também varia: Pseudo-Apolodoro diz que a esposa de Cisne acusa o herói de assassinato, enquanto Plutarco e Pausânias dizem que a acusação é de que Tenes deseja se deitar com a mulher de seu pai. Lícofron, Conon, Pseudo-Apolodoro, Pausânias e o escoliasta de Lícofron concordam que Tenes é preso na arca junto com sua irmã. Diodoro, no entanto, menciona apenas Tenes ao reportar que ele é trancado na arca.

O desfecho também muda de acordo com cada relato. Para Conon, Pausânias e o escoliasta de Lícofron, Cisne se arrepende de seus atos e vai até Tênedo. Mas o escoliasta apresenta uma versão

em que Cisne passa a morar com os filhos, enquanto Pseudo-Apolodoro apenas diz que o rei condenou a esposa e o flautista à morte.

### 3.12.3 Fontes

Existe uma peça chamada *Tenes* que era creditada a Eurípides, mas que não se manteve intacta até os dias atuais. Licofron comenta a história de Cicno e seus filhos no poema *Alexandra*, mas é o escoliasta de sua obra que oferece mais detalhes sobre a trama. Diodoro da Síclia comentou o mito em um dos livros de sua *Biblioteca* Histórica, sendo que seu ponto de vista é menos folclórico e mais voltado à colonização de Tênedo. Conon, mitógrafo grego do século I EC, registrou o mito em sua obra de nome *Narrations of Konon*. Esta coleção continha cinquenta histórias sobre lendas do período heróico, inclusive as que tinha relação com a colonização de certas regiões. Pseudo-Apolodoro incluiu a saga de Tenes na *Biblioteca*, enquanto Plutarco abordou o mito em suas *Greek Questions* e Pausânias na *Description of Greece*, ambas já mencionadas anteriormente.

### 3.12.4 Eurípides

Eurípides visita a história em uma tragédia intitulada *Tenes*. Ela faz parte de um grupo de quatro peças fragmentárias atribuídas em edições modernas a Crítias, no entanto, alguns estudiosos seguem a maioria das fontes antigas, atribuindo-a a Eurípides<sup>172</sup>.

A atribuição das quatro peças a Crítias era defendida por WILAMOWITZ que pensava que *Piríto*, *Radamanto*, *Tenes* eram espúrios<sup>173</sup>. Ele julgava que Crítias tinha composto uma tetralogia, composta pelas quatro peças mencionadas acima, sendo *Sísifo* satírica. A tetralogia teria passado a ser atribuída a Eurípides depois que Crítias quase desapareceu do registro, por causa de sua carreira infame e morte. Embora não tenha sido convencido pelo argumento de WILAMOWITZ, GAULY observa que a transferência dessas quatro peças para o corpus de Eurípides poderia explicar por que tantos fragmentos são atribuídos a ele e por que as hipóteses para *Piríto*, *Radamanto*, *Tenes* apareceram sob seu nome<sup>174</sup>. De qualquer forma, a associação das peças numa tetralogia de Crítias é puramente hipotética. As evidências de que Crítias escreveu tragédias são pequenas<sup>175</sup>.

O fragmento 14 (ed. TURNER 1962), hipótese para a peça, está mal preservado. É possível entender que alguém está fechando ou fechou alguma coisa. TURNER sugere que mais de uma pessoa é encerrada em uma arca. Também surge mesmo fragmento uma testemunha. Embora não seja revelado o que ela presencia, nem quem seria esta pessoa, o autor acredita que a testemunha era o tocador de *aulo* que atestaria o crime alegado pela madrasta. No mesmo trecho é revelado que uma pessoa foi informada de que Tenes tinha alcançado a ilha em segurança. Sob a ordem de Apolo, esta

<sup>172</sup> *Tenes* consta na coleção de hipóteses em papyrus (P. Oxy. 2455) e na lista de títulos de peças (P. Oxy. 2456). Por outro lado, o autor da *Vida de Eurípides* afirma que essa peça não é de sua autoria (COLLARD & CROPP 2009: 629-635).

<sup>173</sup> COLLARD & CROPP (2009) 632.

<sup>174</sup> COLLARD & CROPP (2009) 632.

<sup>175</sup> COLLARD & CROPP (2009) 633.

pessoa do sexo masculino chama a ilha de Tênedo e mata a esposa que o tinha enganado. Tenes também sugere que um tocador de *aulo* serviu como testemunha das calúnias de Filônimo.

Um resumo do mito, também bastante danificado, mostra a presença da irmã de um homem e depois é dito que uma arca foi trazida para a terra firme por divina intenção para ilha Leucôfris, que depois foi nomeada Tênedo, por causa de Tenes <sup>176</sup>. Outro fragmento<sup>177</sup> atribuído a Eurípides mostra que alguém lamenta a situação da sociedade dizendo que a geração atual estava completamente sem justiça.

### 3.12.5 O Escoliasta de Lícofron

O enredo encontra-se em um escólio ao poema *Alexandra* de Lícofron. De acordo com ele, Tenes e Hemíteia são irmãos, filhos de Cisne e sua primeira esposa, Procleia. Convencido pela segunda esposa, Filônimo, lança os filhos ao mar, presos em uma arca. O flautista Molpo auxilia a madrasta em seu plano. Segundo o escoliasta, Tenes, é, na verdade, filho de Apolo e, por isso, vai parar na ilha de Lêucofris, que passa a se chamar Tênedo por causa dele. Cisne, por sua vez, é filho de Poseidon e Cálice. Ele e seus filhos são mortos por Aquiles. A morte de Cisne e das crianças pelas mãos de Aquiles representa um sinal de sucesso para os gregos na Guerra de Tróia.

O escólio ainda desenvolve outros pontos: a acusação da madrasta é sustentada por Molpo e ocorre nos moldes de Fedra. Quando criança, Cisne é exposto na praia por sua mãe e é alimentado por pássaros marítimos até ser recolhido por alguns pescadores. O mensageiro que se esquece de dar um recado é Mnemon. A mensagem era de Tétis. Mnemon deveria dizer a Aquiles que não assassinasse Tenes, mas não cumpre seu papel e Aquiles o mata. Assim como a maioria das versões (apenas Plutarco não menciona Cisne ou o episódio da arca), Licofron trata da família de Cisne e de seus dois filhos (apenas no relato de Diodoro ela não é citada).

O autor não discorre sobre a vida conjugal de Cisne, mas fala sobre o caso da arca, do envolvimento do flautista na ocasião e sobre a preocupação de uma deusa com uma mensagem que deveria ser entregue por um subordinado. O aspecto mais singular da nota do escoliasta é a morte de Cisne junto a seus filhos. Diversos autores relacionam uma personagem chamada Cisne com a Guerra de Tróia. Esta versão se contrapõe a todas as outras, uma vez que nela ele provavelmente morre em Tênedo, já que nenhuma outra mostra os filhos de Cisne presentes na guerra. Igualmente inexplicável é a reaproximação de Cisne e seus descendentes. Não fica claro se ele se reconcilia com os filhos ou se todos se encontram juntos no momento da morte coletiva por algum outro motivo.

### 3.12.6 Diodoro da Sicília <sup>178</sup>

O relato de Diodoro revela como a ilha de Tênedo foi habitada. Segundo o autor, Tenes se

<sup>176</sup> Eurípides fr. 20.

<sup>177</sup> Eurípides fr. 21.

<sup>178</sup> DIODORO DA SICÍLIA 5.83.1-5.

apossa da desabitada ilha de Lêucofris e a reparte em lotes, distribuindo-os entre os colonos que ele havia reunido anteriormente. Deste modo, funda Tênedo, nomeando-a assim em sua própria honra. É descrito como um homem que conquista notoriedade em razão de suas realizações. Por governar com retidão e conferir muitos benefícios aos colonos, sempre tem grande prestígio entre eles. Após sua morte, recebe honras imortais. Os habitantes da ilha passam a cultuá-lo como a um deus. Constroem um recinto sagrado e sacrifícios são feitos em seu nome e continuam a ser realizados até os tempos mais modernos. Os acontecimentos ligados a Tenes e sua família são anunciados como componentes dos mitos que os nativos contam sobre o fundador da cidade.

De acordo com o autor, o rapaz é difamado por sua madrasta. Para apoiar suas alegações, ela apresenta como testemunha um flautista, que na verdade é seu aliado. O músico presta um falso testemunho sobre Tenes. Cisne, então, coloca-o em uma arca e as consequências são as mesmas já mencionadas. Tenes se torna o rei de Tênedo. Diodoro da Sicília conta que Tenes é assassinado por Aquiles quando os Acaios saqueiam Tênedo. Os gregos passam pela ilha a caminho de Tróia. Outra lei é aprovada pelos habitantes: o nome de Aquiles jamais deve ser pronunciado no local de culto. Após sua morte, os nativos da ilha aprovam uma lei que proíba que flautistas ingressem no recinto sagrado dedicado a ele.

### 3.12.7 Conon<sup>179</sup>

Conon diz que Cisne é rei da Trôade e gera Tenes e Hemíteia. Após a morte da mãe, Cisne se une à sua segunda esposa, mas esta se sente dominada por uma paixão insensata pelo enteado e, incapaz de conquistá-lo, acusa-o de desejá-la, quando na verdade era ela que tinha por ele um sentimento inapropriado. Ignorando outras opiniões, o pai resolve trancar Tenes em uma arca. Hemíteia lamenta o destino do irmão e é aprisionada junto a ele. A arca é lançada ao mar e as crianças ficam entregues à própria sorte.

Inesperadamente, os irmãos vão parar em uma ilha. Os nativos retiram os jovens do mar e a soberania do país é conferida aos exilados. A ilha muda seu nome de Lêucofris para Tênedos. Mais tarde, Cisne se arrepende de sua crueldade e vem para a ilha tentar se reconciliar com seu filho. Do navio, pede que Tenes esqueça o passado, mas este não concede o perdão. Para evitar que o pai desembarque, toma um machado e corta a corda que prende o navio. O mito dá origem ao provérbio que menciona o machado de Tenes como solução para ocasiões que apresentam escolhas difíceis.

A versão de Conon é breve, apresenta os elementos e personagens principais, mas não fala sobre Tétis, Aquiles, o mensageiro e o flautista. Tampouco diz o que acontece com Tenes, Hemíteia, Cisne e a madrasta.

<sup>179</sup> Konon apud GANTZ (1993) 591.



### 3.12.8 Pseudo-Apolodoro <sup>180</sup>

Conforme o relato de Pseudo-Apolodoro, Cisne e Procleia geraram Tenes e Hemíteia, embora outros autores afirmem que Tenes é, na verdade, filho do deus Apolo. Posteriormente, Cisne se casa com Filônimo, filha de Trágaso, mas esta se apaixona pelo enteado e como não é correspondida, acusa o rapaz de assassinato. Sua testemunha é um flautista chamado Eumolpo.

Cisne toma por verdade as palavras da madrasta e bane seu filho, deixando-o confinado em uma arca com Hemíteia, e lançando-os ao mar. Quando a arca atinge a ilha de Lêucofris, Tenes a povoa e o local passa a se chamar Tênedo. Quando Cisne descobre a verdade, mata o flautista e enterra sua esposa viva.

Posteriormente, os gregos atacam em Tênedo. Tenes, que reina na ilha, tenta afugentá-los, lançando-lhes pedras, mas Aquiles consegue feri-lo no peito com uma espada, de modo que o herói perece assim. Tétis tinha feito algumas advertências ao filho. Segundo ela, Aquiles não deveria matar Tenes, pois, deste modo, poderia provocar a fúria de Apolo e morreria pelas mãos do deus. Também não deveria ser o primeiro a desembarcar em Tróia, pois aquele que o fizesse seria o primeiro a morrer, o que de fato aconteceu, com Protesilau. Aquiles desembarca depois dele e mata Cisne com uma pedrada na cabeça.

Pseudo-Apolodoro traz muitas informações sobre os integrantes da lenda. Dá nome a eles, fala sobre a filiação de cada um e o mito aparece rico em detalhes. O motivo da expulsão de Tenes do reino de pai foi a acusação de assassinato que pesava sobre ele, inventada por sua madrasta. O depoimento de Pseudo-Apolodoro também se distingue dos outros com relação ao desfecho da história. Nele, após descobrir a verdade, Cisne mata tanto o flautista como a sua esposa. Aquiles surge como o assassino de Tenes e de seu pai, mas eles morrem em ocasiões diferentes. Assim como Diodoro e Plutarco, o autor menciona o ataque a Tênedo pelos gregos.

### 3.12.9 Plutarco <sup>181</sup>

Plutarco, através das *Questões Gregas* procura demonstrar qual a razão de flautistas serem proibidos de entrar no santuário dedicado a Tenes, além de explicar qual o motivo para o nome de Aquiles não poder ser pronunciado lá dentro. O autor diz que as proibições têm origem, em primeiro lugar, porque, quando a madrasta de Tenes falsamente o acusa de desejar se deitar com ela, um flautista chamado Molpo, sustenta um falso testemunho contra ele e, assim, Tenes tem que fugir para Tênedo com sua irmã.

Quanto a Aquiles, é dito que Tétis, sua mãe, rigorosamente o proíbe de tirar a vida de Tenes, uma vez que ele é honrado por Apolo. Ela envia um de seus servos para ficar de guarda, encarregado de lembrar Aquiles de sua ordem. Ao invadir Tênedo, Aquiles encontra a irmã de Tenes, uma bela

<sup>180</sup> PSEUDO-APOLODORO *Biblioteca Epítome* 3. 23 - 27.

<sup>181</sup> PLUTARCO *Greek Questions* 28.73.

dama, e resolve persegui-la. Tenes tenta defender a jovem, que consegue escapar, mas ele mesmo acaba sendo assassinado por Aquiles, que só o reconhece quando ele cai.

Embora presente, o servo não consegue seguir as instruções de Tétis e evitar a morte, então Aquiles o mata e enterra Tenes onde seu templo posteriormente é erguido e por esta razão o flautista não poderia entrar no santuário, nem o nome de Aquiles poderia ser mencionado lá.

O mito contado por Plutarco ganha dois novos elementos: o primeiro é o interesse de Aquiles pela irmã de Tenes. Em nenhuma outra versão esse detalhe é exposto. A acusação da madrasta também difere da que aparece em Pseudo-Apolodoro. Plutarco conta que a madrasta acusou Tenes de querer dormir com ela. O nome do cúmplice parece ser uma variação do que aparece em Pseudo-Apolodoro.

### 3.12.10 Pausânias <sup>182</sup>

Segundo Pausânias, Cisne é filho de Poseidon e rei de Colône, cidade localizada na Trôade, no lado oposto à ilha de Lêucofris. Sua esposa é Procleia, filha de Clytius e irmã de Caletor. O casal tem os filhos Tenes e Hemíteia, mas Procleia falece e Cisne contrai novo matrimônio, desta vez com Filônimo, filha de Cragasus.

A nova rainha se apaixona por Tenes, que não sucumbe às suas investidas. Então falsamente o acusa perante o marido. Diz que o rapaz tinha tido relações sexuais com ela, embora tenha tentado rechaçá-lo. Cisne, enganado pelo depoimento da mulher, coloca Tenes junto à irmã em uma arca deixada ao sabor das ondas do mar.

Os irmãos conseguem sobreviver e chegam a Lêucofris, que tem o nome alterado em função de Tenes. Cisne, no entanto, descobre a verdade e navega em direção à ilha para se desculpar. Chegando lá, estica as cordas do navio tentando atracar, mas Tenes rompe a conexão com um machado. O episódio dá origem a um ditado que diz que qualquer coisa pode ser cortada com um machado de Tênedo. O relato termina explicando que Tenes é morto por Aquiles quando defendia seu país.

Pausânias é o primeiro autor a dizer que Cisne é filho de Poseidon. A família da primeira esposa também é diferente. Tanto Pseudo-Apolodoro quanto o escoliasta de Licofron dizem que Procleia é filha de Laomedonte, enquanto ele diz que o nome do pai dela é Clytius. O nome do pai de Filônimo parece ser uma variação do nome que Pseudo-Apolodoro atribui ao pai dela. Nesta narrativa, a madrasta afirma que Tenes consumou o ato sexual, embora ela o desprezasse.

Assim como Conon e o escoliasta de Licofron, Pausânias revela que Cisne se arrepende e se dirigiu até Tênedo para pedir ao filho que o perdoe. Aquiles é o assassino de Tenes, mas nenhum mensageiro ou flautista é colocado na história. Tétis tampouco aparece para alertar seu filho.

<sup>182</sup> PAUSÂNIAS *Description of Greece* 10. 14. 1 - 4.

### 3.12.11 Conclusão

A história de Tenes faz parte do enredo típico em que a madrasta se sente atraída pelo enteado e, não conseguindo obter o amor dele, tenta arruiná-lo perante o pai. O triângulo amoroso familiar formado por Tenes, Filonome e Cisne quase ocasiona a morte do herói, que, milagrosamente, consegue escapar do perigo. Não há muitos detalhes sobre a abordagem da madrasta, nem se pode dizer se ela age por conta própria ou conta com algum alcoviteiro. O fato é que mente ao marido que o rapaz cometeu um crime grave. Conon e Pseudo-Apolodoro dizem que ele é acusado de assassinato, enquanto Pausânias diz que o delito reportado é o estupro.

Cisne pune seu filho com a arca lançada ao mar, mas o jovem tem êxito em manter-se vivo. Aparentemente, Tenes é um herói típico, pois é virtuoso e os habitantes de Tênedo o admiram como um rei justo e capaz. Após sua morte, recebe homenagens e um templo é construído em sua honra.

Filônimo parece se enquadrar no perfil das madrastas infiéis e em nenhum momento é dito que ela se arrepende ou tenta se redimir pelo seu crime. Cisne, ao contrário, sente remorso, mas seu filho não o perdoa. A madrasta conta ainda com um cúmplice que presta falso testemunho contra Tenes, o que parece ser um detalhe peculiar. Na versão de Pseudo-Apolodoro, Filonome e o flautista são castigados com a morte e em outras versões existem mais mortes com as de Cicno e seus filhos.

## CONCLUSÃO

Baseando-se nos estudos iniciados por Parry e desenvolvidos por Lord e Foley, notou-se que certas repetições em obras gregas antigas e em outras atuais, como as canções eslavas meridionais, não se tratavam de simples coincidências e sim do reflexo de técnicas de composição que eram tradicionais e tinham a função de facilitar o desenvolvimento das produções artísticas orais.

Neste trabalho, as doze histórias selecionadas da mitologia grega apresentam uma trama similar, em que o triângulo amoroso vivido pelos personagens ocorre obedecendo certas etapas. As semelhanças entre as narrativas evidenciam a existência de um padrão de enredo comum a todas, mas que é flexível o suficiente para que o autor consiga atingir seus objetivos com liberdade criativa. Os mitos exibem pelo menos uma versão em que a história evolui respeitando a seguinte ordem: D (Desequilíbrio) > A (Assédio) > R (Rejeição) > C (Calúnia) > P (Punição) > M (Morte), embora às vezes alguma subdivisão possa ser suprimida, pois a flexibilidade do enredo permite que ele seja moldado sem que sofra uma descaracterização.

O desequilíbrio ocasionado no *oikos* é sempre causado pela chegada de algum personagem na casa de uma família. Em cinco histórias, o responsável pela desarmonia no recinto é o enteado da mulher <sup>183</sup>. Em outras duas, é um parente, tio, primo ou sobrinho <sup>184</sup>. Em dois exemplos, o herói é um hóspede <sup>185</sup> e em outra é um refém em solo estrangeiro <sup>186</sup>. Em apenas um relato ele é um subordinado que presta serviços a um casal <sup>187</sup>. Uma das histórias mostra uma diferença: ao invés de um jovem homem, quem chega na residência trazendo problemas para o casamento de outros personagens é uma mulher, a amante do pai do herói. De qualquer forma, a presença de uma nova pessoa no seio familiar traz problemas de ordem amorosa em todas as narrativas.

O assédio sempre acaba acontecendo, embora alguns relatos não ofereçam muitos detalhes sobre como ele é feito, especialmente os escólios, que na maioria das vezes são comentários muito breves. Aparentemente, quando a insinuação sexual ocorria pessoalmente, a ousadia da atitude feminina era maior, uma vez que ela estava infringindo as regras matrimoniais de seu próprio casamento, na casa onde ela e o marido viviam. Na peça *Hipólito*, por exemplo, Fedra parece mais inocente que outras personagens, pois, além dela ser movida por um amor impulsionado pela vontade divina, não é ela quem vai até o jovem declarar seu amor, mas uma criada, que age sem seu consentimento. A postura de Fedra parece muito diferente da de Cleobeia, que se apresenta sem intermediários a Anteu e tenta convencê-lo a todo custo a se deitar com ela. Esta última esposa parece se aproximar mais do modelo da esposa de Potifar.

A mentira que a mulher cria para manchar a imagem do homem que a despreza é sempre relacionada ao crime de estupro. Sempre é dito que os rapazes usam de violência contra elas

<sup>183</sup> Tenes, Etéocles e Polinices, Pandion e Plexipo, Hipólito e Comínio.

<sup>184</sup> Eunosto e Frixo.

<sup>185</sup> Peleu e Belerofonte.

<sup>186</sup> Anteu.

<sup>187</sup> Mirtilo.

ou que eles tentam atacá-las, da mesma forma que a esposa de Potifar age com relação a José para prejudicá-lo perante o marido. Apenas na história de Tenes há uma pequena variação do conteúdo da mentira: Conon diz que a acusação é de assassinato. De qualquer forma, a injúria é utilizada para rebaixar o herói e desqualificar suas palavras.

Os motivos da rejeição normalmente ilustram a nobreza do herói, que não se sente bem em quebrar os códigos de conduta vigentes. Salvo Hipólito que tinha motivos religiosos para manter-se casto, os alguns heróis não declinam os convites para relação sexual por desprezo às mulheres, é tanto que se casam depois <sup>188</sup>, mas por não compactuarem com a corrupção agregada à oferta. Pelo menos Anteu e Peleu justificam claramente que devem respeito tanto a Zeus, quanto ao anfitrião, e por isso não podem ceder aos caprichos das esposas alheias.

A punição é o aspecto mais variado das tramas, onde os compositores podem explorar sua criatividade e usar situações diversas para retratar os sofrimentos dos heróis. As emboscadas são o tipo de castigo mais frequente nas histórias analisadas. Em pelo menos quatro delas, armadilhas são preparadas para os jovens. Belerofonte é enviado para Lícia onde deveria morrer, Peleu é mandado a uma falsa caçada no monte Pélion, Anteu é morto no poço e Eunosto é surpreendido pelos irmãos de Ocna que estavam de tocaia à sua espera.

A cegueira aparece em dois mitos: o de Fênix e o de Pandion e Plexipo. Além disso, Fênix é amaldiçoado pelo pai, que pede aos deuses que o filho se torne estéril. Éteocles e Polinices também são amaldiçoados pelo pai e morrem por este motivo. Comínio e Hipólito são exilados e depois morrem através da intervenção de um deus. Outros tipos de punição são o sacrifício humano, a morte no mar e a prisão em uma arca lançada ao sabor das ondas. Os enredos dividem os heróis em dois grupos: os que sobrevivem e os que perecem. Oito escapam e oito morrem por causa dos castigos <sup>189</sup>.

Mesmo quando os heróis conseguem se libertar das armadilhas, o fim das histórias geralmente é trágico e marcado por mortes ou destruições. Na história de Eunosto, não só ele morre, como Ocna se suicida e os irmãos dela fogem da pátria. As duas famílias são destruídas pela perda de seus membros. Na história de Anteu tanto ele como Cleobeia morrem. Em uma das versões do mito de Tenes a madrasta dele e o flautista são condenados à morte. Etéocles e Polinices cometem fratricídio simultaneamente. A maioria dos relatos sobre a lenda de Frixo conta que ele sobrevive, mas sua irmã perece fugindo da armadilha da madrasta. Quanto à versão que menciona Demodice apaixonada por Frixo, não é dito se ela continua casada ou não com Creteu. Em uma das narrativas sobre Pandion e Plexipo, os irmãos enviam a madrasta ao pai dela e este a condena à morte. Sobre Peleu, é dito que lolco é invadida e saqueada por ele. Hipólito e Comínio morrem após o suicídio das respectivas madrastas. Mirtilo é morto quando Pélope o lança ao mar. Belerofonte consegue superar os inimigos, mas em uma das versões ele mata Estenebeia, derrubando-a de cima do Pégaso. Em outras duas narrativas, ela se suicida: em uma, ela toma veneno por sentir vergonha ao ser descoberta, em outra, ela se mata ao descobrir que o herói se casará com sua irmã. Fênix é a única exceção entre as

<sup>188</sup> Como acontece com Peleu, Belerofonte e Frixo.

<sup>189</sup> Peleu, Belerofonte, Fênix, Pândion & Plexipo, Frixo e Tenes sobrevivem; Anteu, Eunosto, Etéocles & Polinices, Mirtilo, Hipólito e Comínio morrem.

histórias: não apresenta mortes no desfecho da trama. Muito embora a *Iliada* diga que Fênix desejou assassinar o pai quando este o amaldiçoou, seu pensamento o levou a reconsiderar seu desejo e ele fugiu da casa de seus pais para a Ftia. Talvez a variação na sequência da história fosse explicada pela flexibilidade do padrão de enredo que permitia que pequenas variações ocorressem sem que toda a composição fosse comprometida.

O elemento do suicídio da madrasta também é frequente, dentre os doze casos ele acontece em cinco <sup>190</sup>. Parece ser um detalhe importante, que demonstra que a vingança da mulher não arrefece sua dor, pois ela continua apaixonada e o sofrimento não é amenizado através da violência do crime. Outro fator comum em algumas histórias é o arrependimento. Em quatro narrativas, algum personagem lamenta seu comportamento inadequado. No mito de Anteu, Cleobeia se arrepende do que fez e se mata. No de Eunosto, Ocna repensa seus atos e conta a verdade ao pai dele. Cicno, após descobrir a verdade, sofre pelo remorso que sente ao perceber que foi injusto com o filho e viaja até Tênedo com o intuito de se reconciliar com ele. Na versão de Sêneca sobre Fedra, a personagem-título se arrepende do mal que causou a Hipólito e só depois se mata.

As diversas versões sobre mitos famosos parecem seguir um padrão comum que os reúne no mesmo tipo de narrativa do chamado *Tema Zuleica* ou *Tema da Esposa de Potifar*. Aparentemente, as lendas eram contadas desde muito antigamente e, com o passar do tempo, foram ganhando outros elementos, alguns detalhes ainda mais dramáticos, que iriam satisfazer tanto os desejos dos compositores quanto às expectativas da audiência. As alterações, no entanto, não descaracterizavam as histórias, pois algumas mudanças eram permitidas, ocorrendo dentro de certos limites.

Provavelmente, as histórias eram à princípio contadas oralmente, em forma de canções e, com o advento da escrita, passaram a ser elaboradas para atender ao formato das peças teatrais. Este fenômeno talvez explique a necessidade de criação de histórias com menos personagens e mais foco em uma determinada situação. A aparição dos enredos menos épicos e mais voltados ao cotidiano das famílias era ideal para abordar os assuntos mais corriqueiros da sociedade, como os problemas amorosos, por exemplo.

Talvez os dramaturgos tenham adaptado mitos amplamente conhecidos e tenham dado uma nova roupagem à eles para que o impacto causado no público fosse ainda maior e elementos surpresa gerassem uma nova expectativa para as histórias que não eram inéditas, mas que há muito já faziam parte da cultura local. As narrativas nem sempre seguiam o modelo em sua totalidade, mas mantinham características básicas que as faziam ser reconhecidas dentro da sequência esperada. Os mitógrafos provavelmente tinham conhecimento de muitas versões, inclusive as que se perderam, e isso tornava o registro sobre cada um dos mitos bastante rico e diversificado.

<sup>190</sup> Ocna, Cleobeia, Estenebeia, Fedra e Gidica.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Diogo Martins. *Ciclos Mitológicos nas Fabulae de Higino: Tradução e Análise*. Campinas: [s.n.], 2013.
- BABBITT, Frank C. *Plutarch: Moralia*. Vol. IV. Cambridge: Harvard University Press, 1936.
- BEAULIEU, Marie-Claire Anne. *The Sea as a Two-way Passage Between Life and Death in Greek Mythology*. Austin: ProQuest, 2008.
- CABRAL, Luiz Alberto Machado. *A Biblioteca do Pseudo Apolodoro e o Estatuto da Mitografia*. Campinas: [s.n.], 2013.
- CAMPBELL, David A. *Greek Lyric: Bacchylides, Corinna and Others*. Vol. IV. Cambridge: Harvard University Press, 1992.
- COLLARD, Christopher & CROPP, Martin. *Euripides: Fragments. Aegeus-Meleager*. Vol. VII. Cambridge: Harvard University Press, 2008.
- COLLARD, Christopher & CROPP, Martin. *Euripides: Fragments. Oedipus-Chrysippus. Other Fragments*. Vol. VIII. Cambridge: Harvard University Press, 2009.
- EVELYN-WHITE, Hugh G. *Hesiod: The Homeric Hymns and Homericica*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.
- FERNANDES, R. M. Rosado. *Horácio: Arte poética*. 4ª ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2012.
- FYFE, W. Hamilton, HALLIWELL, Stephen & INNES, Doreen C. *Aristotle: Poetics, Longino: On the Sublime, Demetrius: On Style*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- GANTZ, Timothy. *Early Greek Myth: a Guide to Literary and Artistic Sources*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1993.
- GASELEE, S. & THORNLEY, George. *Daphnis and Chloe by Longus and The Love Romances of Parthenius and Others Fragments*. Cambridge: Harvard University Press, 1916.
- GRANT, Mary. *The Myths of Hyginus*. Lawrence: University of Kansas Press, 1960.
- GRAZIOSI, Barbara & HAUBOLD, Johannes. *Iliad: Book VI*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010.
- HANSEN, William F. *Ariadne's Thread: A Guide in International Tales Found in Classical Literature*. Nova Iorque: Cornell University Press, 2002.
- JANKO, Richard. *Aristotle: Poetics*. Indianapolis: Hackett Publishing, 1987.
- JESUS, Carlos A. Martins de. *Antologia Grega: Epigramas Ecfrásticos (Livros II e III)*. São Paulo: Coimbra University Press & Annablume Editora, 2015.
- JONES, W. H. S. & OMEROD, H. A. *Pausanias: Description of Greece*. Cambridge: Harvard University Press, 1918.
- KURY, Mário da Gama. *Sófocles: A Trilogia Tebana*. Vol. I, 15ª ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1993.
- LLOYD-JONES, Hugh. *Sophocles: Fragments*. Vol. III. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

- MAIR, A. W. *Calimachus: Hymns and Epigrams. Licophron: Alexandra. Arato: Phaenomena.* Cambridge: Harvard University Press, 1921.
- MOURA, Alessandro Rolim de. *Hesíodo: Os Trabalhos e os Dias.* Curitiba: Segesta, 2012.
- NUNES, Carlos Alberto. *Homero: Ilíada.* 25 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- NUNES, Carlos Alberto. *Homero: Odisseia.* 25 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- OLDFATHER, C. H. *Diodorus Siculus: Library of History. (Books 1 - 2.34).* Vol. I. Cambridge: Harvard University Press, 1933.
- OLDFATHER, C. H. *Diodorus Siculus: Library of History (Books 2.35 - 4.58).* Vol. II. Cambridge: Harvard University Press, 1935.
- OLDFATHER, C. H. *Diodorus Siculus: Library of History (Books 4.59-8).* Vol. III. Cambridge: Harvard University Press, 1939.
- OLIVEIRA, Flávio Ribeiro. *Eurípides: Hipólito.* São Paulo: Odysseus Editora, 2010.
- PERRIN, Bernadotte. *Plutarch: Lives.* Vol. I. Cambridge: Harvard University Press, 1914.
- PEREIRA, Reina Marisol Troca. *Sofrimentos de Amor.* Coimbra: Coimbra University Press, 2015.
- PLANT, Ian Michael. *Women Writers of Ancient Greece and Rome: An Anthology.* London: Equinox Publishing Ltd., 2004.
- RACE, William H. *Apollonius Rhodius: Argonautica.* Cambridge: Harvard University Press, 2009.
- SAÏD, Suzanne. *Homer and the Odyssey.* Trad. Ruth Webb. Nova Iorque: Oxford University Press, 2011.
- SCHÜLER, Donaldo. *Sófocles: Antígona.* Porto Alegre: L&PM, 2006.
- SEATON, R. C. *Apollonius Rhodius: The Argonautica.* Cambridge: Harvard University Press, 1912.
- SNYDER, Jane McIntosh. *The Women and the Lyre: Women Writers in Classical Greece and Rome.* Carbondale: SIU Press, 1991.
- SOMMERSTEIN, Alan H. *Aeschylus: Fragments.* Vol. III. Cambridge: Harvard University Press, 2008.
- SOMMERSTEIN, Alan H. *Oresteia: Agamemnon. Libation-Bearers. Eumenides.* Vol. II. Cambridge: Harvard University Press, 2009.
- TORRANO Jaa. *Hesíodo: Teogonia.* São Paulo: Iluminuras, 2003.
- VERITY Antony. *Pindar: The Complete Odes.* Nova Iorque: Oxford University Press, 2008.
- WAY, A. S. *Quintus Smyrnaeus: The Fall of Troy.* Cambridge: Harvard University Press, 1913.
- WEST, Martin L. *Greek Epic Fragments.* Cambridge: Harvard University Press, 2003.
- WHITMAN, Cedric H. *Homer and the Heroic Tradition.* Cambridge: Harvard University Press, 1958.
- WILSON, Emily. *Seneca: Six Tragedies.* Nova Iorque: Oxford University Press, 2010.